

Pastoral (Sergio)

MOVIMENTO

**OVOS EM LEITÃO
E KISSINGER**



ÚLTIMA EDIÇÃO

A OPINIÃO DOS CONSELHEIROS

Até amanhã de manhã páginas 4 a 6

UM ÍNDICE PARA OS COLECIONADORES

Resumo dos principais temas das 334 edições de Movimento páginas 7 a 15

MOVIMENTO MORREU. VIVA MOVIMENTO!

Um programa político-editorial que continua páginas 2, 3 e última

O QUE DIZEM AS GANGS DO PLANALTO

Fechamento reúne Golbery e Medeiros páginas 21 e 22

MOVIMENTO MORREU. VIVA MOVIMENTO!

Na história da imprensa ligada ao povo brasileiro, **Movimento** não foi a primeira publicação a fechar sob o peso de forças poderosas nas quais os interesses mais reacionários quase sempre ocupavam o lugar nº 1. É por essa razão que a decisão de fechar **Movimento**, tomada com lágrimas pela Convenção Nacional dos trabalhadores do jornal no último dia 15, tem apenas este significado: está encerrada mais uma etapa; a luta continua.

Não há dúvida de que fomos provisoriamente derrotados. Temos um passivo de cerca de 10 milhões de cruzeiros — 7 dos quais acumulados nos quatro últimos meses. Saímos há pouco de uma campanha de levantamento de fundos de mais de 6 milhões, que foram consumidos por novos prejuízos. Vendemos em bancas nos últimos meses uma média de 4 mil jornais — menos da metade de um ano atrás. E a ligeira melhoria no número de assinantes observada recentemente não foi suficiente para compensar as enormes perdas de receita e elevação de despesas no mesmo período.

Não há dúvida de que é uma perda. O povo brasileiro tem tão poucos veículos para ampliar sua voz, são tantas as mentiras, deformações e silêncios a que ele é submetido pela cadeia de interesses e propaganda a serviço dos donos do poder, que os nossos 11 mil exemplares vendidos semanalmente serão armas ausentes, quando a luta está acesa e são inúmeras as dificuldades.

Continuar, porém, seria pôr em risco a nossa própria tradição de luta: nosso jornal político, democrático e popular sempre foi para nós também um conjunto de compromissos econômicos e financeiros com centenas de colaboradores e fornecedores, milhares de assinantes. Não poderíamos continuar, se estava iminente a falência descontrolada de Edição S.A., a empresa que edita **Movimento**. Há seis meses atrás, inclusive, os nossos diretores haviam proposto o fechamento, diante do descontrole econômico e financeiro observado.

O fechamento é — para nós, portanto — assumir de forma consciente e combativa a condução de uma operação de retirada inevitável. E quanto mais decidida for esta operação, quanto mais rapidamente conseguirmos saldar os compromissos assumidos, quanto melhor pudermos avaliar os resultados e tirar deles as conseqüências práticas necessárias, tanto mais estará próximo um novo passo à frente.

A mesma convenção que reconheceu a necessidade do fechamento afirmou bem alto e claro também que nos retiramos orgulhosos e confiantes. A derrota é provisória, episódica; as conquistas e nosso legado serão duradouros, já pertencem à história. **Movimento** é uma realização relevante do movimento democrático e popular brasileiro. Sua história é um exemplo de lutas em defesa intransigente das liberdades democráticas, da independência nacional e da elevação do padrão de vida material e cultural dos trabalhadores.

Quem, por primeira vez na imprensa legal brasileira, nos anos desta ditadura, defendeu e fez propaganda da tese da Assembléia Nacional Constituinte Livre e Soberana convocada por um regime de amplas liberdades políticas? Em relação à ANC **Movimento** fez artigos, coberturas; programou e participou de debates; fez um Caderno Especial — 30 mil exemplares, vendidos sorratamente por fora do jornal e escapando à censura de 1977, ainda feroz; e teve apreendida a edição com matéria de capa dedicada à Convenção Nacional do PMDB que adotou como programa.

Quem, por primeira vez na imprensa legal brasileira nos anos desta ditadura, compreendeu a necessidade de elevar o nível informativo e a educação política dos trabalhadores através de artigos que contassem inclusive com sua participação? Durante vários meses **Movimento** editou o suplemento especial **Assuntos** — que também driblava a censura imposta ao jornal feito com a participação direta das lideranças de comunidades de base, operários, donas-de-casa e intelectuais, religiosos e estudantes ligados à luta do povo. Santo Dias, mártir da causa operária; Aurélio Peres, hoje deputado federal, então ferramenteiro da Caloi; “Bira”, hoje na direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo; “Osmarzinho”, líder nas greves dos metalúrgicos em São Bernardo, em 80; todos participaram do **Assuntos**, o enriqueceram e aprenderam com ele.

Nas páginas de número 7 a 15 desta edição está um índice resumido dos artigos que publicamos para cobrir acontecimentos que mostraram a justeza de programa que nos uniu para fazer um jornal — pela Constituinte, contra o militarismo, contra

Uma derrota provisória e uma grande perda. Mas quanto mais combativa e decidida for a retirada, quanto melhor avaliarmos os resultados e tirarmos deles as conseqüências práticas necessárias, mais próximo estará um novo passo à frente.

a espoliação imperialista, de denúncia do descalabro na dívida externa, de descrição das condições de vida dos trabalhadores na cidade e no campo; de divulgação de suas lutas e de sua cultura. Elas constituem uma amostra das razões de nosso orgulho e confiança. E indicam que nosso fechamento talvez se deva menos a nossos defeitos que a nossas qualidades: com esse tipo de cobertura, tendo tomado o partido dos que estão **abaixo**, quem nos daria os modestíssimos créditos que nos faltaram para “rolar” nossa dívida? que chefe de repartição deixaria passar nossos vendedores de assinaturas na luta desesperada que travamos para vender após os atentados terroristas contra as bancas de jornais? quem nos pagaria anúncios milionários multicoloridos e multinacionais no país dos Lutfallas, dos generais onipotentes, dos tecnocratas alugados ao grande capital internacional, o sucesso não é prova de valor. Como diz nosso amigo Pedro Casaldáliga:

“**Movimento** não fecha por falta de competência. Fecha por sobra de sinceridade. Se se vendesse à impostura, teria verbas oficiais”.

MOVIMENTO

Conselho Editorial de Movimento

D. Adriano Hipólito, Aguinaldo Silva, Alencar Furtado, Ana Dias, André Forster, Audálio Dantas, Aurélio Peres, Chico Buarque de Holanda, Clarice Herzog, Clóvis Moura, Daniel Cabixi, David de Moraes, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Moraes, Francisco Pinto, Geraldo Pastana, Geraldo Siqueira Filho, Jacob Gorender, D. José Maria Pires, José Nevais, Joviniano Carvalho, Lucio Fiala, Luiz Eduardo Greenhalg, Luiz Lacerda, Lysânias Maciel, Maria Nilde Mascellani,

Miguel Arraes, Ruy César Costa Silva, Teófilo Vilela, (Hemil Berba Filho 1917 — 1976).

Conselho de Direção

Agostinho Gisé, Aley Linhares, Alvaro Caropreso, Antonio C. Queiroz, Armando Boito Jr., Armando Sartori, Célia Regina de Souza, Delzir A. Matias, Flávio Carvalho, Igor Fuser, Jacira Venâncio, José C. Alencar, José Crisóstomo de Souza, Lia R. Dias, Luiz C. Antero, Luiz Macklouf de Carvalho, Luiz Pedro, Márcio Bueno, Murilo Carvalho, Paulo Koza, Perseu Abramo, Raimundo Rodrigues Pereira, Roberto Martins, Roldão Oliveira, Tibério Canuto e Washington Oliveira.

Diretoria de Edição S/A

Raimundo Rodrigues Pereira (presidente), Paulo Koza (diretor de operações), Perseu Abramo (diretor adjunto), Tibério Canuto (diretor adjunto).

Diretor Responsável

Raimundo Rodrigues Pereira.
Movimento é uma publicação de Edição S/A Editora de Livros, Jornais e Revistas. Administração e Redação: Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 625, Pinheiros, São Paulo, Brasil. CEP 05415. Telefones 210.6622 e 210.6744. Distribuição: Abril S/A — Cultural e Industrial. Rua Emílio Goeldi, 575 - Tel. 65.5115. Impresso

nas oficinas da Cia. Editora Jorués. Rua Gastão da Cunha, 49. Tel. 531.8900. São Paulo. Material Internacional via Varig.



Editora de Livros,
Jornais e Revistas

SERVÇOS
INTERNACIONAIS

Le Monde

Nossa última Convenção reafirmou, portanto, este passado e o programa que nos orientou a percorrê-lo. Hoje haveria uma razão maior, específica do jornal, para o termos feito: é a persistência da ditadura militar, o seu histórico de opressão e crimes, que constitui a causa número 1 do desequilíbrio nas finanças de **Movimento**. Desde os atentados às bancas de jornais em meados do ano passado que Edição S.A. entrou em déficit operacional profundo. Ao contrário dos prejuízos de 5 a 10% em nossa operação que haviam caracterizado o desempenho da empresa nos 5 anos anteriores, passamos a operar com déficits de 30 a 40%, impossíveis de serem cobertos com as campanhas modestas que vez e outra realizávamos junto a acionistas e amigos. Isto porque as bancas constituíam de 60 a 70% de nossas receitas; e subitamente perdemos mais de metade delas. Os jornalistas passaram a ser ameaçados não só por terroristas como pelos próprios serviços de repressão do regime que deviam proteger as vítimas dos atentados. (Dois exemplos recentes: um jornalista da Praça da Sé foi chamado a depor junto com 40 (!) outros e ameaçado para não vender mais nosso jornal, nem tornar públicas as ameaças. Em Cuiabá, um chefe de Correio foi intimado pelo DOPS local a fornecer a lista de nossos assinantes na área). Com isso perdemos uma média de 2 milhões de cruzeiros mensais da receita.

Isso torna cristalina a necessidade da formação de uma ampla frente política voltada para combater sem vacilação o regime militar que acoberta o terror e se aproveita dos seus crimes. A supressão do regime militar continua sendo, portanto, a necessidade central da luta política que se trava no país; a elevação no padrão de vida material e cultural dos trabalhadores pressupõe, como condição necessária, embora não suficiente, a formação de uma ampla frente que inclua todos os setores e classes sociais afastados do atual esquema de poder. Vai, portanto, de empresários a operários e camponeses. Quem defende de forma concreta a elevação da participação popular na vida nacional, assim como quem quer ver o país independente é obrigado, por sua própria luta, a voltar-se contra o regime militar; pois ele promoveu a degradação nas condições de vida e na participação política do povo e entregou o país à sanha dos financistas internacionais. Quem quer ajudar na educação política do povo e sabe que ele se educa através de sua própria participação no processo político real em curso no país não pode — sob o risco de cair no doutrinário e no palavrório — minimizar a prioridade da luta contra o regime militar. As próprias bandeiras operárias e populares devem ser levantadas dentro desse processo; a frente democrática e popular é o grande caudal ao qual se agregam tanto os opositores que vêem na supressão da ditadura um fim em si mesmo quanto aqueles que querem este fim dentro de um processo que leve a uma nova ordem econômica e social.

A Convenção reafirma, portanto, não só o programa de um jornal de frente democrática e popular, como garante que **Movimento** soube defender os interesses populares dentro dessa frente.

E aqueles que acham que **Movimento** fechou porque o processo de abertura foi bem sucedido respondemos: ao contrário, as ações frequentes da ultra-direita, seu fortalecimento dentro da máquina estatal, a própria queda do articulador político da abertura mostram que é necessário continuar empunhando as bandeiras democráticas não só para garantir que a democratização se dê a favor dos interesses populares como para impedir que a ultra-direita faça retroceder a própria e modestíssima abertura política, hoje enclacrada.

A Convenção não só reafirma o programa democrático e popular como aprovou que o método de trabalho entre as correntes democráticas e populares é de se empenhar para levar adiante os objetivos definidos em comum. E criticou aqueles que alteraram esse empenho antes do debate democrático.

Movimento acredita também que o seu encerramento está ligado à crise econômica, que reduziu o poder aquisitivo dos leitores e degradou as condições de operação da empresa; foi função também de uma dispersão de esforços internos, tanto na área de redação — que multiplicou indevidamente temas e debates —, como na área administrativa, que não concentrou recursos nas áreas de vendas de assinaturas, ponto chave do estrangulamento de nossas receitas.



Finalmente, a Convenção concluiu que o fechamento está ligado à conjuntura complexa em que está mergulhado o movimento opositor; para avançar é necessário formar partidos e consolidar

tendências. Esses esforços, por serem prioritários — e dada a delibidade política das correntes — têm enfraquecido provisoriamente os esforços de consolidação da frente. Assim, **Movimento** encontrava-se numa situação dupla: por um lado, incentivava os jornais partidários opositores, defende-os com decisão, e reconhece a sua imperiosa necessidade; por outro, sabe que, na fase atual, certas tendências e correntes estão tendo a ilusão de que o trabalho de frente democrática e popular na área de informações não é mais necessário — o que enfraquece o seu projeto.

Movimento morre, mas continua a necessidade urgente de unificação política, que passa pela compreensão do processo político em curso no país. No conjunto de publicações voltadas para o movimento democrático e popular há lacunas graves. Com o fim do nosso jornal, agrava-se a necessidade de uma publicação que trate com precisão, e de um ponto de vista democrático-popular, das questões políticas do momento, que abra suas páginas ao aprofundamento das lutas contra o regime militar e ao esclarecimento das causas básicas e dos mecanismos da crise que atravessamos e, secundariamente, dê espaço ao debate fraterno das divergências no seio das correntes opositoras.

É tão evidente que um jornal de frente, democrático e popular, é necessário, quanto é certo que inúmeras correntes políticas não podem consolidar-se, são perseguidas pela repressão, vivem na semiclandestinidad, forçadas pela sobrevivência da ditadura. Não é sem razão, que, para responder ao crescimento da ultradireita e a seus atentados às bancas, todos os jornais democráticos e populares — de O São Paulo e O Pasquim até O Trabalho e Convergência Socialista — escolheram, por unanimidade, para coordenar o Comitê dos Jornais Ameaçados pelo Terror, o editor de **Movimento**.

E é por razões como essa que, ao fecharmos mais esta página da história da imprensa democrática e popular brasileira, nós repetimos:

Movimento morreu: seus inúmeros erros breve serão também enterrados. Os objetivos pelos quais se bateu, seu programa político-editorial, as descobertas técnico-jornalísticas que fez, estão vivas.

Reafirmamos o nosso programa político editorial e a necessidade de um jornal de frente, democrático e popular, independente e pluralista. A educação política do povo se dará dentro do processo de luta contra o regime militar e não doutrinariamente.

“Até amanhã, de manhã”

Conselheiros avaliam a experiência de Movimento e concluem que suas idéias devem ser retomadas

O Conselho Editorial de Movimento é o espelho mais claro da frente democrática e popular que o programa do jornal procura expressar. Formado por 32 pessoas, incluía: dois bispos; três jornalistas; seis deputados; um senador; seis intelectuais; um artista; quatro líderes populares e democráticos; um líder indígena; dois sindicalistas; um líder estudantil; e dois políticos cassados. Entre os 32 conselheiros, três eram mulheres.

Além dessa diversidade da composição social do Conselho, ele era representativo também de várias correntes políticas de oposição — PMDB, PT, e setores independentes.

Nestas páginas, Movimento apresenta a avaliação que os Conselheiros fizeram de sua existência.

D. ADRIANO HYPÓLITO

Lamento profundamente que Movimento encerre suas atividades ininterruptas de mais de seis anos. Foi órgão da imprensa alternativa que contribuiu para conservar viva a consciência da democracia no Brasil e a esperança de suplantarmos mais cedo ou mais tarde a fase dolorosa dos governos militares. Queria agradecer de modo particular a cobertura que Movimento sempre deu à pastoral da Igreja Católica e à cobertura do sequestro ocorrido em 1976 e da bomba que explodiu na Catedral em 1979. Também memorável foi o esforço de Movimento para descobrir a autoria do sequestro de setembro de 1976. Por isso mesmo o agradecimento cordial da Diocese de Nova Iguaçu e o do bispo a toda a intrépida equipe de Movimento. Apoiarei sem dúvida nenhuma o surgimento de outro órgão que desenvolva a mesma luta de Movimento.

AGUINALDO SILVA

O jornal foi durante muito tempo, do ponto de vista dos leitores ou dos jornalistas, a única janela que se tinha para respirar. Os jornalistas não tinham outro veículo onde pudessem mostrar a situação que o país estava vivendo.

O jornal perdeu um pouco o pé em algumas ocasiões, mas em nenhum momento perdeu a importância como porta-voz dos que lutavam e lutas pelas liberdades democráticas. Houve momentos em que discordei da linha do jornal, mas estive sempre solidário com ele. Considero o fechamento de Movimento uma perda. É uma pena que o jornal não tenha encontrado os meios para sobreviver à crise e ao cansaço.

Acho que não vale a pena retomar o projeto de onde ele acabou. Teria que surgir um projeto novo que eu não tenho a menor idéia do que seria. As pessoas teriam que reunir e discutir sobre o que vale a pena fazer hoje e eu teria o maior prazer em participar desse tipo de debate. As forças democráticas estão em um momento de impasse. O fim do jornal pode significar um momento de extrema lucidez, um momento em que se vai rediscutir os rumos da imprensa que está ao lado do povo.

CLARICE HERZOG

Movimento teve um papel importante na minha vida; foi fonte indispensável de informação durante muito tempo, porque a imprensa continuou muito tímida, mesmo depois da queda da censura. O jornal era uma leitura necessária, e eu estabeleci uma ligação emocional com Movimento.

Respeito muito o Raimundo, seu despojamento, os prejuízos pessoais que enfrentou para fazer um jornal que, na imprensa alternativa, foi o que conseguiu se posicionar melhor. A idéia de ter um jornal de oposição, com uma linha mais ampla, é importantíssima; precisamos disso, é um espaço que não está ocupado, e nem será pelos jornais partidários.

É necessário ter um órgão que concentre as informações, que discuta o que acontece nas várias forças da oposição. Não vejo quem possa ocupar esse espaço. Vai ficar um vazio grande, e espero que vocês se rearticulem logo.

JACOB GORENDER

Confio na decisão tomada pela Con-



Amicucci Gallo

D. Adriano Hypólito



Nellie

Clarice Herzog

venção, não tenho motivos para colocar em dúvida seu bom senso. Manifesto aqui minha confiança no pessoal do jornal, em sua administração, redação, direção. Se o jornal conseguiu sustentar-se por sete anos, e chega agora a esta decisão, não tenho dúvida de que ela foi ditada por motivos insuperáveis.

É para mim óbvio que a ausência de Movimento vai abrir uma lacuna muito grave na imprensa brasileira em geral, particularmente na imprensa chamada alternativa.

Quero deixar claro que não é que eu esteja de acordo com todas as posições de Movimento nestes sete anos. Um jornal semanal, que é obrigado a tomar posição em cima dos fatos, está sempre sujeito a erros. E Movimento, a meu ver, em certas fases, não teve a melhor orientação.

Apesar disso, penso que o balanço geral é altamente positivo, porque Movimento foi sempre um porta-voz das reivindicações e das lutas da classe operária, dos camponeses, das camadas populares, dos intelectuais, das minorias discriminadas. E foi um porta-voz — gostaria de frisar — com o melhor nível jornalístico dentro da imprensa alternativa, apesar de trabalhar com recursos escassos e dentro de um ambiente de repressão como o que existe até hoje no Brasil. A equipe de Movimento, chefiada por Raimundo Rodrigues Pereira, conseguiu fazer um jornal inteligente, ágil, bem redigido, agradável de ser lido. Nesse particular, é uma lição para os jornais que sobrevivem. Formulo votos de que a herança de Movimento seja recuperada logo adiante.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Minha avaliação é superficial, acompanhei tudo isso de longe. Movimento nasceu de uma dissidência no jornal Opinião — ocasião em que me empenhei, primeiro, para que não houvesse dissidência; depois, para que não houvesse guerra entre os dois grupos. Por

isso, permaneci no Conselho Editorial dos dois jornais.

No geral, apesar de tudo, Movimento conseguiu — dentro duma esquerda fragmentada — navegar razoavelmente bem. Manteve-se digno estes anos todos, permitiu o debate interno, o que é importante.

Se não vingou, é porque mudou o Brasil. Uma parte da função que foi cumprida pela imprensa alternativa passou a ser cumprida parcialmente por outra imprensa, ou pelos partidos.

Não é que as funções da imprensa alternativa tenham se esgotado. Embora a outra imprensa tenha conquistado um espaço maior com a abertura, ela não tem o interesse de discutir problemas políticos e ideológicos, e nem sempre reflete como devia o que ocorre no mundo socialista.

Acho que alguma forma de publicação que mantenha o espírito da imprensa alternativa e recolha os temas gerais e o debate das esquerdas precisa ser criada. Não acho que a grande imprensa ou a imprensa partidária substituam esta função da imprensa alternativa.

Outro aspecto da experiência de jornais como Opinião e Movimento é que formaram muitos jornalistas e abriram um espaço não só de trabalho, mas também de expressão. A tentativa de transformar Movimento num órgão de partido é uma tentativa errada; Movimento é outra coisa — ou seria. É essa outra coisa que precisa existir.

GERALDO SIQUEIRA FILHO

É com muita tristeza que vejo, de pois de seis anos, o jornal Movimento o ver-se obrigado a encerrar suas atividades.

Tendo desenvolvido nesse período intensa atividade de denúncia e informação e sempre se colocando ao lado do povo e contra os interesses das classes dominantes nesse país, creio que o saldo de sua trajetória é altamente positivo; independentemente das divergên-



Ricardo Malta/Agência F4

Luis Inácio da Silva



Juca Martins — Agência F4

Lysâneas Maciel



Glêide Selma

Miguel Arraes



Ricardo Malta/Agência F4

Lúcio Flávio Pinto



Fernando Henrique

ciás que tenha tido com relação a uma ou outra abordagem veiculada pelo jornal. Ao contrário, creio que a livre discussão e informação sobre as diferentes opiniões existentes entre aqueles que se colocam ao lado dos trabalhadores só podem contribuir para o desenvolvimento de suas lutas.

O desaparecimento do jornal **Movimento**, por outro lado, nos faz refletir sobre os problemas sofridos pela imprensa popular no Brasil. Problemas esses que não se limitam apenas à existência da censura direta nas redações e que diz respeito ao próprio monopólio dos meios de comunicação de massa, e que nos remetem também, à própria pressão exercida pelos grandes grupos econômicos sobre as linhas editoriais dos jornais, resultando no boicote e asfixia econômica da imprensa democrática e popular.

O desaparecimento do jornal **Movimento**, se de um lado nos entristece pela perda de mais um combativo órgão, por outro coloca claramente para todos nós a convicção de que a luta dos trabalhadores no Brasil passa também pela luta contra o monopólio dos meios de comunicação em todos os seus aspectos, pelo fortalecimento da imprensa livre e popular e pelo amplo acesso de todas as correntes de opinião aos meios de comunicação de massa.

D. JOSÉ MARIA PIRES

Para mim a notícia do fechamento deste jornal vem como um golpe na liberdade de imprensa. **Movimento** batalhou desde o seu início por uma abertura não somente política mas sobretudo social. Por esse motivo, quando esta voz se cala a imprensa se empobrece em todo o país. Lamentando o desaparecimento deste prestimoso órgão de defesa das liberdades democráticas, fazemos votos no sentido de que as mesmas forças que conseguiram fundar **Movimento** se mantenham firmes nos mesmos ideais de liberdade e transformações sociais.



Geraldo Siqueira

JOVINIANO CARVALHO

O jornal **Movimento** vinha dando contribuição única à frente democrática e popular. Na análise da crise econômica e das manobras do regime, na compreensão e documentação da situação da luta e organização popular. Na prática de frente que coloca juntos em seu conselho, entre tantos, Miguel Arraes, Lula, D. Adriano Hypólito, Aurélio Peres, José Novaes, Teotônio-Vilela, Lysâneas Maciel etc.

Para sua crise contribuíram anos de censura, a retração da venda em banca após os atentados terroristas, a diminuição do poder aquisitivo da população, o surgimento de jornais e revistas de correntes políticas. Para muitos, **Movimento** tornou-se reserva estratégica: "compro quando sai coisa boa".

Jornal de frente, reserva estratégica, fonte de documentação e análise, ponto de concretização da frente democrática, **Movimento** é necessário. Se morrer fará falta. Espero ajudá-lo a viver ou a reviver.

LÚCIO FLÁVIO PINTO

Numa das épocas mais trágicas da história brasileira (1969-1974), os jornais fechavam por causa da censura, a síndrome do autoritarismo. Agora que vivemos a fase da abertura, jornais fecham por dificuldades econômicas. Não se trata propriamente de um enunciado de lei e a trajetória não é exclusiva de empresas jornalísticas: ela reflete a situação de um país que define o ritmo de sua vida ou vindo os acordos que vem de fora de seu território. A "descompressão política" é paga com o aniquilamento da vitalidade econômica interna do país.

A crise específica da imprensa merece atenção. Afinal, ela é um dos suportes indispensáveis do processo democrático: sua ausência não compromete apenas o nível de informação da opinião pública, mas também a possibilidade de termos uma sociedade plura-



D. José Maria Pires

lista. Só com esses propósitos a imprensa legítima o poder que incontestavelmente possui — usado freqüentemente apenas para iludir corações e entorpecer as mentes.

Movimento defendia princípios que se encaixavam com um programa democrático e por isso o apoiamos. A inevitabilidade do seu fechamento, porém, deve alertar aqueles que o faziam — para a necessidade de refletirem melhor e mais profundamente sobre a posição que a imprensa alternativa deve ter nesse momento delicado da vida nacional. Para ser bem sucedida, ela deve ter administradores e jornalistas competentes, alternativamente competentes. E um projeto global (administração + jornalismo) adequado a um momento de muita e nenhuma informação.

LUIZ INÁCIO DA SILVA

Movimento teve papel altamente importante no processo de democratização do país. Houve momentos em que **Movimento** foi o único respiradouro da sociedade civil na luta contra a censura, contra a tortura, contra o arbítrio, contra a corrupção do regime. Como consequência dessa e de outras lutas, o regime foi obrigado a recuar em algumas de suas atitudes arbitrárias, embora ainda estejamos muito longe de uma real abertura que contemple as reivindicações dos trabalhadores. Isso gerou circunstâncias novas, e surgiram novos canais — jornalísticos e políticos — de expressão dos interesses populares. A repressão de direita, as dificuldades econômicas, o grau ainda insuficiente das lutas populares, levaram, lamentavelmente, ao fim de **Movimento**. É uma lacuna que dificilmente será preenchida.

LYSÂNEAS MACIEL

Hoje, quando há uma relativa liberdade para a imprensa alternativa, tal-

vez não se possa aquilatar o papel que **Movimento** desempenhou dentro de normas rígidas de repressão, quando a tentativa de transmitir informações e análises corretas da situação política e econômica era considerada atentatória à segurança nacional. **Movimento** teve a coragem de ser sereno e objetivo quando a situação se impunha. Daí sua permanente credibilidade, não permitindo que a objetividade fosse ultrapassada pelo sectarismo. Agora, que **Movimento** encerra suas atividades — todos nós esperamos, provisoriamente — é necessário destacar a figura de Raimundo Pereira. Jornalista sério, competente, engajado e presente. Ao findar esta etapa, podemos dizer que foi boa e positiva para os interesses nacionais e para o povo brasileiro a existência do jornal.

MIGUEL ARRAES

Cala-se uma voz que durante sete anos divulgou e interpretou com fidelidade os problemas e a luta do povo brasileiro. Resistiu ao arbítrio e à censura do regime, não podendo contudo fazer face às pressões de ordem financeira. Os que lutam por uma real democracia do país, perdem assim uma importante tribuna. Estamos certos, porém, de que a contribuição maior dada por **Movimento** à luta do nosso povo permanece: este exemplo de resistência para implantação de uma imprensa livre no Brasil frutificará.

RUY CESAR

Fiquei profundamente tocado com a notícia do fechamento do jornal **Movimento**. Minha relação com o jornal, além de política, chega a ser emocional. Foi praticamente com este jornal que iniciei minha formação política. Na minha opinião o movimento progressista é oposicionista perde o semanário que maiores contribuições tem dado à luta política neste país. Resta a expectativa de que a sua proposta corajosa, introduzindo no debate político temas como a independência nacional, Constituinte, reforma agrária e outros, seja levada adiante, com a mesma amplitude que reuniu em torno do jornal diversas correntes políticas progressistas possibilitando um debate inédito. O jornal **Movimento**, por problemas financeiros deixa o cenário político do país num momento em que mais do que nunca se torna necessário um instrumento de discussão política que aproxime o debate entre diversas correntes de opinião. Realmente, muita gente vai ficar à procura do que ler toda a semana.



D. Pedro Casaldáliga

“Movimento fecha por sobra de sinceridade”

Movimento, que deu cobertura e estímulo, lúcidos e comprometidos, ao dia-a-dia do povo do campo e da cidade, fecha, provisoriamente.

Morrer não pode, como não pode morrer o povo-em-movimento.

Movimento não fecha por falta de competência, fecha por sobra de sinceridade. Se se vendesse à impostura, teria verbas oficiais, não seria perse-

guido. Sempre é mais digno tombar na luta.

A corrupção oficial — esse “mar de lama”, que Movimento denunciou tantas vezes de um modo irrefutável — necessita, para grassar, de um silêncio publicamente garantido. O capital e a repressão, aliados, não suportam a luz pública.

Amanhã, quando seja um pouco mais o “outro dia”, que tantos vêm construindo com seu sacrifício, Movimento abrirá de novo. Tendo o povo vez, terá sua voz.

Enquanto isso, vamos sentir a falta dessa mesa-redonda semanal, já familiar, de uma larga oposição sem exclusivismos nacionais e internacionais, que nos davam, com justeza, quase

sempre e, por vezes, de primeira mão, a real atualidade do Brasil e do exterior. Sem medo, sem intervenções. Essas viventes cenas do nosso povo e de seus heróis, que a “grande” imprensa sistematicamente ignora ou persegue.

Movimento fecha, até amanhã, de manhã. Ainda é noite, no Brasil.

Esperando a nova etapa de Movimento, a todos os artífices do Movimento-jornal e a todo o povo-em-movimento (ninguém vai impedir a caminhada de todo um povo) reafirmo o meu testemunho de total solidariedade fraterna.

*Pedro Casaldáliga,
Bispo de São Félix
do Araguaia, MT.*

ANA DIAS DA SILVA

Eu acho que o jornal **Movimento** foi muito importante na luta política. E a gente percebe que é necessário um jornal desses, porque ele tinha um compromisso com a luta popular. Apesar das falhas. Quando o Santo morreu, foi o jornal que melhor cobriu, e por isso mesmo, ganhou até o prêmio Vladimir Herzog. Mas, no primeiro aniversário da morte do Santo, nenhuma linha .

Mas, desde o primeiro número, desde que a gente começou assim na luta, a gente começou a assinar **Movimento**. O Santo queria fazer um livro com toda a caminhada do **Movimento**, a gente aprendeu muito com o **Movimento**. O Raimundo e outras pessoas do jornal fizeram muitas palestras, ajudaram muito na nossa luta, na nossa caminhada.

Teve também aquele jornalzinho, o **Assuntos**, que até o Santo participou, deu uns palpites, era um jornal fácil, barato (porque o **Movimento** também é um jornal caro), e que resumia o noticiário mais da briga e da vida do povo. **Movimento** tinha matérias com linguagem difícil, muitas vezes, além do preço, muito caro para um operário comprar. Na página **Movimento Popular**, eu acho que tinha começado a aparecer alguma coisa do trabalho do povo.

Sempre que morre um jornal, morre uma parte da luta aí. Por menos que ele tenha penetração na massa, é um reforço. Se o **Movimento** não estava sendo viável no momento, é pelo motivo das divisões que a gente tá vivendo no momento. Porque o **Movimento** a gente sempre considerou muito, ainda era um espaço garantido para que o povo fazia. A gente sabia: não, saiu em tal jornal, mas no **Movimento** a gente sabe que sai, **Movimento** garante. **Movimento** foi sempre um esteio muito grande pra luta, teve um papel muito importante em toda essa caminhada de luta aí .

FERNANDO MORAIS

Os que por anos a fio se bateram pela liberdade de imprensa em nosso país receberam com profundo pesar a notícia de que o jornal **Movimento**, pioneiro do jornalismo independente e democrático, não estará mais nas bancas a partir de sua próxima edição.

Depois de receber da ditadura o privilégio de ser censurado desde seu número zero, **Movimento** teve cinco edições apreendidas pela Polícia Federal, a última das quais denunciava a farsa do inquérito que apurou o atentado terrorista do Riocentro.



Aurélio Peres

Movimento foi uma iniciativa ousada e pioneira em todos os sentidos. Dele participaram ou para ele contribuíram as melhores mentes deste país, e as mais talentosas penas do jornalismo brasileiro. Suas 334 edições representaram uma página indelével na história do jornalismo brasileiro e da luta pela liberdade de imprensa no Brasil.

Movimento fechou, mas as idéias que defendeu, que semeou em nossa pátria continuam perenes. Faço minha a moção aprovada por unanimidade na assembléia de funcionários e colaboradores ao decretar seu fechamento, que manifesta a disposição de continuar lutando pela existência de um jornal popular, pluralista e independente em nosso país. Esse tipo de jornal voltará a existir e, por uma questão de justiça, voltará a ter o mesmo nome que marcou a história do jornalismo brasileiro: **Movimento**.

CLÓVIS MOURA

Acho lamentável o fechamento de **Movimento**. No entanto, aceito as razões apresentadas por irremediáveis. **Movimento** foi durante longo tempo um jornal no qual a maioria da nossa intelectualidade, setores políticos mais representativos e setores operários mais conscientes podiam se manifestar. Enfrentou a censura, o terrorismo, o boicote, o incêndio às bancas e a impossibilidade de solucionar os problemas financeiros advindos daí. No momento em que precisamos de um debate cada vez mais amplo e democrático, dos caminhos capazes de solucionar os grandes problemas que nos apresentam, ele é obrigado a deixar de circular. Fica um espaço aberto que deverá ser preenchidos na medida em que as necessidades políticas o exigirem.

Com todos os erros e algumas omissões, foi contudo o porta-voz mais autêntico durante este período dramático para o Brasil.

AURÉLIO PERES

As vezes os fatos se tornam irreversíveis e aí não há possibilidades de contorná-los. É o caso do nosso jornal, que se tornou inviável economicamente.

Isto aconteceu num momento em que não poderia ter acontecido. Tenho a impressão de que se todas as forças, os grupos e as pessoas independentes que participavam do jornal tivessem feito um esforço para perceber a importância de **Movimento** e tivessem entendido com clareza a situação política que atravessamos, poderíamos ter encontrado uma forma de o jornal continuar cumprindo o seu papel de órgão de informação, democrático, de frente, sério.

Acredito até que o desfecho final se deve também a alguns erros cometidos pelo próprio jornal, embora não sejam determinantes. Para mim, além da cri-



Fernando Morais

se político-econômica que atravessamos, a principal responsável pelo fechamento do jornal foi a ação das forças reacionárias, que, dentro de um plano de pulverizar a oposição — o que tem conseguido — utilizou todos os meios para liquidar a imprensa alternativa, criando um clima de terrorismo com a intenção de prejudicar e inviabilizar alguns jornais como o nosso.

Em resumo, o fechamento do jornal é um fato lamentável e deixa um espaço vazio que não é cumprido por nenhum outro da imprensa existente. A ausência de **Movimento** é um grande prejuízo para as forças democráticas e populares de nosso país.

ANDRE FORSTER

Cada número do jornal **Movimento** foi um passo ao lado da consciência crítica de muitos setores e uma referência provocadora de estímulos àqueles que, em tantos lugares conduziam suas lutas contra o regime. Ele foi esclarecedor em tempo obscuro. Hoje, quando se revela o lado oprimido da realidade brasileira, pode-se dizer que o jornal **Movimento** tem parte nisso tudo.

Se o jornal **Movimento** hoje se vê forçado a encerrar suas atividades que não o seja para sempre. As forças democráticas devem proceder a um amplo esforço de retomar imediatamente esse trabalho, porque agora, quando se avança para conquistar algumas mudanças reivindicadas também será enorme o esforço dos grupos monopolistas para ludibriar nosso caminho. Agora é, outra vez, o momento de continuarmos. Aliás, nessa luta não se pára nunca.

MARIA NILDE MASCELLANI

Tendo acompanhado a trajetória de **Movimento** sabemos o que significou sua luta, seus revezes, no decorrer de quase seis anos de existência. O que especialmente significou como testemunho para todos nós a combatividade de seus dirigentes e de vários colaboradores na sustentação material do jornal e na fidelidade aos objetivos que nortearam sua construção. **Movimento** foi o único jornal alternativo que sobreviveu aos tempos de uma repressão extremamente forte e ostensiva, quando o avanço da luta popular era uma perspectiva, apenas. A solidariedade dos que com ele se identificam e as campanhas de assinaturas permitiram que fosse independente a qualquer tipo de junção externa. Chegou porém o momento da repressão sutil, disfarçada: da implantação do terrorismo, no caso das queimas das bancas de jornais, das prisões dos jornalistas. As vendas são reduzidas, os custos aumentam, o poder aquisitivo é rebaixado.

Desejando manter-se como um jornal de frente se depara também, no mo-



Ana Dias da Silva

mento presente, com as contradições que esta posição carrega. Se **Movimento** se encerra, temos a certeza do esforço que todos demos para mantê-lo, mas acreditamos que ele cumpriu sua tarefa política, cultural e educacional. Pensamos que ele se encerra de pé com a coragem dos fortes. Que esta mesma coragem possa animar a equipe de **Movimento** a encontrar outras perspectivas que venham responder aos desafios do momento que atravessamos.

FRANCISCO PINTO

O jornal **Movimento** nasceu lutando na resistência democrática contra a ditadura. Não viveu de ilusões e as ingênuas alegrias da infância. Daí porque Bernardo Kucinski dizia que **Movimento** era um jornal que não ria. Suas alegrias eram fruto das batalhas vencidas contra a perseguição, surgiam da superação da dor provocada pelos frutos do terrorismo oficial (vários de seus números foram inteiramente roubados pela repressão instalada no Ministério da Justiça). Suas alegrias advinham da compreensão e da solidariedade popular e da consciência de que, durante o período mais duro do regime, **Movimento** era o único órgão da imprensa que mesmo censurado conseguia informar parcialmente a opinião pública de fatos que a grande imprensa encobria.

O que é aparentemente difícil de explicar é como, vencendo os obstáculos da escuridão da noite do terror, **Movimento** fecha na fase em que a ditadura recua. Sim, aparentemente difícil de explicar mas apenas para os que se iludem com a "abertura" e com os "bons propósitos" dos ditadores de plantão. Se é uma verdade que acabou a censura oficial em **Movimento**, fruto da luta da oposição democrática, é verdade e não podemos esquecer que o terror continuou perseguindo o jornal. Os atentados terroristas nas bancas, até hoje não apurados e acobertados pelo governo, prejudicaram enormemente sua receita: sua única receita que é a venda de jornais. Aliada a isso, a grave crise econômica que o governo militar impõe ao país, levou **Movimento** a dificuldades financeiras, a exemplo do que ocorre com milhares de pequenas empresas no Brasil.

Então, inevitavelmente **Movimento** tem que parar de circular. Uma paralisação que esperamos seja temporária. Não podemos esquecer que apesar do fechamento de **Movimento** significar um momento de luto para os brasileiros democratas, a luta tem de continuar para reerguermos o jornal **Movimento** e preenchermos a grande lacuna que ficará na imprensa democrática com o seu fechamento. A oposição democrática e popular tem esse compromisso de reerguer **Movimento**, por tudo que representou no passado e o que representa na atualidade.



Maria Nilde Mascellani

Constituinte

A defesa da convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana é parte integrante do programa político-editorial de Movimento, aprovado na Convenção de 1980 e reafirmado na Convenção deste ano. Profundamente inserido na luta pela democracia, Movimento foi talvez o primeiro órgão de imprensa a levantar essa bandeira e a defendê-la sistematicamente em artigos e debates. São importantes as contribuições editoriais do jornal no sentido de diferenciar as propostas de "Constituinte com João" e semelhantes de uma Constituinte que realmente interesse aos setores democráticos e populares. Em agosto de 1977, Movimento publicou o caderno especial Constituinte: Como? Por quê? A quem serve?

1975

A CONSTITUINTE. É uma proposta justa? Viável? Agora? Quando? 22/12, n.º 25, p.4.

1977

"SERIA BOM CONVOCAR A ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE". Entrevista a Movimento de Aliomar Baleeiro, ex-ministro do STF. 31/1, n.º 83, p.4 e 5.

A CONSTITUINTE, Roberto Suzedelo. Os 30 anos da Constituição de 46. 7/2, n.º 84, p.6 e 7.

AS RAZÕES E AS CONDIÇÕES, Teodomiro Braga. Começa a crescer em todo o país a idéia de eleger uma Assembleia Nacional Constituinte. 2/5, n.º 96, p.2.

"UMA TAREFA PARA O POVO". Entrevista com Fernando Coelho, deputado do MDB de Pernambuco. 2/5, n.º 96, p.2.

"AS RUAS ESPERAM O MDB", Tiberio Canuto. Entrevista de Marcelo Cordeiro, do MDB de Salvador a Movimento 2/5, n.º 96, p.3.

OS PRESSUPOSTOS DA CONSTITUINTE, Chico Pinto. Sobre declarações de dirigentes do MDB ao tentarem definir a Constituinte. 9/5, n.º 97, p.9.

O DEBATE DA CONSTITUINTE: QUAL? COMO? QUANDO? Parlamentares de algumas entidades ouvidos por Movimento, respondem. 9/5, n.º 97, p.10 e 11.

A VOZ (E O PODER) DO POVO, deputado João Gilberto. As opiniões do deputado sobre a Constituinte. 16/5, n.º 98, p.5.

A TRADIÇÃO E A SOLUÇÃO, Hélio Silva. As três Assembleias Constituintes da República. O "pacote" de abril eliminou as dúvidas sobre a oportunidade da Constituinte. Anistia, mais necessária que nunca. 30/5, n.º 100, p.4.

PERGUNTAS SOBRE A CONSTITUINTE, Raimundo Rodrigues Pereira. Porque? Quando? Como? Para quem serve? A participação popular em 46. As Constituintes e a Constituição. 20/6, n.º 103, p.4.

"A CONSTITUINTE, COMO A DEMOCRACIA SÓ AVANÇARÁ DECISIVAMENTE COM A EFETIVA PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES". Entrevista com o suplente do deputado Domingos Leonelli, do MDB da Bahia. 20/6, n.º 103, p.5.

"O MDB DEVE SER O CARRO-CHEFE DA PREGAÇÃO DA CONSTITUINTE". Entrevista com o presidente do MDB do Paraná, Euclides Scalco. 27/6, n.º 104, p.4.

"O IDEAL É A CONSTITUINTE". Entrevista com o deputado Pedro Simon, do MDB do Rio Grande do Sul. 4/7, n.º 105, p.6.

A ALTERNATIVA DE FREITAS NOBRE, entrevista a Teodomiro Braga. O líder do MDB na Câmara diz que "se a campanha pela Constituinte não obtiver resultados rápidos, será possível a transformação do Congresso eleito em 78 em Constituinte". 25/7, n.º 108, p.7.

A DEMOCRACIA DE 46. Depoimento a Márcio Bueno e Maurício Azedo de Hermes Lima. Depoimento de um dos deputados da Constituinte de 46, sobre a reorganização do país, após o Estado Novo. 25/7, n.º 108, p.8.

O NOVO "QUEREMISMO", Sérgio Buarque. Alguns influentes deputados do MDB defendem em 77 um movimento "queremista igual aos que os trabalhadores pregavam em 45: Constituinte com Getúlio". 8/8, n.º 110, p.2.

MOVIMENTO

CONSTITUINTE

AS RAZÕES E AS CONDIÇÕES



Nº 96, maio/77

A REABERTURA DO CONGRESSO, Coluna de Chico Pinto. Convenção Nacional do MDB e a Constituinte. 8/8, n.º 110, p.4.

PELA CONSTITUINTE, MAS QUAL CONSTITUINTE? Enquete com 11 membros efetivos da Comissão Executiva para determinar em que grau a Constituinte é uma bandeira bem aceita. 22/8, n.º 112.

PELOS TRABALHADORES. Entrevista com o ex-deputado petebista Euzébio Rocha, o mais novo Constituinte de 46. 29/8, n.º 113.

A QUEM SERVIU 46? Nelson Werneck Sodré. Análise história da Constituinte de 46. 5/9, n.º 114, p.6.

CONSTITUINTE COM LIBERDADE E ANISTIA, Teodomiro Braga. Campanha nacional do MDB pela Convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. 19/9, n.º 116, p.4.

VITÓRIA DA OBSTINAÇÃO, Teodomiro Braga. Posições dos deputados Francisco Pinto e Jarbas Vasconcelos sobre a Constituinte. 19/9, n.º 116, p.5.

PORQUE LUTAR PELA CONSTITUINTE As opiniões de um físico (Mário Schemberg), um professor de Direito (Dalmo Dallari), um professor de Ciências Sociais (Francisco Wefort) e de um representante da Igreja (Ivo Poletto). 19/9, n.º 116 p.6.

"A CONSTITUINTE É A VOZ DA NAÇÃO QUE HA DE SER OUIDA". Nota oficial aprovada na Convenção do MDB. 19/9, n.º 116, p.8.

DIALOGO E CONSTITUINTE, Coluna do Editor. A direção emedebista acende uma vela ao governo e outra à oposição. 25/9, n.º 117, p.2.

O INÍCIO DA CAMPANHA DO MDB, Teodomiro Braga. Apesar da divisão interna o MDB começa a opor a proposta da Constituinte à proposta do diálogo. 25/9 n.º 117 p.4.

UM NÓ COM TRÊS LAÇOS, Cartas Abertas. Os 3 aspectos fundamentais (o nacional, o democrático, e o popular) da discussão da Assembleia Constituinte. 3/10, n.º 118, p.18.

A CONSTITUINTE, O PARTIDO, OS INTELECTUAIS E OS TRABALHADORES. Ensaio populares. Sobre a entrevista do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Lula. 14/10, n.º 124, p.3.

A INFLAÇÃO E A CONSTITUINTE. Ensaio Populares. Para acabar com a carestia é necessária uma nova Constituição? 5/12, n.º 127, p.2.

CONSTITUINTE: COMO? PORQUE? A QUEM SERVE? Caderno especial com depoimentos e entrevistas. Agosto de 77.

1978

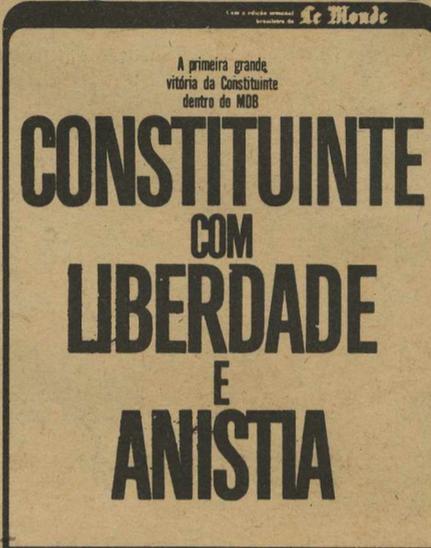
O ANO QUE PASSOU — 1977-1978, Raimundo Pereira. Um balanço dos principais acontecimentos do ano de 1977: a economia, a Constituinte e a animação das classes e das camadas populares. 2/1, n.º 131, p.3 a 5.

A ARÉNA DISSIDENTE BUSCA O MDB E OS EMPRESÁRIOS, Raimundo Pereira. O apoio de Severo Gomes à candidatura Magalhães Pinto. A redemocratização do país e o teste da Constituinte. 16/1, n.º 133, p.3.

O MDB DEVE ENTRAR NA DANÇA? Pesquisa promovida por Movimento junto a parlamentares do MDB e outras personalidades da vida política do país sobre a idéia do MDB lançar uma candidatura à Presidência da Re-

Movimento foi o primeiro órgão da imprensa brasileira a levantar, em 1975, essa bandeira

MOVIMENTO



Nº 116, set/77

pública. Depoimentos que compatibilizam uma candidatura com a campanha pela Constituinte. 30/1, n.º 135, p.3.

O MDB, A SUCESSÃO E A CONSTITUINTE (ensaio populares). 30/1, n.º 135, p.4.

LIÇÕES DO PEDREIRO DE CRATEUS, Luiz Carlos Antero. Zé Maria, o pedreiro que foi candidato a prefeito de Crateús, em 1976, fala sobre o MDB, a reforma agrária, o capital estrangeiro e a Constituinte. 20/2, n.º 138, p.9.

EULER ACEITA A CONSTITUINTE — Raimundo Pereira. Sob o fogo dos que o consideraram um exacerbado nacionalista, o general Euler Bentes Monteiro defende um governo de transição, o fim dos atos e leis de arbítrio, a anistia e a Constituinte. 7/8, n.º 162, p.3. Os novos defensores da Constituinte. A campanha ganha nova força. 7/8, n.º 162, p.3.

1979

SEVERO E EULER: PELA CONSTITUINTE, Manifesto coordenado por Severo Gomes e apoiado por Euler. Coloca a Constituinte no centro da luta oposicionista. 9/4, n.º 197, p.4.

DAS GREVES A CONSTITUINTE, Alfredo Pereira. O agravamento da crise econômica aumenta a necessidade de se lutar pela Constituinte 21/5, n.º 203, p.6.

A CONSTITUINTE, A CLT DEMOCRÁTICA, O debate das leis do trabalho. 11/6, n.º 206, p.7.

SÓ OS INCAUTOS NÃO PERCEBEM A TRAMA, Jarbas Vasconcelos. Para completar a farsa da reforma partidária, só falta o governo anunciar na TV: Constituinte com João. 15/10, n.º 224, p.7.

A CONSTITUINTE QUE QUEREMOS. José Salles. A Constituinte que queremos não é com ou sem João, mas com democracia. 12/11, n.º 228 p.8.

1980

O PT E A CONSTITUINTE. Decisão da Convenção Nacional do PT de não incluir em seu programa a defesa da Constituinte. 9 a 15/6, n.º 288, p.2.

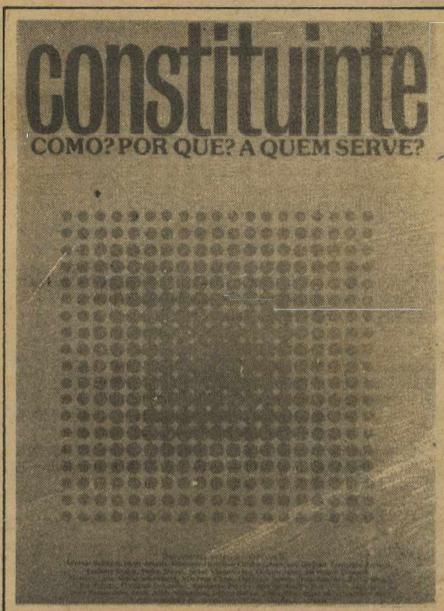
CONSTITUINTE A ÚNICA SAÍDA VIÁVEL. Entrevista com Teotônio Vilella, que defende uma "Federação de Oposições", cujo programa mínimo seria a convocação de uma Constituinte. 9/6, n.º 258, p.5.

A OPOSIÇÃO, O JOÃO E A CONSTITUINTE, Raimundo R. Pereira. O editor discute as teses sobre a luta pela Constituinte defendida por Teotônio Vilella neste jornal. 23/6, n.º 260, p.2.

A CONSTITUINTE DO JOÃO E A NOSSA, Raimundo R. Pereira. O editor conclui artigo sobre Constituinte iniciado no nº anterior. 30/6, n.º 261, p.2.

O PAPA E OS RICOS, A CONSTITUINTE E FIGUEIREDO, Raimundo R. Pereira. Editorial sobre a Constituinte, 7/7, n.º 262, p.2.

COM JOÃO OU SEM JOÃO, Antonio Carlos Queiróz. A opinião da oposição sobre a Constituinte: com João, sem João, união nacional, governo dos trabalhadores etc. 7/7, n.º 262, p.2.



Especial, ago/77

CONSTITUINTE 4 X 0: Opinião: O PT e a Constituinte. Raimundo Pereira 14/7, n.º 263, p.6.

SEM ILUSÕES COM A BURGUESIA LIBERAL, opinião de José Dirceu sobre a política de alianças e a Constituinte. 11/8, n.º 267, p.14 e 15.

OS TRABALHADORES E A POLÍTICA, opinião de Odilon Júnior sobre a Constituinte. 11/8, n.º 267, p.15.

A ÚLTIMA GOVERNISTA: A CONSTITUINTE DO JOÃO, Antonio Carlos Queiróz. A proposta de setores do governo quanto à Constituinte 18/8, n.º 268, p.3.

A CENTELHA NATIVISTA É CONTRA A CONSTITUINTE COM JOÃO, Antonio Carlos Queiróz. Dissidência militar fala para Movimento 15/9, n.º 272, p.6.

ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE? - QUEM GARANTE? Opinião de Marcos Rolim sobre a Constituinte. 15/9, n.º 272, p.8 e 9.

NÃO PROPOMOS GOLPE CONTRA O GOVERNO, Opinião de Hércules Correa sobre a conjuntura e a Constituinte. 22/9, n.º 273, p.6.

O PMDB DEVERA ESTAR AO LADO DOS MOVIMENTOS POPULARES. Opinião de Odaírc Klein sobre a proposta do PMDB e a Constituinte. 29/9, n.º 274, p.10.

POR UMA CONSTITUINTE QUE UNIFIQUE O POVO, PRINCIPALMENTE, Raimundo R. Pereira. O dia 15 de novembro transformado em dia de luta nacional pela Constituinte. 27/10, n.º 278, p.2.

1981

COM AFONSO ARINOS, MAIS UMA VEZ, A TRADIÇÃO E TRAIÇÃO CONCILIADORA. José Carlos Ruy. A proposta de Arinos de transformar o Congresso de 82 em Constituinte. 2/2, n.º 292, p.2.

VELHO CONTEÚDO COM CARA NOVA Nelson Levy. O debate sobre o PT e a Constituinte. 30/3 n.º 300, p.16.

ERROS NO COMBATE AO ECONOMICISMO, José Genoino Neto e Alon Feuerverker. O debate sobre o PT e a Constituinte. 30/3 n.º 300, p.17.

MEDO DE PECAR SÓ IMOBILIZA, Sérgio Weigert e Adelmo Genro Filho, Tribuna Livre. O debate sobre o PT e a Constituinte. 27/4, n.º 304, p.19.

LIÇÃO DE BRASÍLIA: OPOR A CONSTITUINTE AO DIALOGO COM O REGIME, Nossa Opinião. O governo reprimiu ato pelas eleições diretas no Distrito Federal, ao mesmo tempo que dialogava, em busca de entendimento sobre a Lei dos Estrangeiros. 4/5, n.º 305, p.2.

UMA EXPERIÊNCIA MODELO, Vera Flores. O comitê pela Constituinte do RS. 25/5, n.º 308, p.4.

COMITÊS PELA CONSTITUINTE JA. A estruturação de comitês unitários pela Constituinte. 1/6, n.º 309, p.5.

PORQUE UMA CONSTITUINTE, Raimundo R. Pereira. Só uma Assembleia de representantes do povo, com plenos poderes, acabará com a opressão do regime militar. 17/8 n.º 320 p.14.

Militares

O jornal acompanhou as divergências nos quartéis e contribuiu para esclarecer episódios ocorridos no período fascista.

A cobertura da área militar feita por Movimento mostra que o processo de "distensão lenta e gradual" do general Geisel com seus avanços e recuos, provocou dois movimentos contrários no interior das Forças Armadas. O primeiro foi de rebeldia, contra os retrocessos como o "pacote de abril" e como a escolha do sucessor presidencial à revelia até mesmo da opinião dos chefes militares.

O outro movimento, em sentido oposto, foi o da tentativa de barrar o projeto de abertura política que, se não tivesse freios, acabaria colocando a descoberto todos os envolvidos com o período do fascismo.

O regime, deixando clara a sua natureza, tratou de maneira diferenciada os integrantes dos dois movimentos. Os militares democráticos foram punidos sistematicamente, enquanto os da linha dura foram acobertados mesmo quando apanhados em claro e límpido flagrante.

Acompanhando de perto todos os movimentos da FNR, especialmente nos três meses que precederam as eleições de 15 de novembro, quando a Frente se posicionou mais claramente em favor das principais bandeiras democráticas, Movimento estabeleceu contatos com representantes de todas as dissidências militares. Estes contatos tornaram-se uma fonte inesgotável de informações para o jornal. Não apenas a respeito das movimentações no interior dos quartéis, mas também sobre episódios ocorridos nos tempos mais sombrios da ditadura, sobre os envolvidos em atos terroristas e também sobre os escândalos envolvendo figuras bem situadas no governo militar.

As sucessivas revelações divulgadas pelo jornal foram obtidas destas fontes militares. Uma das últimas coberturas da área militar, foi a do atentado ao Riocentro, quando Movimento esteve em contato desde o primeiro dia, com militares democráticos que levaram à frente uma investigação paralela à oficial.

1977

O NOVO MINISTRO DO EXÉRCITO. Teodomiro Braga. Perfil detalhado do novo Ministro do

MOVIMENTO

O NOSSO RELATÓRIO HUGO ABREU

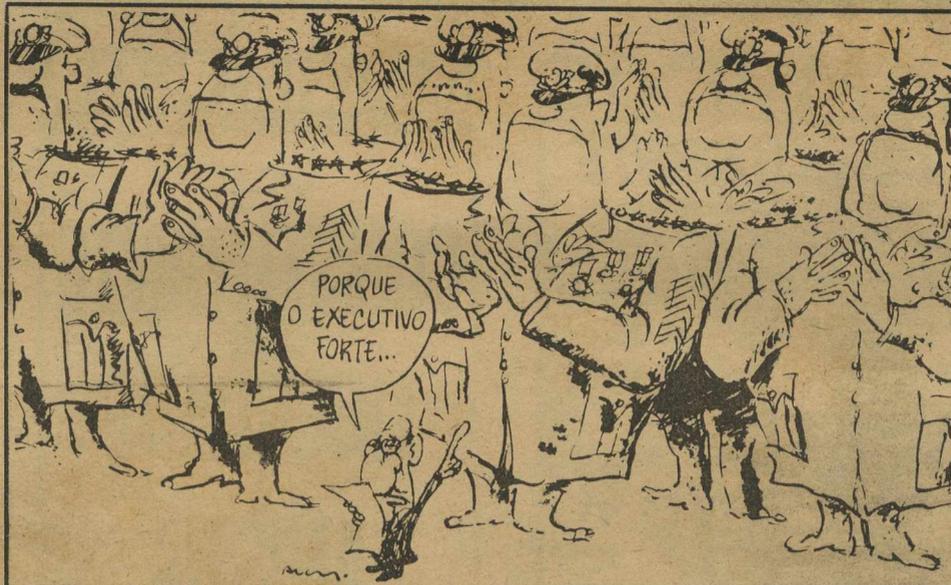
As acusações contra o "Planalto"



Entrevista com 20.000 pessoas com Euler

ABAIXO A DITADURA, ABAIXO A DITADURA, ABAIXO A DITADURA!

Nº 170: outubro, 1978



Exército, gal. Fernando Belfort Bethlem. 24/10, nº 121, p. 5.

1978

NOVAS CRÍTICAS, NOVAS PUNIÇÕES. Cel. Tarcisio Nunes Ferreira critica o regime, em palestra no Lions Club de Ponta Grossa (PR), recebendo três punições sucessivas. 20/3, nº 142, p. 5.

QUEM É O GENERAL EULER BENTES, Teodomiro Braga. As articulações em torno da candidatura do gal. Euler. 22/5, nº 151, p. 7.

UMA FRENTE SEM RUMO. Vera Lúcia Manzollilo. A Frente Nacional de Redemocratização sem programa definido. Movimento abre o debate entre os opositoristas: "Você apoia a Frente do gal. Euler?" 29/5, nº 152, p. 3.

ESTE HOMEM É UM TORTURADOR. Reunindo depoimentos de diversos ex-presos políticos, reconstituimos a história e elaboramos o retrato falado do capitão Ubarajara, um dos chefes do DOI-CODI de São Paulo. 19/6, nº 155, p. 3 e 4.

A TRAJETÓRIA DE HUGO ABREU, Teodomiro Braga e Vera Manzollilo. A biografia de Hugo Abreu, um dos personagens mais enigmáticos da Frente Nacional de Redemocratização. 31/7, nº 161, p. 3 e 4.

A CRISE MILITAR. Com informações obtidas das chefias das dissidências militares, mostramos a efervescência dentro dos quartéis. 4/9, nº 166, p. 4 a 6.

"UMA MUDANÇA NAS REGRAS DO JOGO É INACEITÁVEL." Marcio Bueno e Raimundo R. Pereira. Entrevista exclusiva com o general Euler Bentes Monteiro, que fala de suas idéias políticas, das propostas da FNR e de seus planos de governo. 18/9, nº 168, p. 8 a 10.

DO SNI ÀS "SUCURSAIS DO INFERNO". Radiografia da malha dos órgãos de informações

EXCLUSIVO!

MOVIMENTO

FALAM OS PARA-QUEDISTAS DE HUGO ABREU



Movimento faz eleições

O POVO NÃO QUER FIGUEIREDO

PLÍNIO MARCOS A estreia do colonista

TORTURAS Pela 1ª vez, médicos debatem as torturas

BRUNA LOMBARD A modelo mais famosa do país explica por que está em campanha pelo MDB

Nº 172: outubro, 1978

criados pelo regime militar, desde 1964. 15/9, nº 169, p. 7.

O NOSSO RELATÓRIO HUGO ABREU. Teodomiro Braga (texto final). As principais denúncias contidas no famoso "Relatório Hugo Abreu", contendo acusações contra as principais figuras da "Gang" do Planalto. 2/10, nº 170, p. 5 a 7.

FALAM OS PARAQUEDISTAS DE HUGO ABREU. Depoimento exclusivo de um dos líderes da Brigada de Paraquedistas do Rio de Janeiro. 16/10, nº 172, p. 7.

A CENTELHA NATIVISTA, Edilberto Veras e Marcio Bueno. A história do grupo militar mais ativo das Forças Armadas, em luta contra o governo. 23/10, nº 173, p. 5 e 6.

1979

OS DOCUMENTOS DO GOLPE MILITAR PELA DEMOCRACIA. A íntegra dos documentos elaborados pelo esquema militar da FNR. 15/1, nº 185, p. 5 a 7.

GEISEL-RETRATO DE UM DÉSPOTA, Teodomiro Braga e Antonio Carlos Queiróz. O comportamento e o temperamento de Geisel, com base em informações de seus assessores mais diretos. 19/3, nº 194, p. 13 a 16.

BRASIL IA INVADIR O URUGUAI. A operação preparada pelas Forças Armadas brasileiras para a invasão do Uruguai, caso a Frente vencesse as eleições em 71. 26/3, nº 195, p. 11 a 13.

O SEQUESTRADOR DO BISPO DE NOVA IGUAÇU. O sequestrador de D. Adriano Hipólito foi o tenente-coronel José de Ribamar Zamith. 3/12, nº 231, p. 12 a 14.

1980

A HISTÓRIA NEGRA DOS ROUBOS DO DOI-CODI. Depoimentos de ex-presos políticos e ex-exilados permitem reconstituir os métodos de

MOVIMENTO

O ESTADO MILITAR

ESPECIAL 14 páginas

Roberto Campos: O assunto que não houve

Júlio Galvão do Anacleto

Aurélio X Rossi

Nº 301: abril, 1981

pilhagem dos órgãos de repressão. 29/5, nº 255, p. 6 e 7.

A DIREITA CLANDESTINA ATACA. Flávio Carvalho e Lia Ribeiro Dias. Reconstituição de todos os atentados terroristas ocorridos no Brasil, desde 1968, mostra a perfeita conexão entre o terror clandestino e os órgãos de repressão. 21/7, nº 264, p. 12 e 13.

NÓS FALAMOS COM O VENERADO E TEMIDO HOMEM DA SELVA: O HOMEM DESTA GOVERNO. O MAJOR CURIÓ, Luiz Makflouf Carvalho. Uma entrevista com o Major Curio. 4/8, nº 266, p. 12 e 13.

OS PLANOS TERRORISTAS. Fontes militares informaram a Movimento que os autores dos atentados contra a Câmara Municipal do Rio e contra a OAB, são militares dos órgãos de repressão. 8/9, nº 271, p. 7.

MOVIMENTO LEVANTA NOME DE SUSPEITO. Marcio Bueno e Antonio Carlos Queiróz. Revelação da identidade do misterioso "coronel da peruca". No número seguinte, divulga sua biografia. 22/9, nº 273, p. 4.

1981

OS PLANOS DO GENERAL SERPA — AURELIANO NA PRESIDÊNCIA, Antonio Carlos Queiróz. Os bastidores da articulação político-militar-empresarial para a elaboração do manifesto "Em defesa da Nação ameaçada". 19/1, nº 290, p. 3 e 4.

O ESTADO MILITAR. Edição especial que marca o transcurso do 17º aniversário do golpe de 1964. Em extenso trabalho de reportagem, Movimento mostra a profundidade da militarização do Estado brasileiro. 16/4, nº 301, 14 páginas.

O GOVERNO SABE QUEM SÃO OS TERRORISTAS, E NÃO FAZ NADA. Revelação. O marechal Cordeiro de Farias, já falecido, encarregou-se de organizar um grupo de militares no Rio de Janeiro para fazer uma investigação paralela a respeito dos atentados contra a Câmara Municipal e a OAB. As fotos de algemas usadas pelos agentes do DOI-CODI, que foram empregadas para sequestrar os funcionários do jornal Tribunal da Imprensa. 13/4, nº 302, p. 3 e 4.

TERROR: EXÉRCITO ENCOBRE OS SUSPEITOS (Edição apreendida). vários. Sete páginas de reportagem sobre o Riocentro. 11/5, nº 306.

VÁRIAS MATÉRIAS. O funcionamento dos órgãos de repressão, as contradições das explicações oficiais, as reações do público militar e os bastidores das investigações oficiais, com informações obtidas de militares dissidentes e de ex-integrantes dos órgãos de repressão. 18/5 a 15/6, nº 307 a 311.

NOSSO RELATÓRIO RIOCENTRO, Gilberto Laranjeiras. Em 4 páginas, publicamos o resultado de 2 meses de pesquisas junto a fontes civis e militares, apresentando os principais personagens envolvidos, os fatos que precederam o atentado e, as articulações para encobrir a verdade e até os bastidores do próprio DOI-CODI. Revelamos em primeira mão os passos dos terroristas antes de chegarem ao Riocentro e as represálias sofridas por Abi-Ackel por ter permitido o vazamento do laudo preparado pela Polícia Federal. 29/7, nº 313, p. 8 a 11.

VÁRIAS MATÉRIAS. Dissidentes militares analisam e dissecam o relatório apresentado pelo coronel Job Lorena de Sant'Ana e os desdobramentos da farsa montada pelas autoridades militares. 6/7 a 17/8, nº 314 a 320.

MOVIMENTO

TERROR: EXÉRCITO ENCOBRE OS SUSPEITOS

Roberto Campos: O assunto que não houve

Júlio Galvão do Anacleto

Aurélio X Rossi

nº 306 (apreendido): maio /78

Capital estrangeiro

Verdadeiros documentos sobre a ação das multinacionais e dos entreguistas nos vários setores de nossa economia

Ao longo de mais de seis anos e meio de experiência jornalística, um dos temas a que Movimento dedicou continuada atenção foi a denúncia do capital estrangeiro e da dependência econômica do país. A censura prévia e todas as pressões políticas, terroristas e econômicas não impediram o jornal de divulgar, nesta área, relevantes matérias para os setores de oposição ao regime militar.

Estas matérias, tomadas em seu conjunto, constituem uma verdadeira cronologia documental sobre a ação das empresas multinacionais na indústria, na agricultura e em outras áreas de nossa economia. Consultando a coleção de Movimento, o pesquisador encontra um precioso material informativo (muitas vezes didático) não só sobre a atividade do capital estrangeiro no Brasil, mas também sobre as manobras de seus indispensáveis parceiros internos: os entreguistas.

Praticamente, todas as corporações multinacionais mais destacadas que atuam no país foram alvo de matérias em Movimento. Da Ford à Volkswagen, da United States Steel à Sharp, da Shell à Nestlé. Do mesmo modo, os entreguistas de maior renome estão todos retratados em sua tarefa de assessores do grande capital internacional. Simonsen, Delfim, Golbery, etc, logicamente estão presentes nesta pouco honrosa galeria.

Por ocasião de seu quarto aniversário, em 1979, Movimento lançou um número especial sobre o Mar de Lama do Entreguismo. Posteriormente, este material foi publicado em livro pela Editora Vozes, sob o título O ABC do Entreguismo no Brasil.

1975

A SOCIEDADE SECRETA DOS CARTÊIS, Moniz Bandeira. A ação do cartel da indústria de material elétrico; o envolvimento da Empire, da Wallita, Acessita, Cibié e outras empresas. 28/7/75, nº 4, p. 14.

A CPI DAS MULTINACIONAIS, Teodomiro Braga. A Comissão Parlamentar de Inquérito sobre as atividades das empresas multinacionais no Brasil. 25/8/75, nº 8, p. 9.

ARGUMENTOS INDEFENSÁVEIS, Ricardo Bueno. Os apologistas dos contratos de risco procuram apresentar os trustes petrolíferos como cordeiros inocentes. 29/9/75, nº 13, p. 14.

A CONCLUSÃO DA CPI DAS MULTINACIONAIS, Relatório da CPI. 10/11/75, nº 19, p. 5.

A ORGIA DAS SETE IRMÃS, Bernardo Kucinsky. As grandes companhias de petróleo e o mundo por elas moldado. 19/1/76, nº 29, p. 17.

SUBORNANDO OU MENTINDO? Marcos Gomes. A General Electric brasileira admitiu que pagou comissões para vender locomotivas no país. 1/3/76, nº 35, p. 5.

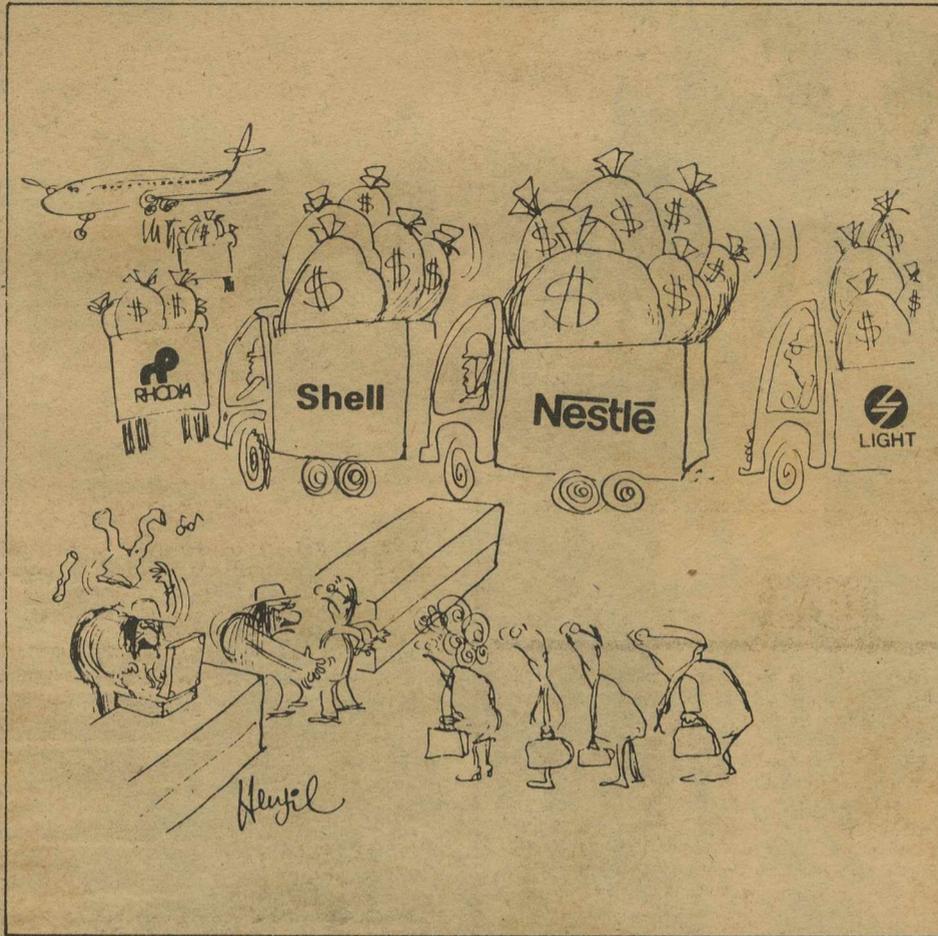
1976

DE QUE SE QUEIXA A ERICSSON?, Maria Moraes. A Ericsson no Brasil controla 50% do mercado de telefones e 90% do tráfego interurbano. 1/3/76, nº 35, p. 8.

OS LUCROS DO MONOPÓLIO, Maria Moraes. O caso do alumínio no Brasil. 29/3/76, nº 39, p. 76.

AVENTURAS DA COCA-COLA NO PAÍS DO GUARANÁ, Bernardo Kucinsky. Pequena história da Coca-Cola no Brasil. 5/4/76, nº 40, p. 9 e 10.

A SAÚDE DA INDÚSTRIA FAR-



MACÊUTICA, Bernardo Kucinski. A indústria farmacêutica no Brasil goza de saúde cada vez melhor. Mas um entre cada três brasileiros é vítima de doenças endêmicas. 26/4/76, nº 44, p. 9.

O ESTOURO DOS PNEUS, Bernardo Kucinski. Goodyear, Firestone e Pirelli: manipulando descontos e praticando dumping, estes três grandes grupos internacionais fabricantes de pneus impediram o desenvolvimento de concorrentes nacionais e conquistaram o domínio completo do mercado. 3/5/76, nº 44, p. 9.

O JULGAMENTO DA NESTLÉ, Jaime Sautchuk. A Nestlé acusada de "provocar morte e danos em milhares de bebês do Terceiro Mundo". 12/7/76, nº 54, p. 15.

HISTÓRIA SINCERA DA FIAT, Fausto Brito e Henrique de Oliveira. As facilidades oferecidas para a instalação da Fiat Automóveis, em Minas Gerais. 19/7/76, nº 55, p. 13.

AS MULTINACIONAIS E A POLÍTICA, Fernando Henrique Cardoso. 26/7/76, nº 56, p. 12.

"A SHELL É GENTE DO BRASIL", Bernardo Kucinsky. Na hora de vender uma nova imagem, as transnacionais adotam o nacionalismo. 6/9/76, nº 62, p. 8.

A GENERAL ELECTRIC (DO BRASIL?) S.A., Maria Moraes. O cartel da indústria eletroeletrônica. 6/9/76, nº 62, p. 8.

1977

O QUE FICOU EM BRANCO NO LIVRO BRANCO, Arnaldo Ramos. Governo diz que lançará um livro branco explicando o acordo atômico Brasil-Alemanha. 14/3/77, nº 89, p. 3.

O TRUSTE DESISTE DO FERRO, Iolanda Stein. A United States Steel não quer mais participar da exploração das jazidas de ferro da Serra dos Carajás. 9/5/77, nº 97, p. 6.

A VOCAÇÃO PECUÁRIA DA VOLKSWAGEN, Sérgio Buarque. A grande empresa alemã tem 140 mil hectares na Amazônia, onde vai criar 110 mil bois. 20/6/77, nº 103, p. 7.

O POVO CONTRA O TRUSTE, Cláudia Sampaio. Numa campanha liderada pelo Jornal de Minas, 20 mil pessoas assinam uma ação popular contra empresa multinacional MBR, que está derrubando a Mata do Jambeiro, em Belo Horizonte. 25/7/77, nº 108, p. 13.

A NOVA MODA MULTINACIONAL, Flávio de Carvalho. Cada vez mais, a indústria têxtil

deixa de ser "tradicional", aderindo à moda do baixo uso de mão-de-obra e de alto uso de capitais. 1/8/77, nº 109, p. 14.

MORTE NA GENERAL MOTORS, Jaime Sautchuk. Um revendedor da GM não suportou as pressões e suicidou-se dentro do departamento jurídico da multinacional. "Isso talvez sirva de exemplo para todos os que dependem das multinacionais", deixou ele escrito antes de se matar. 15/8/77, nº 111, p. 9.

O CASO GM — II. Suite do artigo anterior. 22/8/77, nº 112, p. 8.

A SOMBRA DAS MULTINACIONAIS, Renato Ortiz. Qual o interesse da Xerox em divulgar espetáculos de cultura popular? Encobrir um processo de desnacionalização? 5/9/77, nº 114, p. 20.

INDÚSTRIA FARMACÊUTICA: RENDOSA E IMPUNE, Roldão Oliveira. Enquanto as multinacionais lançam novos e caríssimos remédios no mercado, os índices de mortalidade infantil continuam crescendo. 12/9/81, nº 115, p. 8.

COMO AGE O CAPITALISMO ESTRANGEIRO NO BRASIL, Alcir Monticelli. 10/10/77, nº 119, p. 10 e 11.

CAPITAL ESTRANGEIRO: LUCRO E LÓGICA. O estranho roteiro de um motor da Ford, que sai dos EUA, vem para o Brasil e volta para os EUA. 12/12/77, nº 128, p. 9.

QUEM MANDA EM NOSSA (?) INDÚSTRIA, Maria da Conceição Tavares e Luis Otávio Façanha. O capital estrangeiro na indústria brasileira. 19/12/77, nº 129, p. 3.

1978

A CAPITANIA DA VOLKSWAGEN, Sérgio Buarque. A empresa alemã veio fabricar carros, mas hoje tem uma fazenda de 140 mil hectares no Pará. 26/6/78, nº 156, p. 12 a 14.

MULTINACIONAIS: A DESACUMULAÇÃO DO CAPITAL, Alfredo Pereira. O capital estrangeiro acelera muito, pouco, ou retarda o desenvolvimento capitalista nos países dependentes e coloniais? 10/7/78, nº 158, p. 11.

O ESCÂNDALO DA JARI — LUDWIG ABRE O JOGO, Marcos Gomes. Um verdadeiro acinte à soberania nacional: gerente da Jari declara que sua área poderá ser internacionalizada. 4 a 11. 12/78, nº 179, p. 5.

QUE LEVA-E-TRAZ E ESSE DA PHILLIPS?, Ricardo Bueno. As jogadas da

multinacional para remessa ilegal de lucros. 18 a 24/12/78, nº 181, p. 8.

1979

O BILIONÁRIO REVEILLON DA LIGHT, Marcos Gomes. A história da compra da Light. 1 a 7/1/79, nº 183, p. 3.

TUDO EM BRANCO NA GRANDE NEGOCIATA, Márcio Bueno. As irregularidades na compra da Light. 8 a 14/1/79, nº 205, p. 10.

É HORA DE DETER O ELEFANTE BRANCO, Fernando Cunha. Sobre o acordo atômico Brasil-Alemanha. 11 a 17/6/79, nº 206, p. 7.

INVESTIGAÇÃO NA TERRA SUSPEITA. O império da Jari. 11 a 17/6/79, nº 206, p. 10.

MAR DE LAMA DO ENTREGUISMO, Ricardo Bueno (coord). Edição especial pelos 4 anos de Movimento. Levantamento de 15 anos de política antinacional. A penetração estrangeira na indústria, na mineração e na agricultura. Galeria de ouro do entreguismo: Delfim Netto, Roberto Campos, Golbery etc. Material posteriormente publicado pela Editora Vozes sob o título O ABC do Entreguismo no Brasil. 23 a 29/7/79, nº 212.

O PARAÍSO DO IMPERIALISMO, James F. Petras. Arrocho salarial, todas as facilidades para o capital estrangeiro, perspectiva de lucros fabulosos, regimes repressivos e antinacionais: isto é a América Latina. 13 a 19/8/79, nº 215, p. 15.

1980

ESMAGANDO OS MAIS FRACOS, Roldão Oliveira. Como a multinacional Nestlé se tornou uma das maiores do Brasil. 28/1 a 3/2/80, nº 239, p. 14.

O CASO SHARP: UM CRIME CONTRA A ECONOMIA NACIONAL, Hélio Duque. Corrupção e tráfico de influência promovidos pela multinacional japonesa no Brasil. 17 a 23/3/80, nº 246, p. 8.

SENHORAS E SENHORES, EIAQUÍ O ROUBO DE CARAJÁS, Márcio Bueno. A entrega do minérios da Serra dos Carajás a diversas empresas multinacionais. 16 a 22/6/80, nº 259, p. 12 e 13.

"JARIZÃO": A ENTREGA DO CERRADO AOS JAPONESES, Márcio Bueno. 21 a 27/7/80, nº 264, p. 6.

ARIPUANÁ: UM MILHÃO DE HECTARES NO JOGO DA ESPECULAÇÃO, José Calixto, 21 a 27/7/80, nº 264, p. 7.

GARANTIDO, NÃO?, Ricardo Bueno. 129 empresários japoneses em missão no Brasil. 28/7 a 3/8/80, nº 265, p. 9.

A OFENSIVA CONTRA O "JARIZÃO", Antonio Carlos Queiróz. PMDB quer investigar o escandaloso projeto nipo-brasileiro para o cerrado. 25 a 31/8/80, nº 269, p. 10.

UM GOLPE DE MISERICÓRDIA NA PETROBRÁS. Discussão sobre o contrato de risco. 8 a 14/9/80, nº 271, p. 12 e 13.

INDÚSTRIA FARMACÊUTICA: UM ENTREGUISMO EXEMPLAR, Antonio Carlos Queiróz, 29/9 a 5/10/80, nº 274, p. 8 e 9.

GRINGOS ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA. Daniel Ludwig, o dono da Jari, e Wolfgang Sauer, presidente da Volkswagen: mesmo com todas as facilidades, eles ainda não estão satisfeitos. 3 a 9/11/80, nº 279, p. 7.

1981

QUANTO A VOLKS GANHOU NOS ANOS DO MILAGRE ECONÔMICO, Antonio Carlos Ferreira. Lucros da Volkswagen na década de 70. 13 a 19/4/81, nº 302, p. 15.

JARI, O IMPÉRIO VISTO POR DENTRO, Lúcio Flavio Pinto. O déficit do projeto 4 a 10/5/81, nº 305, p. 10 e 11.

A RECESSÃO VAI DESNACIONALIZAR, Tibério Canuto. A Companhia Siderúrgica Nacional fornece aço subsidiado à multinacionais. 25 a 3/5/81, nº 308, p. 7.

AFINAL, VEM AÍ O FAMOSO OURO DE MOSCOU, Marcos Paiva. O acordo comercial Brasil-URSS. 15 a 21/6/81, nº 311, p. 12 e 13.

Dívida externa

*Extensa cobertura,
com matérias profundas e didáticas
sobre a dívida e suas conseqüências*



Em toda sua existência, **Movimento** deu uma cobertura da dívida externa brasileira que se destaca pela quantidade de artigos, pelo espaço editorial que lhe foi destinado e, principalmente, pela qualidade dessa cobertura. Os grandes marcos da dívida externa — quando seu montante atingiu números como 21,5 bilhões de dólares (1975), 40 bilhões (1978), 50 bilhões (1979), e 60 bilhões (1981) — mereceram capas de **Movimento**.

A cobertura da dívida externa feita por **Movimento** procurou abordar sempre variados aspectos desta problemática asfixiante para a economia brasileira. Assim, muitas matérias didáticas foram publicadas, mostrando como a dívida afeta a vida pessoal de cada brasileiro, quais são os mecanismos através dos quais o dinheiro que é usado para pagar a dívida sai do bolso dos cidadãos, que sequer foram consultados a respeito da conveniência ou não da política de endividamento externo seguida pelo regime militar.

Finalmente, foram feitas muitas matérias contendo denúncias a respeito dos males que a dívida causaria ao povo brasileiro de um modo geral, e do comprometimento da soberania nacional que acompanha o crescimento do endividamento externo.

1975

US\$ 21.500.000.000,00, Marcos Gomes. A mudança qualitativa nas relações do Brasil com o exterior pode ser medida pelo fato da dívida externa equivaler a um quarto do Produto Interno Bruto. 1/9, nº 9, p. 12 e 13.

A DONA DE CASA E A DÍVIDA EXTERNA, Susan Branford. O café e o açúcar sobem de preço para sobrares para exportação — e obtenção de recursos para pagar a dívida externa. 15/9, nº 11, 14.

UM BEABÁ DA DÍVIDA EXTERNA, Bernardo Kucinski. Uma explicação didática do mecanismo da dívida externa. 27/10, nº 17, p. 14.

AUMENTADO A MANOBRA, O DÉBITO E A AUDACIA, Marcos Gomes. Uma análise do tamanho da dívida, seu esquema de pagamento, aumento das exportações e dos juros, com base em dados do Banco Central. 3/11, nº 18, p. 5.

O MODELO NO DESVIO, Bernardo Kucinski. O governo decide cortar as importações, aumentar as exportações e reduzir pela metade as reservas externas, para pagar a dívida. 8/12, nº 23, ps. 4 e 5.

1976

MISTÉRIOS DA DÍVIDA EXTERNA, Bernardo Kucinski. Como previam os banqueiros internacionais, a dívida externa chegou, em 1975, a 22 bilhões de dólares. 26/1, nº 30, p. 7.

A ESPECULAÇÃO FINANCEIRA E A DÍVIDA EXTERNA, Guido Mantega. Boa parte do dinheiro investido em operações financeiras é

proveniente de empréstimos externos, engrossando o endividamento externo. 1/3, nº 35, p. 9.

OS NOVOS PASSOS PARA TENTAR PAGÁ-LA, Marcos Gomes. O equilíbrio do comércio exterior não é suficiente para resolver a questão da dívida externa. 3/1/5, nº 48, ps. 8 e 9.

TIRANDO AS DÚVIDAS DA DÍVIDA, Bernardo Kucinski. Em setembro de 1975 a dívida atingia, no total, 30 bilhões de dólares — um número muito maior do que os 21,25 bilhões admitidos oficialmente. 26/7, nº 56, p. 9.

1977

A DÍVIDA, OS CREDORES E OS PAGADORES, Marcos Gomes. Os primeiros a pagar pela política de "desaquecimento da economia" são os trabalhadores. 20/6, nº 103, p. 8.

QUANTO CUSTAM OS ELOGIOS, Marcos Gomes. A dívida atingiria 30,5 bilhões de dólares no final do ano, e o Brasil pagava taxas de risco, (spread) maiores que muitos países pobres e endividados. 14/10, nº 124, p. 12.

1978

A TERRÍVEL HERANÇA DO REGIME MILITAR, Marcos Gomes. A dívida externa atinge 40 bilhões de dólares, um recorde; seu serviço (prestações mais juros) consumiu 7,5 bilhões de dólares, outro recorde. 21/8, nº 164, ps. 11 e 14.

O CASTIGO DA DÍVIDA QUE CRESCE SOZINHA, Alfredo Pereira. Em 5 meses a taxa *libor* (taxa interbancária de Londres), uma taxa de juros fluante, aumentou de 8,3% para 10,3%, significando um aumento de 500 milhões de juros extras na dívida externa brasileira. 12/11, nº 175, p. 17.

OUTRO MEIO BILHÃO DE DÓLARES A MAIS, Alfredo Pereira. Continuação da matéria anterior. 20/11, nº 176, p. 2.

1979

PARA QUE ESTE EMPRÉSTIMO BILIONÁRIO? Marcos Gomes. O ministro Karlos Rischbieter, em via sacra aos banqueiros internacionais, conseguiu um bilhão de dólares. 15/10, nº 224, p. 15.

O PAÍS COM A CORDA NO PESCOÇO, Duarte Pereira, Lia Strauss e Paulo Araújo. A dívida chegou a 50 bilhões de dólares e seu serviço consumiu 70% do valor das exportações. 29/10, nº 226, ps. 12 a 14.

OS BANQUEIROS SÃO GENEROSOS? Ricardo Bueno. As reservas externas estão em níveis baixos, e se prevê um déficit comercial de 3 bilhões de dólares no final do ano. 27/10, nº 278, p. 7.

UMA ESTRATÉGIA QUE NÃO RESOLVE OS PROBLEMAS A CURTO PRAZO E AGRAVA OS PROBLEMAS DE FUNDO, Duarte Pereira. Delfim concluiu viagem a Nova Iorque, Washington, Paris, Londres, Tóquio para buscar novos empréstimos. 9/11, nº 279, p. 14.

NA PRÁTICA, O BRASIL JÁ ESTÁ NAS MÃOS DO FMI, Ricardo Bueno. (boxes de Sérgio Silva e Antonio Carlos Queiróz). David Rockefeller no Brasil dá seu recado: o Brasil deve crescer menos. 17/11, nº 281, pg. 8 e 9.

BRASIL PRESTA CONTAS AO FMI, Ricardo Bueno. Brasil diz que não vai recorrer ao FMI — não pensa em renegociar a dívida. 15/12, nº 285, p. 11.

1980

OS BANQUEIROS QUEREM MAIS, Ricardo Bueno, box de Duarte Pereira. Delfim poderá conseguir os dólares que precisa para cobrir os rombos no balanço de pagamentos, apesar de muito elevados. 25/2, nº 243, p. 3.

POR QUE QUEIMAR AS RESERVAS? Ricardo Bueno, box de Duarte Pereira. O fato do Brasil precisar "queimar" 2 bilhões de dólares de reservas cambiais mostra que os banqueiros internacionais não confiam tanto assim no país. 16/3, nº 245, p. 8.

NOS BRAÇOS DO FMI? Ricardo Bueno. A economia deteriorou-se tanto que já se fala em intervenção do FMI. 2/6, nº 257, p. 14.

ESTÁ CHEGANDO A HORA DA VERDADE? Raimundo Rodrigues Pereira. A dívida externa cresce e Delfim Netto e os grandes banqueiros internacionais trocam visitas com maior freqüência. 6/10, nº 275, p. 2.

1981

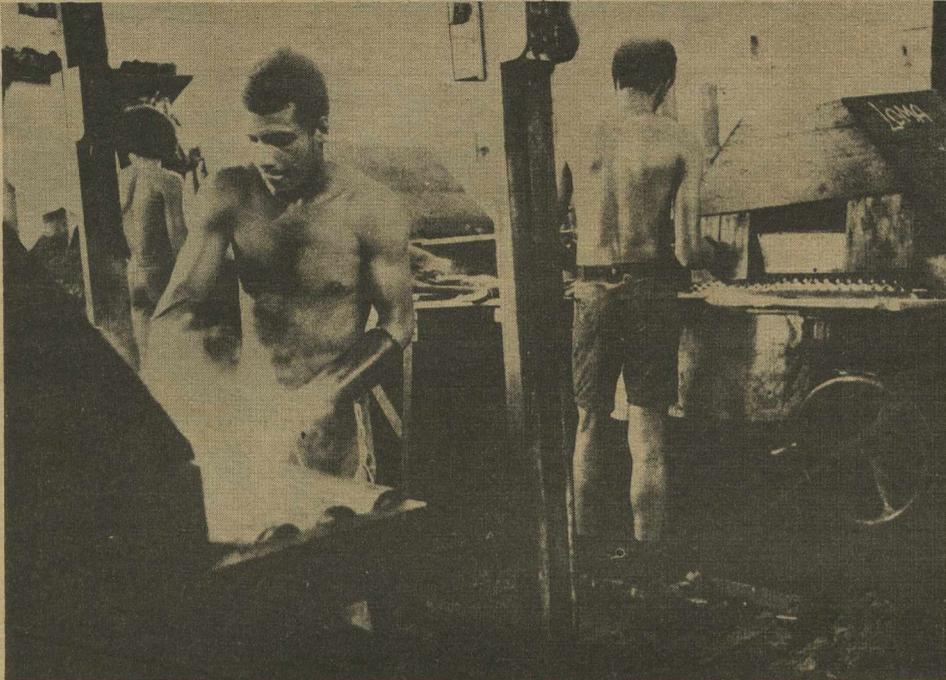
A FARSA DE DELFIM CONTRA O DRAGÃO IMPERIALISTA, Ricardo Bueno. Delfim queimado com os banqueiros internacionais, que não agüentam mais a manipulação dos números das contas externas. 19/1, nº 290, p. 16.

AS CONTAS EXTERNAS DE 1980 FORAM MANIPULADAS, Duarte Pereira. A dívida externa, que segundo Delfim Netto atingiu 54,4 bilhões de dólares em 1980, atingiu na verdade 61,4 bilhões, 9/2, nº 293, p. 15.

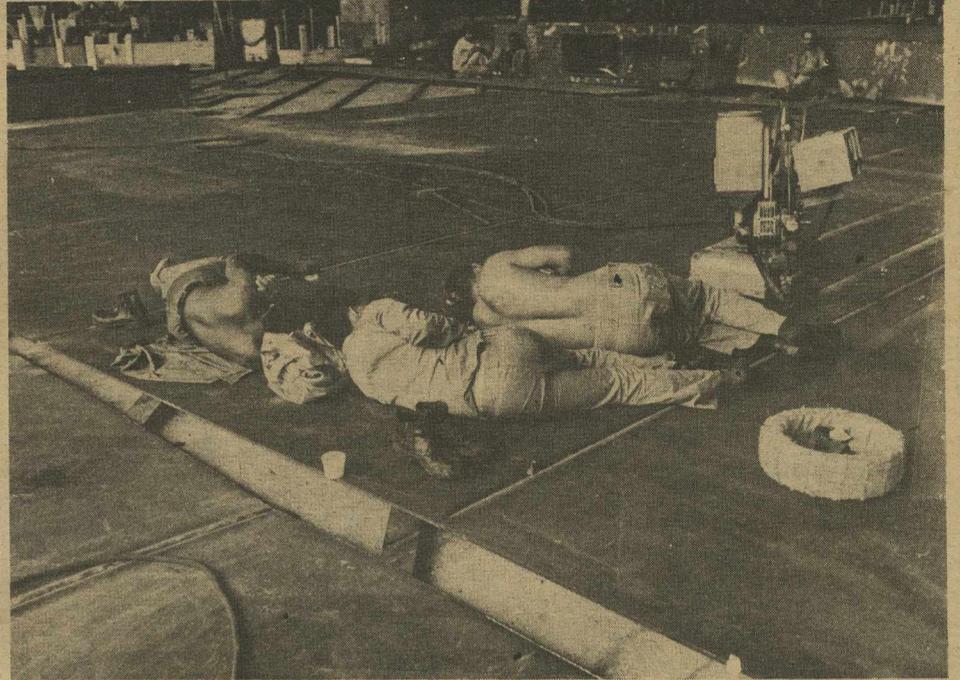
O RABO ESTA BALANÇANDO O CACHORRO, Marcos Paiva e Antonio Carlos Queiróz. As autoridades brasileiras perderam o controle sobre a economia do país, num momento em que a dívida atinge 60 bilhões de dólares, e seus juros chegam a 8,5 bilhões de dólares. 31/8, nº 322, p. 3.

A FARRA ACABOU, Álvaro Caropreso. A dívida externa cresce sem qualquer controle, frustrando todas as expectativas oficiais. (Há um debate sobre a crise da economia brasileira, por Álvaro Caropreso, e uma proposta para sair da crise, por Marcos Gomes). 7/9 nº 323, ps. 7 e 9.

VEJA COMO VOCÊ PAGA A DÍVIDA, Ricardo Bueno. A presença da dívida externa no seu cotidiano e 12 maneiras pelas quais ela piora a sua vida e esvazia o seu bolso. 5/10, nº 327, ps. 11 e 14.



Interior de fábrica paulista: insegurança no trabalho...



Fotos: Ruth Toledo

... e as péssimas condições no mínimo horário de descanso

Operários

As condições da vida operária nos mais diversos pontos do país; retratos de nosso povo

Um dos pontos inseridos no programa político-editorial de Movimento é a luta pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores. Coerente com esse item de seu programa, o jornal publicou, desde as suas primeiras edições, uma numerosa série de matérias sobre as condições de vida dos operários.

Também nesta área é valiosa a contribuição de Movimento para a formação de uma imprensa voltada para a defesa de interesses democráticos e populares. As reportagens publicadas nas seções Cena Brasileira e Gente Brasileira constituem pequenos retratos de nosso povo e nosso país. Mas não retratos frios, de profissionais pretensamente neutros; na verdade, fotografias vibrantes, até parciais, cheias de simpatia pelo nosso povo e declaradamente do lado dele.

Na elaboração da Cena e da Gente Brasileira, destaca-se o trabalho de Murilo Carvalho, que adiciona à experiência de repórter a condição de contista. Misturando esses ingredientes, Murilo escreve textos inovadores, inventando uma espécie de jornalismo literário.

Ao longo de seus seis anos e meio de luta e trabalho, Movimento publicou matérias sobre as condições de vida de trabalhadores de diferentes categorias e dos mais diversos pontos do país. Operários do sal, do Rio Grande do Norte; pedreiros da construção civil de São Paulo; mineiros de Craciúma, SC; metalúrgicos de São Bernardo do Campo, SP; trabalhadores das usinas de açúcar, em Pernambuco; operários do metrô do Rio; trabalhadores nas indústrias da Zona Franca de Manaus; e inúmeras outras matérias.

Movimento também dedicou considerável espaço à cobertura de temas de igual interesse para as classes trabalhadoras, como: acidentes de trabalho; a falta de segurança nas empresas; o trabalho da mulher e do menor; condições de habitação, favelas; arrocho salarial; leis trabalhistas; desemprego; e previdência social. Merecem especial referência as reportagens sobre as condições de trabalho e a ditadura dentro das fábricas do ABC paulista, publicadas em janeiro e fevereiro de 1979. Outro destaque pode ser dado ao estudo Um perfil da classe operária, publicado em abril de 1980.

1975

ZÉ AMÂNCIO, Antonio Mendes Júnior. A história de um operário da construção civil, sua vida e anseios. 14/7, nº 1 p. 3.

RGN: OPERÁRIOS DO SAL, Jorge Baptista. O trabalho nas salinas de Macau, Rio Grande do Norte. 8/9, nº 10, p. 9.

A CARAVANA, Ivan Maurício. A recruta de trabalhadores nordestinos para trabalharem na construção civil em SP. 20/9, nº 13, p. 11.

PEDREIRA, Murilo Carvalho. O trabalho nas pedreiras de São Tomé. 6/10, nº 14, p. 4.

NA FÁBRICA. Depoimento de uma operária sobre seu trabalho na RCA Victor de Belo Horizonte, escrito poucos dias antes de morrer atropelada. 27/10 nº 17, p. 5.

MINEIROS DE CARVÃO, Murilo Carvalho. O trabalho nas minas de Craciúma, SC, as doenças e os "sonhos" dos mineiros. 24/11, nº 21, p. 3.

JOÃO, O ELETRICISTA, Murilo Carvalho. O trabalho e a vida de um electricista. 29/12, nº 26 p. 2.

1976

PEÕES, Fernando Miranda. Reportagem no canteiro de obras da Camargo Correa em Itabirito, MG, onde 1.600 operários constroem a Ferrovia do Aço. 5/1, nº 27, p. 3.

À ESPERA DA POLÍCIA, Antonio Castigliola. A morte de dois operários num dos tanques de produção da Coca Cola, em Bonsucesso, RJ. 23/2 nº 34, p. 4.

ACIDENTES — A TARDE QUENTE DE NOVEMBRO, J.D. Vidal. A falta de segurança na siderúrgica de Barão de Cocais, MG, uma cidade marcada pela morte de vários operários. 1/3, nº 35, p. 7.

O CASO COCA COLA — LIÇÕES DE UM REPÓRTER, Genilson César. As pressões sofridas por Antonio Castigliola, repórter da Folha de S. Paulo, que denunciou a morte de dois operários numa fábrica da Coca Cola. 29/3, nº 39, p. 8.

OPERÁRIOS DO FERRO, Fernando Miranda. O trabalho numa pequena fundição de ferro em Contagem, MG. 12/4, nº 41, p. 2.

A PROCURA DO POTE DE OURO NO FIM DO ARCO-IRIS, T. Santiago. A dia de uma família operária que migrou para São Paulo. 12/4, nº 41, p. 18.

OS RISCOS DO TRABALHO, Marcio Bueno. Um especialista analisa as taxas de acidentes do trabalho nas várias categorias, no País. 7/6, nº 49, p. 13.

O PORTO, Murilo Carvalho. Depoimentos de operários do porto de Tubarão, o maior terminal graneleiro do mundo. 21/6, nº 51, p. 3.

HOMENS DAS PEDRAS, Murilo Carvalho. Os cortadores de pedra na Bahia que vivem em casas cavadas nas rochas. 21/6, nº 51, p. 4.

VITOR, O METALÚRGICO, Murilo Carvalho. Um dia na vida de um metalúrgico (desde a hora que sai de casa, o trabalho na fábrica e a volta para casa). 28/6, nº 52, p. 2.

OPERÁRIOS GANHANDO BEM? Marcio Bueno. A Termomecânica, de São Bernardo do Campo, tenta elevar o padrão de vida de seus trabalhadores, para aumentar sua produtividade. 28/6, nº 52, p. 11.

NA OLARIA, Murilo Albernaz. Em Alagoas, MG, a maior parte dos 800 habitantes trabalha em olarias, e o contato com a argila deixa um pó causador de feridas na pele. 9/8, nº 58, p. 4.

DOZE HORAS NA INDÚSTRIA, Virginia Botelho. Trabalhadores das usinas de açúcar em Pernambuco recebem muito menos que o salário mínimo e trabalham de 16 a 20 horas por dia. 16/8, nº 59, p. 4.

O DEMOLIDOR DA LIBERDADE, Gilberto Galvão. Operário que mora nas casas que derruba, a serviço de uma demolidora. 30/8, nº 61, p. 2.

MULHER, TRABALHO E LIBERTAÇÃO, vários autores. Entrevistas e descrições do dia-dia de trabalhadoras de várias categorias. As leis que regulam o trabalho feminino no Brasil. 20/9, nº 64, p. 8.

OS CHAPAS DO MERCADO, Gilberto Galvão. Os carregadores do mercado municipal de São Paulo. 11/10, nº 67, p. 3.

A QUEM BENEFICIA A NOVA LEI, Murilo Carvalho. Discussão sobre a mudança da legislação sobre acidentes de trabalho. Números dos acidentes no país. 11/10, nº 67, p. 8.

OS REBOCADORES, Linalva Maria. As condições (irregulares) de trabalho dos rebocadores das plataformas marítimas da Petrobrás, na Bahia. 25/10, nº 69, p. 7.

OS TRABALHADORES DA FÁBRICA DE TECIDOS, Tibério Canuto. Para não perderem seus empregos, operários da fábrica Nazaré ficaram dois anos sem reclamar. 20/12, nº 77, p. 3.

AS METALÚRGICAS, Rachel Moreno. Como trabalham e o que pensam as operárias metalúrgicas de São Paulo. 27/12, nº 78, p. 4.

1977

VILA KENNEDY, Aguinaldo Silva. As péssimas condições de vida neste grande conjunto residencial do Rio. 10/1, nº 80, p. 3.

FUI ILUDIDO, AGORA É TARDE, João Batista de Mares Guia. Operários da Fiat, em MG, reclamam das condições de trabalho. 7/3, nº 88, p. 9.

O PRÓXIMO PASSO — TRABALHO NOTURNO PARA MULHERES, L.R.C. Por que de uma hora para outra os empregadores passaram a utilizar em larga escala o trabalho feminino? 28/3, nº 91, p. 6.

OPERAÇÃO MEIO-DIA, José de Souza. O assalto de dois policiais a operários de Brasília. 25/4, nº 95, p. 5.

AS MULTINACIONAIS E OS OPERÁRIOS. Um trabalhador da Volkswagen descreve sua vida na fábrica. 24/4, nº 95, p. 8.

A TECELÂ, Murilo Carvalho. Uma tecedeira de cobertas no interior de Minas, herdeira de uma velha arte quase desaparecida. 9/5, nº 97, p. 2.

OS MENINOS DA PEDRA, Gilberto Galvão. Em Manicoré, AM, meninos

quebram pedras para as novas construções. 16/5, nº 98, p. 2.

A CLASSE OPERÁRIA VAI À LOJA, Roberto Suzedelo. Proletários de Osasco, SP, reduzem os gastos com alimentação para comprar geladeira, batedeira de bolo, chuveiro elétrico. 4/7, nº 105, p. 8.

A ESPERA DO DIA 10, Ascânio Jatobá. Uma família de nove pessoas, com renda mensal de três mil cruzeiros, sempre esperando o dia do pagamento. 4/7, nº 105, p. 8.

A QUEDA DOS NÚMEROS, Roberto Suzedelo. A diminuição dos acidentes de trabalho registrados no Brasil. 11/7, nº 106, p. 6.

O POSTO DE REABILITAÇÃO, Tânia Coelho. Em Caxias, RJ, um posto do INPS atende os operários acidentados. 11/7, nº 106, p. 7.

ASSIM NA TERRA COMO NO SUBSOLO, Aguinaldo Silva. Os operários do metrô do Rio trabalham demais e são ludibriados pelas empresas. 11/7, nº 106, p. 8.

OS TRABALHADORES RECEBEM SEU DINHEIRO, Ascânio Jatobá. Sete milhões e meio de trabalhadores fazem filas na porta dos bancos para receber o "14º salário". 18/7, nº 107, p. 4.

OS CARREGADORES, Murilo Carvalho. Milhares de trabalhadores fazem o transporte de mercadorias pelo Rio de Janeiro puxando carrinhos de mão. 22/8, nº 112, p. 3.

INCÊNDIO NO METRÔ, Aguinaldo Silva. A destruição pelo fogo de um alojamento de operários do metrô do Rio. 19/9, nº 116, p. 12.

AS CASTANHEIRAS, Luiz Carlos Antero. Moradoras de uma favela em Fortaleza descascam castanha numa fábrica. 25/9, nº 117, p. 3.

A QUEM SERVE O TRABALHO NOTURNO DAS MULHERES? Vera Lúcia Manzolillo. O Ministério do Trabalho quer liberar oficialmente o trabalho feminino à noite. 25/9, nº 117, p. 13.

PROFESSORAS RURAIS, Murilo Carvalho. Um dia na vida das professoras mineiras. 10/10, nº 119, p. 3.

O QUE ACONTECEU COM O FUNCIONALISMO PÚBLICO, Teodomiro Braga. Uma ampla análise da deterioração dos salários e das condições de trabalho dos funcionários públicos brasileiros. 31/10, nº 122, p. 3 a 5.

A VIDA NAS OBRAS, Aguinaldo Silva. A vida perigosa dos operários da construção civil do Rio de Janeiro. 12/12, nº 128, p. 5 e 6.

OS OPERÁRIOS DO VALE. As condições de trabalho dos operários da indústria. de calçados no Rio Grande do Sul. 19/12, nº 129, p. 7.

PERDENDO A VIDA A PRESTAÇÃO, Ascânio Jatobá. O trabalho em locais poluídos, sujos e mal ventilados. 26/12, nº 130, p. 10 e 11.

1978

FALAM AS METALÚRGICAS, Rachel Moreno. Depoimentos de trabalhadores sobre a vida nas fábricas, recolhidos no I Congresso da Mulher Metalúrgica de SP. 30/1, nº 135, p. 8.

OPERÁRIAS SOFREM REPRESENTAÇÕES, Rachael Moreno. As demissões de operárias que participaram do Congresso da Mulher Metalúrgica. 27/2, nº 139, p. 6.

OS PEÕES DA GUTIERREZ, Pedro Ruiz. A construtora Andrade Gutierrez é acusada na Justiça de manter um regime de trabalho escravo em Santarém. PA. 27/2, nº 139, p. 7

A LUTA PELA DEMOCRACIA NA FABRICA, Raimundo R. Pereira. As greves facilitam a luta para abalar a ditadura existente no interior da grande indústria. 3/7, nº 157, p. 11

"UMA ARMA QUE VOLTARÁ A SER USADA". Duas experiências de comissões de fábrica, na Laminiação Santa Marina e na Ingersoll-Rand. 16/10, nº 172, p. 13.

"TERRORISMO PATRONAL", Tânia Angarani. No enterro de um operário assassinado na Metalúrgica Alfa, SP, o protesto dos operários contra o terrorismo patronal. 23/10, nº 173, p. 16.

UMA COMISSÃO DE FÁBRICA "JÓIA", Raimundo Pereira. Como funciona, na prática, uma das principais reivindicações dos metalúrgicos paulistas. 30/10 nº 174, p. 10

QUEM SÃO OS METALÚRGICOS. Domingos Abreu e Hideyo Saito contam as histórias de alguns metalúrgicos com quem conviveram durante a greve. 6/11, nº 175, p. 10 e 11.

NÃO, NÃO É UM CAMPO DE CONCETRAÇÃO, A situação dos operários dentro das fábricas. O regime de trabalho que oprime. A ditadura nas fábricas. 18/12, nº 181, p. 12 a 16.

"DESTRUIR NÃO ADIANTA". A opinião e a defesa dos empresários sobre a ditadura nas fábricas. 25/12, nº 182, p. 9

1979

O CAPITALISMO SOBREVIVE SEM ARROCHO, Alfredo Pereira. A ditadura nas fábricas. 22/1, nº 186, p. 16 e 17.

O CAPITAL QUER O OPERÁRIO BIÔNICO, Alfredo Pereira. As condições de vida nas fábricas. 5/2, nº 188, p. 18 e 19.

AGORA, A CLT RELATIVA, Tiago Santiago. Discussão sobre o projeto de mudança na CLT, enviado ao Congresso pelo governo, 7/5, nº 201, p. 16 e 17.

DESTRINCHANDO A CLT RELATIVA. Análise sobre o novo texto legal e autonomia sindical, direito de greve, liberdade de negociação salarial, garantia de emprego. 21/5, nº 203, p. 12 e 13.

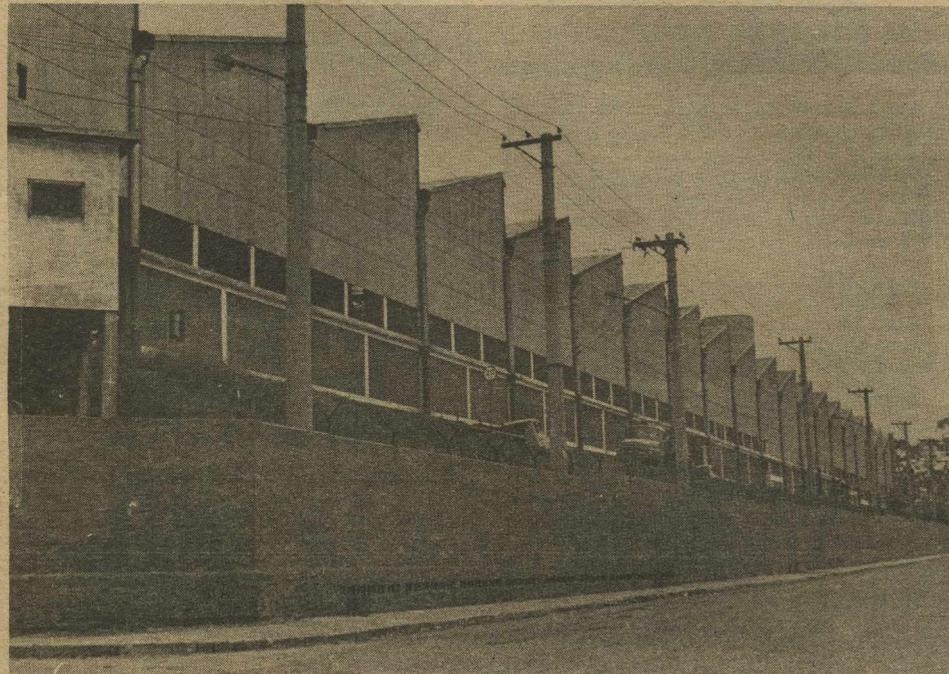
CRESCE A MISÉRIA DAS FAVELAS. A movimentação crescente dos favelados e os planos de conciliação do governo. 22/10, nº 225, p. 8 a 10.

UMA FÁBRICA QUE MATA E ALEJA IMPUNEMENTE. Na siderúrgica Pains, Divinópolis, MG, os operários são sempre os culpados dos acidentes. 5/11, nº 227, p. 22

"A CRISE APERTOU". Lia Ribeiro Dias e Jô Azevedo. Um faxineiro, um metalúrgico, um bancário e um técnico falam sobre o peso da inflação no orçamento familiar. 24/12, nº 234, p. 12 e 14.

1980

O QUE PENSA ESTA VANGUARDA, Amnéri Maroni. Resenha do livro "A Vanguarda Operária", de Celso Frederico, que faz um balanço da consciência de classe dos metalúrgicos do ABC nos anos 70. 11/1, nº 237, p. 20.



A força armada dos patrões (acima) guarda ricas fortalezas fabris

O AMARGO DESTINO DE UM DOCEIRO, Rubens Ramos. A história de Francisco Melário de Assis, doceiro, padeiro e confeitiro, que teve um estalo na coluna e, segundo o INPS, ainda pode trabalhar. 28/1, nº 239, p. 7

OPERÁRIOS DIRIGINDO EMPRESAS?, Helena Salem. O que é a co-gestão? Os operários poderão dirigir empresas no capitalismo? 11/2, nº 241, p. 11.

ELES ESTÃO DECIDIDOS, Lia Ribeiro Dias. Perfil dos operários do ABC: concentração, procedência, grau de instrução, faixas salariais, etc. 31/3, nº 248, p. 11.

DISPOSIÇÃO E PREPARAÇÃO. Organização da greve do ABC, preparação dos operários e dos empresários. 31/3, nº 248, p. 12.

COTIDIANO OPERÁRIO SEM LIBERDADE, Octávio Ianni. Análise da peça "Pensão Liberdade", 14/4, nº 250, p. 21.

UM PERFIL DA CLASSE OPERÁRIA, Pesquisa do CIPES, texto de Duarte Pereira. Peso da classe operária na sociedade brasileira, composição da classe operária industrial por sexo e idade, distribuição geográfica e entre ramos industriais da classe operária, salários, rotatividade e nível de instrução do pessoal empregado. 28/4, nº 252, p. 11 a 14

QUEM SÃO OS PEÕES DO ABC, Amnéri Maroni. Resenha do livro de Luis Flávio Rainho, "Os Peões do Grande ABC". 4/8, nº 266, p. 21.

A SITUAÇÃO SOCIAL. A. C. Carvalho Ferreira. O balanço de 80: o governo fez concessões parciais, diante de um quadro explosivo. 29/12, nº 287, p. 8 a 11.

1981

A CRISE NA DETROIT BRASILEIRA, Antonio Carlos Ferreira. A Volkswagen demite 2.000 empregados. A história de Ceará, um dos demitidos. 12/1, nº 289, p. 9.

O SINDICATO CASSADO FALA AOS DESEMPREGADOS, Murilo Carvalho. Lula e Djalma Bom falam aos operários na porta da Volks sobre as demissões. Histórias de desempregados. 19/1, nº 290, p. 12 e 13.

ABC PODE REPETIR SAQUES COMO NO NORDESTE, Antonio Carlos Ferreira. A situação dos desempregados no ABC. 13/4, nº 302, p. 12 e 13.

OS ÍNDIOS EM "O CAPITAL", Márcio Souza. A nova classe operária amazônica, na Zona Franca de Manaus. 18/5, nº 307, p. 16.

VOLTA REDONDA: A RECESSÃO "CONTAGIOSA", Tibério Canuto. O clima gerado pela demissão de 600 peões da Companhia Siderúrgica Nacional. 25/5, nº 308, p. 6 e 7.

30 MIL DISPUTAM 352 VAGAS NO RIO, José Carlos Ruy. A acirrada disputa por um emprego na Rede Ferroviária Federal 1/6, nº 309, p. 5.

OS FAVELADOS DO ABC, João Vidal. Operários pagam a crise mudando para "casas" mais baratas nas favelas. 15/6/81, nº 311, p. 8 e 9.

QUEM PAGA PELA CRISE? Como os trabalhadores enfrentam a crise econômica e o desemprego. Artigos e depoimentos. 20/7, nº 316, p. 11 a 14.

OS DRAMAS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, João Vital. 1. A situação dos segurados do INPS. 10/8, nº 319, p. 7 e 8.

MORTES NA PLATAFORMA SUBMARINA. Sem segurança, cresce o número de mergulhadores mortos. 10/8, nº 319, p. 15.



Campo

A luta pela posse da terra, o movimento camponês; divulgando os problemas do homem do campo

O índice abaixo não contém, por falta de espaço, nem 30% das matérias sobre Campo editadas por Movimento. Esta valorização da questão da terra lhe valeu algumas vezes o apelido pejorativo de "agrarista". Quando a luta por transformações profundas na estrutura da posse da terra — a reforma agrária — estava abafada e reprimida pelo regime, ao mesmo tempo que certos setores da oposição negavam sua necessidade, Movimento investigava e divulgava aspectos e problemas da vida e da organização embrionária dos lavradores — e também dos índios — em todo o país.

O movimento camponês cresceu, e sua bandeira principal — a reforma agrária radical e imediata — comprova que Movimento acertou, ajudando a compreender e estimular essa luta e a despertar a solidariedade com os trabalhadores do campo.

1975

O CAFEZINHO, O CAFEZAL E O FAZENDEIRO DO CAFÉ. B. Kucinski. 4/8, nº 5, p. 10.

LUTA PELA TERRA, Murilo Carvalho. Araguaia, Pará. 11/8, nº 6, p. 3

APANHADORAS DE CAFÉ, M. Carvalho. Sul de Minas. 1/9, nº 9, p. 3.

AMAZÔNIA, Robert Goodland. Ecologia. 22/9, nº 12, p. 11 e 12

POBRE NORDESTE, Chico Oliveira. 29/9, nº 13, p. 9 a 12.

VOLANTES, M. Carvalho e Joaquim Pedro Ferreira. Bóias-frias e capitalismo no campo. 27/10, nº 17, p. 12 a 16.

PLANTADORES DE TRIGO. M. Carvalho, Rio Grande do Sul, 10/11, nº 19, p. 4 e 5.

OURICURI, PE — SECA, Geraldo Sobreira e Beth Salgueiro. 26/1, nº 30, p. 2 a 3.

1976

A MOAGEM, José Afonso Primo. Na Bahia. 2/2, nº 32, p. 4

PLANTADORES DE FUMO. R.S. 2/2, nº 32, p. 7

OS TEÓRICOS DA REFORMA AGRÁRIA, Fátima Murad. Sobre a ABRA. 2/2, nº 32, p. 10

CACAU. M. Carvalho. 16/2, nº 34, p. 2.

O HOMEM E O CAMPO, José Francisco da Silva. Depoimento pres. CONTAG. 28/6, nº 52, p. 4, 5 e 8.

1977

ÍNDIOS, TERRA, FUNAI, C. Junqueira, Silvio C. Santos e Roque Laraia. 28/3, nº 91, p. 16 e 17.

OS MEEIROS E O FELJÃO Tibério Canuto, Ronaldo Garcia e Antonio Bernardes. 7/3 e 25/4, nºs. 88 e 95, p. 18 e 19.

A NOVA AVENTURA GAÚCHA, A. Müller. Migração para Amazônia. 16/5, nº 98, p. 6 e 7.

ENTREVISTA A PRES. CONTAG. Teodomiro Braga. 6/6, nº 101, p. 4

A VOCAÇÃO AGROPECUÁRIA DA VOLKS, S. Buarque. 20/6, nº 103, p. 7

O CAMPO BRASILEIRO HOJE, Pedro Ferro. Dados da ABRA. 8/8, nº 110, p. 6 a 8.

SEM TERRA E SEM MEMÓRIA (ARACRUZ X TUPINIQUINS). Gilberto N. Galvão. 15/8, nº 111, p. 2.

MUITA TERRA PARA POUCOS, POUCA TERRA PARA MUITOS, Pedro Ferro. 15/8, nº 111, p. 6 e 7.

A PATENTE DAS SEMENTES, Roldão Oliveira. Contra Multis 15/8, nº 111, p. 8.

POR QUE A SOJA TOMA O LUGAR DO FELJÃO?, Pedro Ferro. 12/9, nº 115, p. 6 e 7.

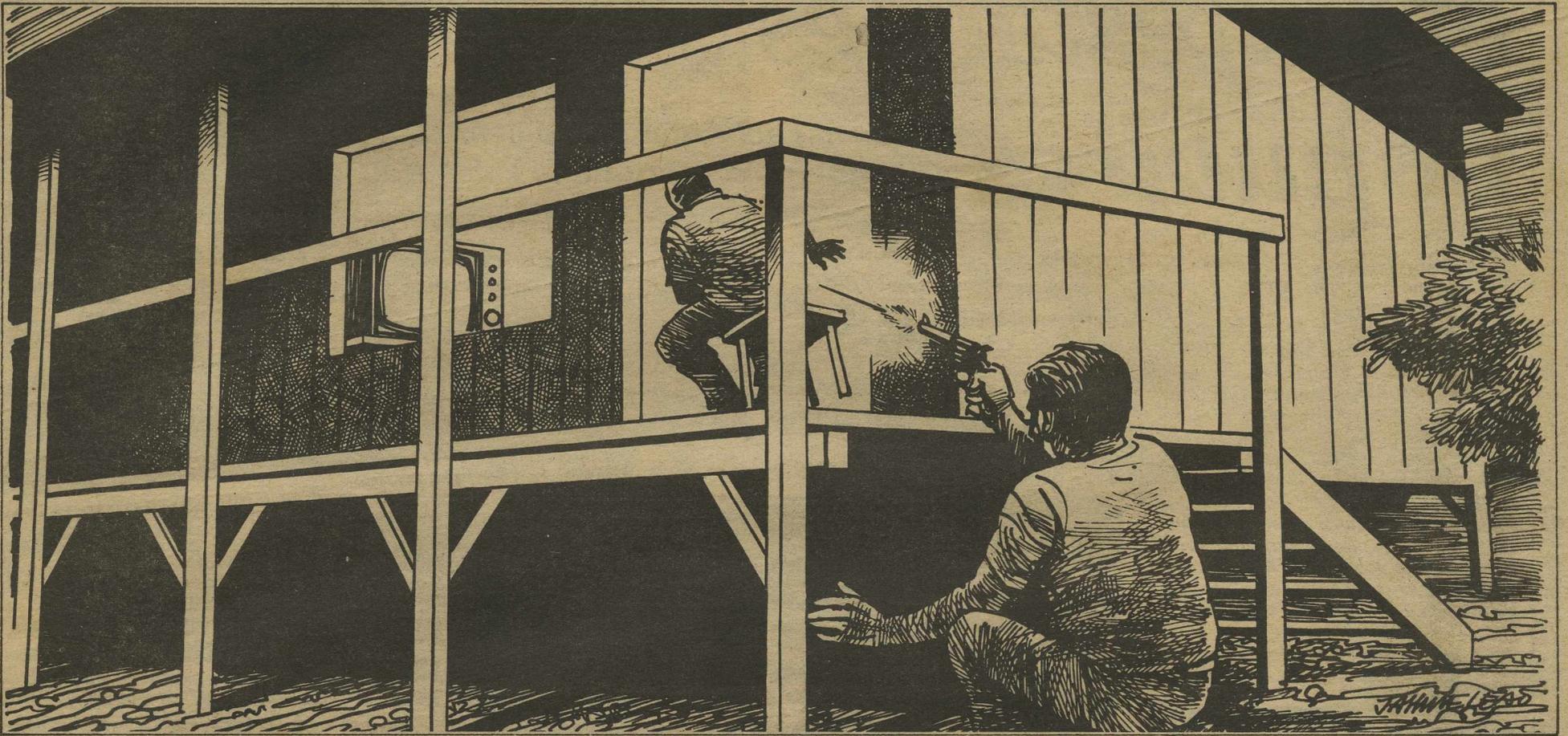
OS LAVRADORES DO MAR, Eduardo Sganzerla. Possesores do Ceará. 25/9, nº 117, p. 4.

ACABOU O EL DORADO (AMAZÔNIA), Jadson Oliveira. 25/9, nº 117, p. 5

BRIGANDO CONTRA SUGUAPARA, Jaime Sautchuk. Luta de Possesores no Pará. 3/10, nº 118, p. 5.

PROFESSORAS RURAIS, M. Carvalho. Em Minas Gerais. 10/10, nº 119, p. 3

SOJA E CAFÉ, SIM. MAS E A MANDIOCA? E O FELJÃO?, Francisco Graziano Neto. Sobre ensino de agronomia. 24/10, nº 121, p. 2.



O assassinato de Wilson de Souza Pinheiro, pres. do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Brasiléia, Acre

CAMPO — 13 ANOS DEPOIS DO ESTATUTO, sem autor 28/11, nº 126, p. 7.
OS MITOS DA FOME, Francisco Graziano Neto e Tais Tostes. 12/12, nº 128, p. 6.
RECONTO, Santiago Terra. Conto. Sobre lavradores das "gerais". 12/12, nº 128, p. 20

1978

O MODELO AGRÍCOLA DE LUDWIG, J. Sautchuk. Sobre a Jari. 13/2, nº 137, p. 7.
AS COOPERATIVAS "SELVAGENS", Robert Solé. Sobre posseiros na Itália. 20/3, nº 142, p. 15.
UM POETA DA JUSTIÇA E DA ESPERANÇA, A. Carlos Moura. Sobre D. Pedro Casaldáliga e seu livro sobre o Araguaia. 20/3, nº 142, p. 16.
TRINDADE, A ALDEIA DO MEDO, M. Carvalho. Sobre posseiros da Rio-Santos. 27/3, nº 143, p. 20.
O MEDO NO ALTO DA ROLINHA, Bené Simões. Sobre a CODEVASF. 17/4, nº 146, p. 7.
O CAPITAL ESTRANGEIRO VAI AO CAMPO? V.L. Manzollilo e J. Graziano. 8/5, nº 149, p. 15 a 18.
A USINA DO ATALLA, M. Carvalho. Em Porecatu. PR. 22/5, nº 152, p. 19.

A TRISTE GUERRA DOS CAINGANGUES, M. Carvalho. No PR. 22/5, nº 152, p. 20.
KROWA, A CORRIDA DA TORA, Saulo Petean. Índios no Acre. 29/5, nº 152, p. 20.
A CAPITANIA DA VOLKS, S. Buarque. 26/6, nº 156, p. 12 a 14.
DE VOLTA, UM GRANDE TEMA: A REFORMA AGRÁRIA, sem autor. Sobre a SB-PC. 17/7, nº 159, p. 21.
VIOLÊNCIA NO RIO DAS MORTES, M. Carvalho. Em MT, com posseiros. 23/7, nº 160, p. 10 e 11.
A GUERRA CAMPONESA DE TROMBAS DE FORMOSO, M. Carvalho. 21/8, nº 164, p. 7 a 9.
A REVOLTA DOS ÍNDIOS, P. Dória e V. Carelli. Conflitos no Brasil. 11/9, nº 167, p. 11.
SANGUE DE PEÃO ENGORDA BOI PAULISTA, M. Carvalho. No Pará. 18/9, nº 168, p. 2.
COM O BICO NÁGUA E MORRENDO DE SEDE, M. Carvalho. Várzea do Amazonas, 25/9, nº 169, p. 10.
TRANSAMARGURA, M. Carvalho. Na Transamazônica. 23/10, nº 173, p. 20 e 21.
PARÁ: ESTADO DE GUERRA, M. Carvalho. Sobre a luta pela terra. 20 e 27/11, nºs 176 e 177.
VENDER A FLORESTA PARA PAGAR A DÍVIDA, Teodomiro Braga. 11/12, nº 180, p. 12 e 13.
TOMATES NO LIXO! Tânia Angarani. M. Gomes e Sandra Adams. 11/12, nº 180, p. 14 e 15.
AI QUE SAUDADES DA SAÚVA! Plínio Marcos. Crônica. 11/12, nº 180, p. 20.
OS DONOS DO BRASIL EXPULSOS DE CASA, sem autor. Sobre índios. 25/12, nº 182, p. 14 e 15.

1979

BALANÇO CAMPO 1978 — Octávio Ianni (CAMPO QUER TER VOZ) e José de Souza Martins (LIBERDADE OUTRA). 1/1, nº 183, p. 16 e 17.
LIGAS CAMPONESAS: UMA LUTA SECULAR, Paulo Cavalcanti. 19/12, nº 190, p. 2 12 a 14.
AMAZÔNIA AMEAÇADA — NOSSA ENERGIA PARA OS TRUSTES, Ricardo Bueno. 5/3, nº 192, p. 12 e 13.
TODO PODER AO LATIFÚNDIO CAPITALISTA, Alfredo Pereira. Sobre o "milagre agrícola" de Delfim. 16/4, nº 196, p. 5.
TERRA! TERRA! TERRA!, Antonio Carlos Queiróz. O 3º Congresso dos Trabalhadores Rurais, 28/5 nº 204, p. 14.
PROÁCOOL — UM GRANDE NEGÓCIO, PARA POUÇOS, R. Oliveira. Cana SP. 29/9, nº 214, p. 12 a 14.
OS RELATÓRIOS SECRETOS CONTRA LUDWIG E JARI, 4 e 11/6, nºs 205 e 206.
O LATIFÚNDIO NA BASE DE TODA A EXPLORAÇÃO, Alberto. P. Guimarães. 11/6, nº 206, p. 20.
ESTAMOS À BEIRA DE UM MASSACRE, M. Carvalho. Pará. 15/10, nº 224, p. 12 e 13.
O MASSACRE EM ALTA FLORESTA. A.C. Moura. INDECO X garimpeiros. MT, 16/12, nº 232, p. 16.

1980

A VIOLÊNCIA CRESCE e GOVERNO ATACA NO CAMPO, R. Oliveira. Luta pela terra, Brasil, 4 e 11/12, nº 240 e 241.
O DOCUMENTO DA TERRA PROMETIDA, José de S. Martins. CNBB 18/2, nº 242, p. 5.
OS MENINOS DO ALGODÃO, R. Oliveira. Em Londrina. PR. 7/4, nº 249, p. 18 e 19.
A NOVA NICARÁGUA: UMA REVOLUÇÃO AGRÁRIA, G. Galvão. 14/4, nº 250, p. 18.
UM VERDADEIRO NEGÓCIO DO JAPÃO, Hélio Duque. Multis no cerrado. 22/4, nº 251, p. 6.
O CRUEL ASSASSINATO DE GRINGO, L. Maklouf. Pará. 9/6, nº 258, p. 11.
MÉXICO: O MASSACRE CAMPONES DE YAJALON, sem autor. 9/6, nº 258, p. 18.
JARIZÃO e ARIPUANÁ, M. Bueno e Calixto. Terras de monopólio. 21/7, nº 264 p. 6 e 7.
A REVOLTA DE SANTA HELENA, Jair Borin Itaipu. 28/7, nº 265, p. 7.
A REVOLTA DE SANTA HELENA, Jair Borin. Itaipu. 28/7, nº 265, p. 7.
PT: ROMPENDO O CERCO DAS CIDADES GRAÇAS À IGREJA, Wanderly Farias, 4/8, nº 266, p. 8 e 9.
FALAMOS COM CURIÓ, L. Maklouf. Pará 4/8, nº 266, p. 12 e 13.

O CARÁTER NOVO DA LUTA PELA TERRA, R. Oliveira. Seminário CEDEC. 1/9, 270, p. 14.
AS BORDUNAS IMPLACÁVEIS DOS KAIAPÓS, A.C. Moura. Pará. 15/9, nº 272, p. 15.
FLAGELOS E MORDOMIAS DA SECA NORDESTINA, Ivo Patarra. 3/4, nº 279, p. 12 e 13.
GOVERNO PARTE PARA A OFENSIVA — GETAT, Wladimir Pomar, L. Maklouf e M. Carvalho. 10/11, nº 280, p. 10 a 14.
REFORMA AGRÁRIA SEM POPULISMO, Abdias Vilar de Carvalho. 17/11, nº 281, p. 7.
PORQUE CAÇAM ESTES PADRES. Equipe coord. Roldão Oliveira. Religiosos perseguidos pelo regime em todo o país. 22/12, nº 286, p. 9 a 16.
BALANÇO CAMPO 1980, M. Lopes e L. Vieira. 29/12, nº 287, p. 12 e 13.

1981

NO CAMPO, A FARSA DO CAMPEONATO DO GIGANTISMO, José Gomes da Silva. 2/2, nº 292, p. 12.
CAMPONESES, DE EL SALVADOR À POLÔNIA, Lia Furtado, W. Pomar e Mário Pereira. 3/3, nº 299.
CAMPONESES DO BRASIL, equipe CIPES, 27/4, nº 304, p. 9 a 13.
O INFERNO DOS SEM-TERRAS — RONDA ALTA, RS, Vera Flores e Sérgio Weigert. 8/6, nº 310, p. 10.
DEBATE REFORMA AGRÁRIA, José Eli, Veiga. W. Pomar e Paulo Sandroni. 8/6, nº 310, p. 14 a 16.

O LATIFÚNDIO ARMADO, E. Silveira, L. Maklouf, L. Furtado, M. Soares, M. Cruz, M. Carvalho, O. Higa e W. Pomar. 6/7 e 3/8, nºs 314 e 318.

DILEMA SOCIALISTA NO CAMPO — POLÔNIA, J. E. Veiga. 13/7, nº 315, p. 19.
CANTO PARA O POVO POBRE, M. Carvalho. Cantor Antonio Cardoso, 3/8, nº 318, p. 11 e 12.
É UM AVIÃO? É O DELFIM? NÃO É. M. Carvalho. Suinocultura. PR. 10/8, nº 319, p. 11 e 12.
CASUÍSMO GEOPOLÍTICO. Lia Furtado, Sobre GETAT e CARAJAS, 16/8, nº 320, p. 16.
URAI: ROUBO E DESRESPEITO AO HOMEM DO CAMPO, Marcelo Oikawa. Paraná. 24/8, nº 321, p. 12.

POLÍCIA IMPLANTA MEDO EM S. GERALDO — PARÁ, Marcos Soares. 7/9, nº 323, p. 5.
IPPH — UMA PRÁTICA BEM SUCEDIDA? Carvalho e L. Furtado. Cooperativismo na Diocese de Lins, SP. 21/9, nº 325, p. 11 a 13.

VIAGEM À TERRA DO TERROR. A.C. Queiróz. Araguaia. 28/9, nº 326, p. 7 e 8.
CASERNA INDÍGENA, A.C. Queiróz. Sobre a Funai. 19/10, nº 329, p. 3 e 4.
UMA IGREJA DIFERENTE NO MARANHÃO, Luis Pedro. 19/10, nº 329, p. 14.
GETAT TAMANHO—BRASIL, L.F. Projeto do usucapião. 26/10, nº 330, p. 7.
GOVERNO VAI DESOVAR TERRAS? Lúcio Flávio Pinto. Usucapião. 2/11, nº 331, p. 6 e 7.
CAPITAL X NATUREZA — Centro Educacional Anísio Teixeira, Rio. Ecologia. 9/11, nº 332, p. 22.



Posseiros no Araguaia: a difícil luta pelo cultivo da terra

Manifestações populares

O jornal acompanhou o avanço do movimento popular, e debateu suas experiências e impasses

Sem medo de enfrentar qualquer tema, Movimento acompanhou sempre, da maneira mais fiel possível, o avanço das manifestações populares e do movimento operário: atos públicos, greves, luta pela anistia; movimento contra a carestia; luta das mulheres, negros, índios. Para isto, enfrentou uma censura prévia que interditava 2/3 de sua produção, a cada semana. A medida que as lutas democráticas avançavam forçando o regime a fazer concessões, a cobertura dessas lutas aumentava. Movimento se empenhou em aprofundar o conhecimento dos movimentos populares, definir suas experiências positivas e inovadoras e debater seus impasses.

1975

SUBÚRBIO, Aguinaldo Silva. Cena Brasileira. Depredações em trens, nas estações do grande Rio. 7/7/75, nº 1, p.3.

1976

REBELIÃO DOS PRESOS EM SANTOS, O coronel Erasmo Dias, nega que tenham havido negligência ou cumplicidade, por parte dos funcionários civis e militares no motim ocorrido no dia 31 de dezembro de 75. 12/1, nº 28.

O SECRETÁRIO E OS TRENS, Erasmo Dias alerta os que depredam trens. Usuários indignados depredam trens em Engenheiro Trindade. 2/2, nº 31, p. 10.

1977

TEM SOFREDOR NA LINHA. Depredação de trens na zona leste de São Paulo. 4/4, nº 92, p. 3.

O POVO CONTRA O TRUSTE, Cláudia Sampaio. 20 mil pessoas assinam abaixo-assinado contra multinacional, em Minas. 25/7, nº 108, p. 13.

1978

METALÚRGICOS QUEREM MUDAR AS REGRAS. No ABC negociações de reajustes diretamente com os patrões. 20/3, nº 142, p. 10.

ANISTIA! ANISTIA! Manifestações estudantis no Rio e São Paulo pela anistia. 3/4, nº 144, p. 6.

O MOVIMENTO DO CUSTO DE VIDA CHEGA AO ABC. Um milhão de assinaturas reivindicando abono de 20%. 17/4, nº 146, p. 6.

1º DE MAIO, O FIM DO MEDO E DO SILÊNCIO, Roldão Oliveira. Depois de dez anos sindicatos reclamam assembleias para discutir custo de vida. 1/5/78, nº 148, p. 5.

GREVE, GREVE, GREVE!, Sérgio Buarque e Paulo Barbosa. Operários da Saab-Scania, em São Bernardo em greve, 30 mil metalúrgicos. 22/5/78, nº 151, p. 3 a 6.

GREVE, Sérgio Buarque, Paulo Barbosa. Balanço da greve de maio-78 no ABC. 29/5/78, nº 152, p. 8 a 10.

OS OPERÁRIOS, A OPOSIÇÃO E A POLÍTICA, Roberto Suzedelo. A greve que já envolve 75 mil operários paulistas faz parte do quadro político alargado pelo fortalecimento da oposição popular. 12/6, nº 154, p. 5 a 7.

A GREVE DOS 900 MIL. Greve de professores em São Paulo, Paraná, e Minas Gerais. 28/8, nº 165, p. 8 e 9.

A GREVE COMEÇA NOS BANCOS. 7 mil bancários parados, exigem aumento acima do índice oficial. 4/9, nº 166, p. 8

Nair Benedicto/Agência F4



Assembléia dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, 1980

Milton Mendes



Salvador, 1981: rebelião contra o aumento das tarifas de ônibus

1979

LULA FOI DEPOSTO. E AGORA? Empresários acham que intervenção resolveu problemas no ABC. 26/3, nº 195, p. 5.

TRÉGUA NO ABC, Marcos Gomes, Raimundo Pereira, Tânia Angarami, Teodomiro Braga, Tim Urbinati e Lia Strauss. 15 dias de greve. Intervenção. Negociações. Volta ao trabalho. 2/4, nº 196, p. 4 a 9.

A REBELIÃO DOS FUNCIONÁRIOS. Quase 200 mil trabalhadores lutando por um salário digno. 23/4/79, nº 109, p. 6 e 7.

O DIA EM QUE SÃO PAULO PAROU. 40 mil motoristas de ônibus param na cidade de São Paulo. 7/5/79, nº 201, p. 10 e 11.

UM DIA PARA A HISTÓRIA, Raimundo Pereira. Comemorações do 1º de maio no ABC em 1979. 7/5, nº 201, p. 12 e 13.

MALUF: APOSTANDO NO ENDURECIMENTO, Helvio Falleiros. Funcionários públicos em greve. Declarações de Maluf, de professores da USP e do Comando Geral de Greve. 15/5, nº 202, p. 5

A GREVE CONTRA OS PATRÕES? Flávio Carvalho. Greve dos jornalistas em São Paulo. 28/6/79, nº 204, p. 12 e 13.

OS GREVISTAS E OS BARÕES DA IMPRENSA. A greve dos jornalistas. 4/6/79, nº 205, p. 7.

A REVOLTA DOS PEÕES, Marcos Gomes. Enfrentando uma situação precária, os peões da construção civil de BH se rebelam de forma dramática. 6/8, nº 214, p. 3 a 5.

ANISTIA: A BATALHA FINAL, Roberto Martins. No Rio, 20 mil pessoas em dois comícios e passeatas. 20/08/79, nº 216, p. 6 e 7.

DIA NACIONAL DE PROTESTO, Jô Azevedo. Comemorado em várias capitais do país. Donas de casa contra a carestia. 3/9/79, nº 218, p. 13.

GREVE E MORTE, Aloísio Morais. 45 mil grevistas enfrentam a polícia. Uma morte muitos feridos e muitas prisões. 1/10, nº 222, p. 6.

AS GREVES DE 79 Avaliação das greves frente à repressão. 8/10, nº 223, p. 10 a 12.

CRIME E PROTESTO, Raimundo Pereira, Lia Ribeiro Dias, José Wilson, Flávio Carvalho. A morte do líder operário Santo Dias e as mobilizações de protesto dos trabalhadores. 5/11, nº 227, p. 3 a 8.

AS LIÇÕES DA GREVE, Lia Ribeiro Dias. Cinco sindicalistas debatem a greve como arma de luta. 26/11, nº 230, p. 8 e 9.

O TREM PAROU, Márcio Bueno. Quebra-quebra de trens no Rio de Janeiro e São Paulo. 24/12, nº 234, p. 8 e 9

1980

UNE: A ARTE DA POLÍTICA, Roldão de Oliveira. Em 5 dias de reunião, as lideranças estudantis procuraram unir o debate amplo com a unidade de ação. 18/2, nº 242, p. 4 e 5.

A GRILAGEM NO MORRO DOS PADRES, Márcio Bueno. A organização de 200 famílias de Niterói - RJ, sob ameaça de grupos imobiliários. 18/2, p. 9.

E O PORTO PAROU, SEM PIQUETES, Carlos Mauri Alexandrino. Trabalhadores param centro-exportador do país. Fustigam pelegos. Chocam ministros. 24/3, nº 247, p. 8

GREVE - A FIRMEZA E A FLEXIBILIDADE DOS METALÚRGICOS, Raimundo Pereira. Levantamento com matérias sobre nível de organização dos metalúrgicos em São Bernardo. 7/4, nº 249, p. 12 a 14.

A GREVE GANHA FORÇA, Raimundo Pereira. O governo enfraquecido, procura ganhar tempo, com pressão e ameaça. 14/4, nº 250, p. 10 a 13.

A GREVE COM LULA PRESO. A admirável mobilização do povo pobre, as idéias de Lula e Osmar, comandantes da greve, o governo tenta acordo na prisão. 4/5, nº 252, p. 3 a 8.

SÃO PAULO, 1º DE MAIO: O DIA EM QUE A POLÍCIA RECUOU, Lia Ribeiro Dias. O povo saiu em passeata depois de muita tensão, 120 mil pessoas comemoram o 1º de Maio em SP. 5/5 nº 253, p. 3 a 6.

A BATALHA DO ABC: 41 DIAS NA CIDADE SITIADA, Roldão de Oliveira. Desde quando as máquinas pararam os patrões acreditavam que a greve acabaria facilmente. Mas, para contê-la foi preciso sítiar São Bernardo. 19/5, nº 255, p. 12 a 14.

TEMPO QUENTE EM SÃO BERNARDO, Raimundo Pereira. Começa a luta aberta dos metalúrgicos de São Bernardo contra a intervenção. 16/5, nº 259, p. 7.

1981

REVOLTA E MORTE NA PM, Otto Figueiras. Greve da Polícia Militar da Bahia, reivindicações. 23/3, nº 299, p. 3 a 5.

28 DE ABRIL: OS MÉDICOS VÃO PARAR EM TODO PAÍS. Greve dos médicos, 27/4, nº 304, p. 14.

RESISTINDO A CRISE, Roberto Martins. No 1º de Maio, a luta contra o desemprego e a unificação, manifestações em SP. 11/5, nº 306, p. 10.

GREVE DA FIAT, Rubem Silveira. A empresa manobra mas os trabalhadores continuam firmes. 1/6, nº 309, p. 10.

AMARGO FIM DA GREVE, Roberto Martins. 15/6, nº 311, p. 7.

VITÓRIA DEPOIS DE 28 DIAS. Assembléia de 4 mil suspende movimento dos médicos mas mantém "estado de greve". 6/7, nº 314, p. 9.

GREVE CONTRA DEMISSÕES, José Carlos Ruy. A primeira grande greve em São Bernardo por causa da demissão de 400 operários. 13/7, nº 314, p. 10.

AUMENTA À CRISE. Leandro Mala. Manifestações contra demissões na indústria de automóveis. 27/7, nº 317, p. 8.

O ENCONTRO EM SÃO PAULO. Encontro preparatório para a Conclat. O Enclat teve divergências, mas concordou com a criação da CUT. 10/8, nº 319, p. 14.

CONFUSÃO E AUTORITARISMO, Vera Flores. Grupos polarizam Congresso e 3 mil mulheres pouco discutem seus problemas. 17/8, nº 320, p. 24.

OS SETE DIAS QUE ABALARAM A BAHIA, Otto Figueiras e Jadsom de Oliveira. A rebelião popular contra o aumento da tarifa de ônibus. 31/8, nº 322, p. 4 a 7.

PAVIO ACESO, Otto Figueiras, Montezuma Cruz, Luis Maklouf, Marcos Soares. A rebelião cede em Salvador e começa a se espalhar pelo país. 12/10, nº 323, p. 3 a 5.

OS INVASORES DE SÃO PAULO, Mário Serapicos e Jô Azevedo. Um povo pobre que não tem recursos nem mesmo para alugar um barraco numa favela. 14/9, nº 324, p. 11 a 13.

ONDE A "INVASÃO" É A REGRA, Virginia Botelho. 63% das famílias recifenses residem em terras invadidas e defendem seu direito de morar contra o Governo e a especulação imobiliária. 21/9, nº 325, p. 8

A MANIFESTAÇÃO DOS APOSENTADOS, Márcio Bueno. Manifestação contra o pacote da Previdência no Rio pelos aposentados. 21/9, nº 325 p. 9

1º DE OUTUBRO: DIA NACIONAL DE LUTAS. Antonio Carlos Queiróz, 05/10, nº 327, p. 3 e 4.

A GUERRA NAS CIDADES, Murilo Carvalho, Roberto Martins, Otto Figueiras, Virginia Botelho. Marcos Soares. Invasões de terras nas cidades. 12/10, nº 328, p. 11 a 14.

A LUTA PARA DESMILITARIZAR A ESCOLA, Álvaro Caropreso, Maluf preferiu intervir e nomeia para tentar barrar a democratização da UNICAMP. 26/10, nº 330, p. 5.

PROFESSORES DO PARANÁ CONTRA O DESCASO DO REGIME, Frederico Fuellgráf. Cerca de 40 mil discutem a greve, por melhores salários, democratização do ensino. 26/10, nº 330, p. 13.

UMA PROVA DE FORÇA DOS ELETRICITÁRIOS DA BAHIA. Otto Figueiras. Unidos, ameaçam a greve e conseguem piso de 24 mil e estabilidade por um ano. 2/11, nº 331, p. 12.

Cultura

Nas páginas do jornal, uma parte importante da história cultural brasileira dos últimos anos contada por seus próprios protagonistas

Movimento dedicou especial atenção à defesa da cultura brasileira, principalmente da cultura popular, tanto contra as investidas imperialistas, como contra a falsificação da cultura popular realizada pelos meios de comunicação.

Além disso, o jornal cobriu todas as iniciativas culturais importantes que aconteceram no país, discutindo-as do ponto de vista dos interesses democráticos na área da cultura.

Nas páginas do jornal encontramos uma parte importante da história cultural do Brasil nestes últimos cinco anos, muitas vezes contada por seus próprios protagonistas, como Patativa do Assaré, João do Vale, Paulo Pontes, Chico Buarque e outros.

1975

CONVERSA DE SAMBISTA, Rivaldo Chincm. Entrevista com o compositor, porteiro e repórter Jangada, nº 2, 14/7/75, p. 24.

DOIS CHICOTES (O DO PATRÃO E O DO SERVO), Fernando Peixoto. Sobre a peça "O DUELO" de B. Santareno, nº 5, 4/8, p. 21.

"O ÚLTIMO PAU DE ARARA", José Miguel Wisnick. Entrevista com o repentista Venâncio, nº 6, 11/8, p. 19. Matéria incluída no livro *Artistas e Festas Populares* (vários autores), Coleção Cena Brasileira, editora Brasiliense, SP, 1977.

SÃO PAULO COM AÇÚCAR E COM AFETO, Fernando Peixoto. Sobre a peça *Porandubas Populares* de Carlos Queiróz Teles, nº 6, 11/8, p. 6.

A SOLTEIRONA, A PROSTITUTA E O CINEMA POPULAR, Zulmira Tavares. Sobre a "burrificação" do público, nº 7, 18/8, p. 23.

ME DÊ O MOTE de G. Guarnieri. Trechos da peça de G. Guarnieri, nº 8, 25/8, p. 24.

A CONGADA, Murilo Carvalho. Cena Brasileira sobre a congada de Machado, interior de Minas, nº 10, 8/9, p. 3. Matéria incluída no livro *Artistas e Festas Populares* (vários autores), coleção Cena Brasileira, editora Brasiliense, SP, 1977.

ESCAPANDO DA MORTE, José Wisnick. Sobre o disco de Marcus Pereira "Música Popular no Sul", nº 11, 15/9, p. 20.

A TELEVISÃO SEGUNDO BRECHT, Fernando Peixoto. A Teoria do rádio de Brecht serve para a TV? nº 16, 20/10, p. 22.

SALVE-SE O COMPOSITOR POPULAR, José Wisnick. Sobre a situação do compositor popular, nº 17, 27/10, p. 21.

RESISTÊNCIA, Zenir Campos Reis. A literatura brasileira no Estado Novo, nº 21, 24/11, p. 17 e 18.

1976

TV DE RUA, Jorge Batista. A presença da TV em Macaíba, RN nº 27, 5/1, p. 2.

SUBÚRBO DE POEMA: GOTA D'ÁGUA É UM TEATRO POPULAR?, Fernando Peixoto, Paulo Pontes e Chico Buarque. Debate sobre o caráter popular da peça, nº 31, 2/2, p. 12 e 13.

O PRAZER DA REFLEXÃO, Wolfgang Leo Maar. Entrevista com integrantes do Grupo Núcleo de Teatro Popular, nº 36, 8/3, p. 15.

FORA DAS QUATRO LINHAS, Fernando Peixoto. Entrevista e debate com artistas e diretores teatrais sobre o panorama do teatro nacional, nº 47, 24/5, p. 21, 22 e 23.

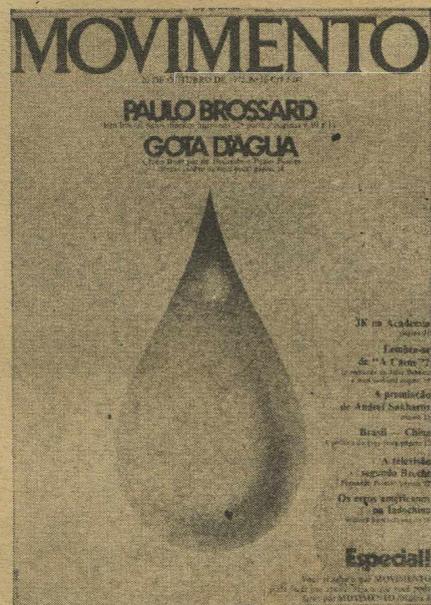
O OFÍCIO DE REVELAR, Françoise Barthélemy. Entrevista com Alejo Carpentier, nº 57, 9/8, p. 16 e 17.

O CORO FORTE DOS DESENCONTRADOS, Maria Rita Kehl. Sobre o Festival de Música Popular Zona Sul de São Paulo, nº 66, 4/10, p. 17.

PARA O PÚBLICO OU PARA OS FESTIVAIS, M. Cecília Garcia. Uma avaliação do Teatro Amador, nº 75, 6/12, p. 16 e 17.

1977

INDEPENDÊNCIA E MORTE DE UM TEATRO URUGUAIO, Fernando Peixoto. Sobre o fechamento do grupo El Galpon, nº 99, 16/5, p. 18.



Em toda a sua história, Movimento sempre esteve aberto às diversas manifestações da arte e da cultura popular. No alto, da esquerda para a direita: nº 16, outubro/75; nº 25, dezembro/75; nº 75, dezembro/76. Acima: nº 79, janeiro/77; nº 114, setembro/77; e nº 308, maio/81.

TEATRO NO ABC: BOAS SALAS POUCOS RECURSOS, Luis Egypto. Surgimento do Teatro Independente no ABC, nº 101, 30/5, p. 15.

A RESSURREIÇÃO DA ARTE POPULAR, Emilio Chagas. Entrevista de Rafael de Carvalho, nº 104, 20/6, p. 17.

UM FESTIVAL DE TRABALHADORES, L. Azevedo e J. de Souza. III Festival de MPB na Periferia, nº 125, 21/11, p. 24.

ZÉ LIMEIRA: O CANTADOR MELHOR QUE A PARAÍBA CRIOU—LO, Assis Angelo. Sobre Zé Limeira, nº 127, 5/12, p. 20.

1978

UM HOMEM COMO OS OUTROS, François Truffaut. Sobre Chaplin, nº 132, 9/1, p. 24.

AS AVENTURAS DE JOÃO FEIJÃO, A peça de Teatro do Movimento do Custo de Vida, nº 142, 13/3, p. 24.

MIL E UMA ARMADILHAS, Zeca Zimmerman. Investida imperialista no cinema brasileiro, nº 144, 3/4, p. 17.

VIM DE TERRA VERMELHA, Fernando Peixoto. Sobre a obra de Portinari, nº 145, 10/4, p. 15.

1979

A LIGAÇÃO É NATURAL, Mario Schemberg. Arte e política, nº 183 1/1, p. 17.

FARRA E PROTESTO, Sergio Cabral. Sobre o protesto nas músicas carnavalescas, nº 191, 26/2, p. 16 e 17.

OPA! OLHA O TEATRO NO MEIO DA RUA, G. Galvão. Sobre o teatro popular em São Paulo, nº 214, 30/7, p. 17.

1980

SE FALAR CONTRA INJUSTIÇA É SER POLÍTICO? ENTÃO EU SOU POLÍTICO, Sergio de Oliveira. Entrevista de Patativa do Assaré, nº 236, 7/1, p. 18 e 19.

COTIDIANO OPERÁRIO SEM LIBERDADE, Otávio Ianni. Sobre a peça "Pensão Liberdade", nº 250 7/4, p. 21.

O GENIAL, O CENSURADO, PERSEGUIDO POTENKIM, Fernando Peixoto. Comentário sobre o filme, nº 254, 12/5, p. 20.

COMO É POSSÍVEL VENCER O ELITISMO, Flaminio Fantini. Experiência de jornais de bairro, nº 258, 9/6, p. 20 e 21.

O IMPÉRIO—LUCRATIVO DAS SALAS ESPECIAIS, Murilo de Carvalho. Sobre as salas especiais de cinema, nº 281, 16/11, p. 18 e 19.

AFINAL, QUE MÚSICA É ESSA QUE ESTÁ TOCANDO NAS RÁDIOS, Marcio Bueno. Entrevista com Fagner, Cacaso e Francisco Mario, nº 281, 16/11, p. 20 e 21.

SILÊNCIO NOS TAMBORINS, MORREU O PEDREIRO CARTOLA, Tarik de Souza. Balanço da vida e obra do compositor, nº 284, 8/12, p. 24.

LENNON: A MORTE DE UM

"SOBREVIVENTE", A RECRIAÇÃO E A CÓPIA DESCARADA, Flávio Diegues e Tarik de Souza. Sobre a morte de John Lennon, nº 285 15/80, p. 114, 15 e 16.

1981

A HISTÓRIA ESTÁ SEMPRE SENDO REESCRITA, J. Carlos Ruy. Entrevista de Mário Schemberg sobre "O Homem de Mármore", nº 307, 24/5, p. 24.

BOB MARLEY, Tarik de Souza. Retrospectiva da vida e obra, nº 308, 31/5, p. 15.

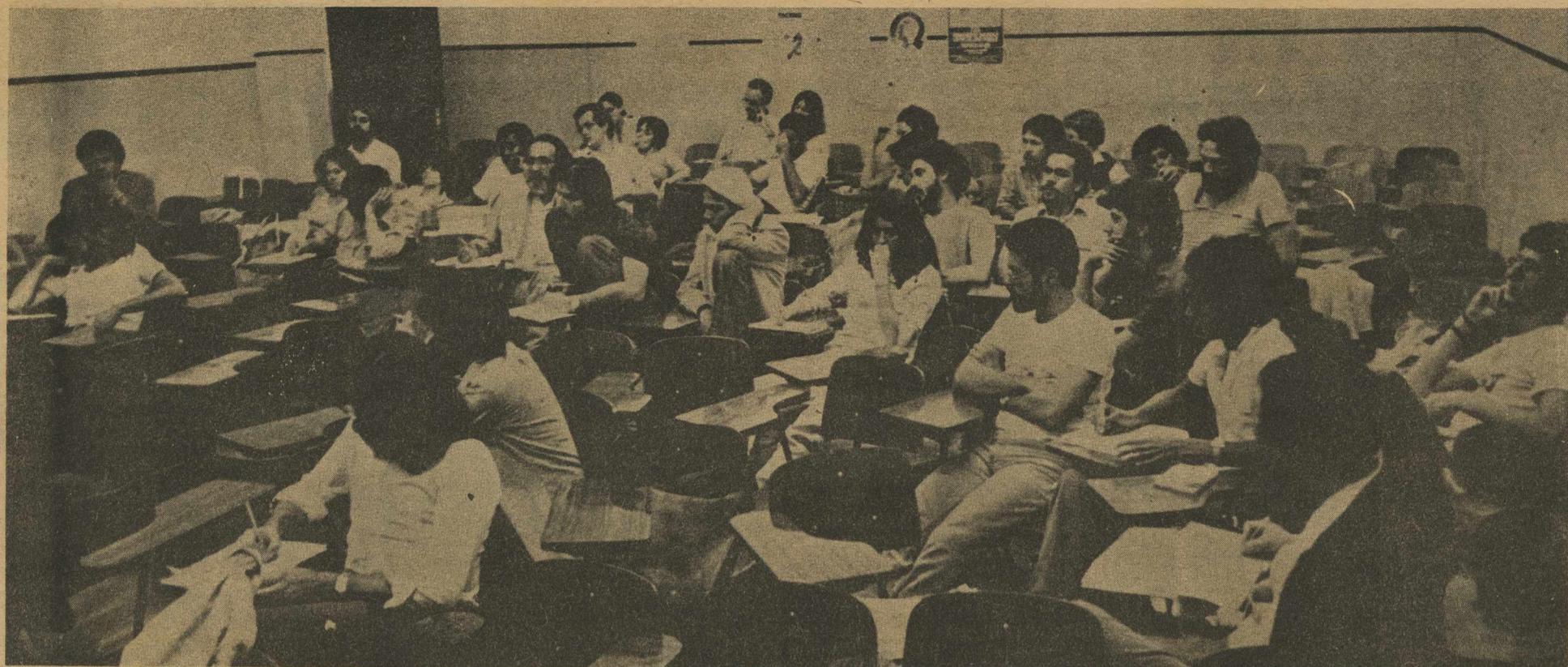
A VOLTA DE JOÃO CANTADOR E POETA, Valquíria Coelho da Paz. Entrevista de João do Vale, nº 317, 27/7, p. 24.

CANTO PARA UM POVO POBRE e UM GALO DE BRIGA ALEGRE e CANTADOR, M. Carvalho e Jô Azevedo. Sobre teatro e música independente e popular, nº 318, 3/8, p. 11 a 14.

O CANTO DA REVOLUÇÃO, Sérgio Lessa. Entrevista com Luis Mejia Godoy, cantor nicaraguense, sobre a música em seus país, nº 319, 10/8, p. 24.

ELES NÃO USAM BLACK-TIE, Tonico Ferreira. Cobertura sobre o filme, nº 325, 21/9, p. 17 e 18.

PICASSO, A HISTÓRIA DE UMA REVOLUÇÃO, José Tadeu Arantes. Vida e obra do pintor, nº 330, 26/10, p. 16, 17, 18 e 24.



A Convenção, 14/ e 15/11: reafirmação do programa e a decisão de fechar o jornal e continuar a luta

A última Convenção

Ninguém queria crer que não houvesse uma saída. No final, discursos firmes e emocionados

O jornal **Movimento** está fechado. No ar, uns restos nervosos de palmas misturaram-se ao choro impossível de disfarçar.

A barulhenta sala de aula do Politécnico, onde os delegados à Convenção de **Movimento** estão reunidos há dois dias ficou de repente em silêncio. São quase dez horas da noite. O domingo fora um dia muito difícil.

Desde a manhã, redatores, vendedores, repórteres, colaboradores de **Movimento** buscavam um jeito de mantê-lo vivo. Ninguém realmente acreditava que não houvesse alguma saída. Mas agora, ali, na sala densa dos cigarros fumados o dia inteiro, havia um nó entalado no peito de cada um: o jornal **Movimento** estava fechado.

A manhã toda fora gasta na análise da situação financeira de **Movimento**: suas dívidas, sua receita, sua despesa. Raimundo Pereira, diretor de **Movimento**, mostrou os números: fora realmente impressionante a queda de vendas do jornal nas bancas, após os atentados terroristas — dos 9,5 mil jornais vendidos anteriormente por semana, estava-se vendendo agora pouco mais de 3 mil e quinhentos. A proposta da diretoria não poderia ser outra: fechar **Movimento**, pois ele se tornara inviável economicamente, com uma dívida acumulada líquida de quase 10 milhões de cruzeiros.

Mas o fechamento ainda era uma probabilidade muito remota para cada um dos convencionais. Otto Filgueiras, da redação da Bahia, dizia todo tempo, sorridente: deve haver algum trunfo escondido por aí. O jornal não vai fechar, não. E como Otto, todos os outros delegados, de todo o país, pareciam tranquilos — qualquer solução haveria de ser encontrada para rolar a dívida —

como vive fazendo o governo — e viabilizar **Movimento**.

E a solução parecia ainda mais próxima quando Raimundo falou de um projeto de alteração do **Movimento**, que havia sido cogitado pela redação, e pela diretoria, prevendo um modelo de jornal mais concentrado, menor, mais barato, e — surpreendentemente, mais agressivo. Com esse novo modelo haveria possibilidade de se fazer uma economia efetiva, reduzindo-se o gasto com papel, impressão, salários fixos e despesas operacionais.

Foi com um espírito assim, alegre, confiante, que todos saíram para o almoço: uma vasta mesa de estíhas e quibes, regados a cerveja quase gelada. E as piadas parlamentares de Antonio Carlos Queiroz, repórter político de Brasília, pareciam ter mesmo muita graça.

Mas, não demorou muito, todos de volta na apertada sala de aula, os problemas cresceram de repente: mesmo para implantar o projeto econômico, em vista da dívida acumulada seria preciso ter 400 mil cruzeiros extras, cada semana, até fevereiro, para só então passar a operar com equilíbrio, sem dívidas.

A dura realidade do fluxo de caixa necessário para manter o projeto desencadeou então uma febre de propostas. Surgiram, de repente, dezenas de fórmulas para conseguir recursos. Shows, festas, apelos emocionados aos assinantes, aos leitores, aos acionistas. Doações pessoais, promessas de mais empenho nas vendas de assinaturas.

Aos poucos, ao longo das discussões de cada proposta, o quadro foi se clareando: elas se revelavam todas impossíveis ou já tentadas sem grandes resultados. Mas ninguém desistia ainda. A partir de uma sugestão de Otto Filgueiras, organizou-se uma lista onde cada

delegado escreveria as reais possibilidades de levantar-se fundos para o jornal em sua região. Assim seria possível uma visão de conjunto. Alvaro Caropreso, de Campinas, foi ao quadro-negro e anotou todos os resultados. Foi então que o desânimo começou a penetrar entre as carteiras apertadas. Poucas garantias tínhamos ali. Alguns puderam oferecer seus salários, outros o compromisso de uma cota semanal de 15 ou 30 mil cruzeiros, obtidos de amigos do jornal. Contou-se até mesmo com uma certa quantia de selos e algumas toneladas de papel velho. Muito pouco para que **Movimento** sobrevivesse.

A certeza do fim chegou, então, súbita como um vento morno. Não havia outra proposta. Só havia que se votar pelo fechamento. Mas quem teria coragem de encaminhar a proposta?

Antonio Carlos Queiroz, o alegre repórter de Brasília, levantou-se, tenso. Havia um silêncio muito grande na sala e era quase possível perceber-se as lágrimas gestando-se no fundo de muitos olhos.

— É difícil dizer da dura emoção de ver esse jornal fechar. Foi uma experiência que não morrerá aqui e será utilizada neste país ainda durante muito tempo pelo movimento democrático, operário e popular.

A fala de Antonio Carlos como as outras que vieram vindo, deixaram de ter o caráter de um encaminhamento formal e passaram a ser emocionados depoimentos pessoais. E quando o repórter Murilo Carvalho começou a falar em seguida, as lágrimas, de alguma maneira já vivas, brotaram por todos os olhos: a emoção viva, limpa. A certeza de algum tipo de derrota mesclada com a confiança numa vitória de ter resistido a tantos anos de censura, de boicotes, de prisões e processos.

Um a um, vendedores, repórteres, redatores, colaboradores foram dando seus depoimentos.

— **Movimento** foi meu principal material político, afirmou Alvaro Caropreso, e participar dele me fez compre-

der a importância de se lutar por uma sociedade mais justa.

— O significado de **Movimento** é muito grande na história deste país e na luta contra a ditadura, relatou Roberto Martins, redator do Rio de Janeiro. Proponho que se decida consciente e unanimemente pelo fechamento do jornal, mas mantendo sua bandeira por outras formas.

Raimundo Pereira, a voz ainda um pouco trêmula, afirmou:

— **Movimento** levou longe os princípios que me parecem básicos para o jornalismo: a investigação séria e o estilo democrático e apaixonado em defesa de nosso povo. Não estamos fechando o jornal por causas das quais nos envergonhamos; devemos nos colocar em disposição para continuar a luta contra a ditadura militar, reafirmando a necessidade de um jornal como **Movimento**, para servir ao movimento democrático e popular.

— **Movimento** foi a maior escola de democracia que encontrei, pode dizer o repórter José Carlos Ruy.

— Ele serviu para formar a consciência política e aglutinadora de pessoas. Este jornal de fato não pode dar lucro, mas sua luta por mais de 6 anos foi a formadora de uma imprensa nova, afirmou Léa Vargas, da área de vendas do Rio de Janeiro.

Lia Furtado, colaboradora de redação: como leitora, tive sempre no jornal a minha principal fonte de informação, e um dos melhores momentos para mim foi a oportunidade de poder trabalhar em **Movimento**.

— Quando entrei em **Movimento**, ainda acreditava que ele era um jornal partidário. Aos poucos, porém, deixei de ter essa visão e inclusive passei a ter uma relação não apenas profissional com o jornal — passei a gostar dele, disse Otto Filgueiras, um dos colaboradores mais recentes.

Os depoimentos foram ainda por longo tempo — uma votação bastante diferente, onde cada voto pelo fechamento do jornal estava sendo uma reafirmação de sua importância:

— Essa imprensa representada por



Carlos Machado e J. Carlos Ruy, SP



Flávio Dieguez e Flávio Carvalho, SP



Milton e Zarif, Campinas-SP: preocupados



Perseu Abramo, São Paulo



Luiz Eduardo, Paraíba

Movimento simboliza a resistência de nosso povo, sua disposição de enfrentar uma ditadura militar, ressaltou o jornalista Marcos Gomes.

O depoimento de Luiz Maklouf foi ainda revelador: sou editor de um jornal, o **Resistência**, de Belém, do qual **Movimento** é o pai e o inspirador.

Da Paraíba, Luiz Eduardo afirmou: mais do que uma experiência jornalística, morre aqui uma experiência histórica. E Virgínia Botelho, repórter de Pernambuco, ressaltou: toda uma geração de jornalistas de Recife deve sua formação a **Movimento**.

Márcio Bueno, repórter do Rio de Janeiro, relembrou o papel de **Movimento** no empunhar bandeiras importantes como a anistia, a Constituinte, a reforma agrária.

Do Paraná, Gilberto, da área de vendas, reafirmou a disposição de toda a equipe em manter de alguma maneira vivo o "espírito de **Movimento**". E Laís Oreb, da revisão, pôde falar sobre o papel de **Movimento** na luta das mulheres, pois chegou mesmo a ter vetado um número totalmente dedicado aos problemas femininos. O último pronunciamento foi feito por Altamir, da administração do Rio de Janeiro, que emocionado, agradeceu aos vendedores anônimos de **Movimento**, que o espalharam por todo o país apesar das dificuldades.

Agora, havia-se que votar. Uma eleição pouco mais que simbólica, onde a decisão já estava tomada. Uma decisão que dezenas de braços estendidos fazia parecer definitiva. Mas que se tornou uma manifestação de esperança quando Roberto Martins leu pausadamente o voto escrito dos delegados de Minas Gerais, que haviam se retirado um pouco antes, porque o ônibus sairia à meia-noite:

— Fechar o jornal. Continuar a luta.

A seguir, a história dos seis anos e meio de **Movimento**. A luta contra a censura; as edições apreendidas; as perseguições da polícia política; o enquadramento do editor responsável na LSN e outros fatos da vida de **Movimento**.

A vida passada a limpo

As perseguições a **Movimento**; as causas da crise financeira; o debate na última Convenção

Em suas 334 edições, **Movimento** não viveu nem uma semana sem crises. Melhor: **Movimento** já nasceu como produto de uma crise no jornal **Opinião**. Em fevereiro de 1975, o dono de **Opinião**, o industrial Fernando Gasparian, afastou o editor da publicação argumentando razões de ordem pessoal.

Por isso, parte da equipe de **Opinião** decidiu criar um jornal que fosse um passo à frente em termos de democracia interna. **Movimento** teria um Conselho Editorial e um Conselho de Redação que zelaria pela aplicação de um programa comum, aprovado pelos jornalistas e intelectuais que iriam nele trabalhar.

Dessa forma a crise de **Opinião** teve um resultado positivo com a criação de uma equipe mais ampla, mais coesa e com um trabalho muito mais centrado no combate à ditadura militar e na denúncia dos planos do regime — que já naquela época começa a angariar discretas simpatias em setores da oposição, com o projeto de "distensão" do general Geisel.

Por ter centrado seu combate na ditadura já desde o número zero, a polícia não demoraria a chegar com a censura prévia. O próprio número zero, que não foi para as bancas, foi parcialmente apreendido pela Polícia Federal. Apesar da experiência da equipe de **Opinião** no trato com a censura, as primeiras semanas de **Movimento** foram de grande caos, causadas essencialmente pelo estorvo de ter de mandar todas as matérias, ilustrações e anúncios para os gabinetes policiais em São Paulo e Brasília. A primeira edição saiu completamente mutilada — o que iria se repetir até a queda da censura, em junho de 1978.

Não foram poucos os que desanimaram logo nestas primeiras semanas, depois de ver um intenso trabalho ser destruído em poucas horas nos gabinetes do então ministro Falcão. Mas para a grande maioria o trabalho mesmo assim era recompensador: num espaço de tempo relativamente curto, os amigos e acionistas de **Movimento** levantaram cerca de três milhões de cruzeiros de capital para a empresa Edição S.A.

A idéia da frente que **Movimento** representava despertou grande simpatia principalmente nas redações dos grandes jornais e entre os profissionais liberais — basicamente o público anterior de **Opinião**.

Golpeado pela censura desde a primeira semana

Mas a crise estava sempre presente, lançando novos desafios a **Movimento**. A censura vetava até mesmo reproduções de matérias já publicadas em outros jornais; chegou a cortar inclusive uma foto de um balde de leite, sem a menor explicação. Como resultado direto da mutilação impiedosa que a censura exercia em **Movimento**, as vendas caíram rapidamente dos 21 mil na primeira semana para um patamar de 10 mil exemplares. Ou seja, já nas primeiras semanas de operação, o jornal tinha de reformular seu orçamento, reduzindo à metade suas pretensões, por causa da censura.

Durante os anos seguintes, **Movimento** iria manter-se vivo basicamente graças aos acionistas que renovavam seus investimentos e a esses dez mil leitores, que acabaram desenvolvendo

uma notável capacidade de ler nas entrelinhas, descobrindo o que a censura cortava.

O que permitiu a sobrevivência de **Movimento** nesses primeiros meses foi a redução das pretensões — reavaliadas então para se levar em conta o poder da censura em destruir uma iniciativa. Os salários da redação foram drasticamente diminuídos, o número de páginas reduzido.

Em compensação, crescia a frente de apoio ao jornal, com a incorporação de mais colaboradores.

A diversidade de opiniões, que permitiria ao jornal agregar mais pessoas, estava refletida na constituição do primeiro Conselho Editorial, eleito antes mesmo de o jornal ir para as bancas: Edgar Godói da Mata Machado, Chico Buarque, Hermilo Borba Filho, Alencar Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Orlando Villas-Boas, Audálio Dantas. Mais doze nomes comporiam o primeiro Conselho de Redação, que teria a propriedade majoritária das ações de Edição S.A.: Aguinaldo Silva, Antonio Carlos Ferreira, Bernardo Kucinski, Elifas Andreatto, Fernando Peixoto, Chico de Oliveira, Chico Pinto, Jean-Claude Bernadet, Marcos Gomes, Maurício Azedo, Raimundo Rodrigues e Teodomiro Braga.

Isso não impediu que as perseguições por parte do regime a **Movimento** prosseguissem implacáveis. Ao longo de sua história, o jornal sofreria cinco apreensões, a começar pelo número 15 que denunciava o entreguismo do governo através dos chamados contratos de risco. Depois uma edição especial sobre a mulher que havia mobilizado dezenas de jornalistas e enorme trabalho, foi vetada pela censura, em mais de 90%, inutilizando-a. Seriam apreendidos ainda os números 116, sobre a Constituinte, o 177, sobre as eleições parlamentares, e a edição que trazia na capa o fracassado atentado fascista ao Riocentro.

As outras formas de perseguição variavam desde a intimação, dos responsáveis pelo jornal para comparecer

Não importa qual é a frente

A não compreensão pela maioria dos membros do jornal, das características principais apresentadas por Movimento a seu público leitor, fez com que internamente se priorizasse equivocadamente a discussão do programa do jornal, de qual frente o jornal deveria defender, em detrimento dos aspectos vitais para a manutenção do projeto político-jornalista de Movimento.

Se essas características — 1) credibilidade na informação, dando subsídios à oposição na luta contra a ditadura militar, e 2) promoção de debates das posições divergentes no seio da oposição, no sentido de contribuir para a superação de suas debilidades — houvessem sido compreendidas, teriam sido priorizados os aspectos vitais; a organização da administração, a propaganda, a profissionalização do departamento de vendas de assina-

turas e a ampliação da democracia interna.

Portanto, a Convenção não deve definir no programa do jornal qual a frente que Movimento deve defender, já que: 1) divide a frente interna do jornal; 2) existem outros pontos comuns do atual programa que unificam os que hoje estão em Movimento; 3) principalmente porque não é determinante na feitura do jornal, nem para o público leitor. (Washington Oliveira)



Washington

O programa não se definiu

A Convenção de Movimento apontou, com justeza, duas das causas que levaram ao seu fechamento: a perseguição implacável do regime militar e a crise econômica, que encarece o custo do jornal e diminui o poder aquisitivo dos leitores. Gostaríamos de ressaltar outro motivo, decorrente de sua própria linha política.

Movimento, surgido da necessidade de juntar os mais variados setores oposicionistas para fazer frente ao fascismo, não conseguiu acompanhar o progresso de diferenciação ocorrido no seio desta mesma oposição a partir da abertura política. Hoje a oposição divide-se cada vez mais em dois grandes blocos: a oposição liberal-burguesa, que busca mudar a forma do Estado preservando ao mesmo tempo seus privilégios de classe, e a oposição democrática, operária e popular, que não separa o combate à ditadura da lu-

ta por uma profunda transformação social.

Ao não se definir — através da adoção de um programa e linha editorial que adotassem decididamente as bandeiras de luta contra os monopólios, o imperialismo e pela reforma agrária nacional — Movimento restringiu sua base de apoio interna e externa, e terminou por se inviabilizar, apesar do empenho de todos nós em buscar um caminho para a sua continuidade. (Roberto Martins)



Roberto Martins

à Polícia Federal, até a inclusão de funcionários de Movimento em uma lista provocadora de 95 supostos "subversivos" que participaram do III Encontro Nacional dos Estudantes.

Em 77, Movimento passou por uma crise advinda desta vez de divergências internas. Aglutinou-se um grupo de funcionários às vésperas da Convenção anual do jornal, levantando críticas à democracia interna de Movimento. A questão se acirrou, dividindo o jornal em dois campos, e uma proposta de mecanismos novos feita pela diretoria não foi capaz de evitar o "racha". Esta proposta tinha por pressuposto que a origem da crise era a intenção dos seus críticos de alterar o programa do jornal, escamoteada sob a questão da democracia interna, e que mesmo a aprovação dos novos mecanismos não resolveria o impasse. Com a vitória da proposta da direção, um grande número de profissionais deixou o jornal, não aceitando a decisão da Convenção. Esses profissionais criariam posteriormente os jornais Amanhã (de curta duração) e Em Tempo.

Em junho de 78, a oposição obteve uma extraordinária vitória com o fim da censura aos jornais populares e mais combativos. Movimento, junto com os jornais O São Paulo e Tribuna da Imprensa, foi o último a ser liberado. Assim como começou ela terminou, deixando um prejuízo incalculável: Movimento havia sido impossibilitado pela censura de publicar mais de seis mil artigos, cerca de 4,5 milhões de palavras!

Depois da censura, boicote econômico, LSN, apreensões

Para os redatores, só o fato de não precisar mais escrever com o amaldiçoado papel carbono (produzindo uma cópia para a censura), já significou uma enorme alegria. O boicote econômico continuaria a tarefa da censura prévia na perseguição ao jornal — que não recebia anúncios, não tinha crédito bancário — assim como as perseguições "legais", os processos através da

Lei de Segurança Nacional e as apreensões.

Mas a vitória era inequívoca: no período anterior à queda da censura a venda de Movimento havia caído para cinco mil jornais em banca; depois subiu a um patamar de 16 mil jornais.

No período imediatamente posterior, as divisões no Planalto se acirraram e se tornaram explosivas com as denúncias do general Hugo Abreu sobre as articulações da "gang" para indicar e "eleger" o general Figueiredo como sucessor de Geisel. A candidatura do general Euler Bentes, articulada por Hugo Abreu e a oposição liberal, provocou uma grande mobilização no país. Movimento cobriu com destaque (embora sob muitas críticas) esse movimento, e suas vendas subiram. Também nesse período, as reportagens sobre a corrupção governamental: "Geisel num Mar de Lama", ajudariam a elevar extraordinariamente a venda do jornal.

Nesse período, a frente interna de Movimento cresceu, com a entrada de vários profissionais para o jornal, o que contribuiu muito para melhorar a sua qualidade.

Mas novamente o jornal teria que passar por uma crise interna e um "racha", após a publicação de vários documentos sobre a guerrilha do Araguaia, o que algumas pessoas dentro do jornal julgaram incorreto. A direção do jornal alegou que os documentos eram do conhecimento da polícia e era um absurdo que o povo brasileiro não pudesse também ter acesso a informações sobre um movimento tão importante quanto a guerrilha. O grupo dissidente não concorda, alegando que os documentos eram assunto particular, e saiu do jornal.

A derrota de Euler Bentes resultou na vitória da "gang" do Planalto, liderada pelo general Golbery, que então impõe seu "candidato", Figueiredo, e a política de "abertura": recuo organizado imaginado pelo "mago" como forma de desarticular a oposição, então fortemente impulsionada pela ascensão do movimento popular e operário.

Fazem parte do arsenal da "abertura" a reformulação partidária, a extinção do AI-5, a Anistia, permanecendo

como "reserva" apenas a todo-poderosa Lei de Segurança Nacional. O regime vibraria um golpe violento contra Movimento, ainda antes da "abertura", abrindo um inquérito contra seu diretor-responsável na época, Antonio Carlos Ferreira, ameaçado no final de 78 com uma pena de dois a seis anos, pela cobertura do "Mar de Lama". A intimidação só terminou com a anistia.

A "abertura" permitiria também que os jornais de tendência surgissem: Hora do Povo, Voz da Unidade, Tribuna da Luta Operária vêm se somar às outras vezes já existentes da oposição. Passam a lutar bravamente para divulgar e defender seus programas, bandeiras e visão das inúmeras questões, contribuindo para o fortalecimento da luta popular e democrática.

O esforço despendido pelas diversas correntes para construir seus jornais coloca inevitavelmente em debate o futuro da "imprensa alternativa" tal como existia antes de 78.

Surge a necessidade de se levar adiante uma dupla tarefa: fortalecer as publicações de tendências para que estas possam defender seus programas e pontos de vista, e ao mesmo tempo aglutinar forças em torno de um programa oposicionista amplo, popular e democrático, de forma a levar muita informação a muitos, onde caibam muitos pontos de vista sobre grande número de questões.

Bombas nas bancas: as vendas caem de nove para 4 mil

Em meados de 80, os jornais oposicionistas são duramente golpeados pelos setores fascistas antiaberturistas, atingindo de maneira mais profunda jornais que, como Movimento, dependem essencialmente da venda em bancas. Os números são claros para Movimento, que antes dos atentados vendia mais de nove mil jornais e passa a vender menos de quatro mil no período posterior. Foi o começo de mais uma crise, definitiva. Coube à Convenção reconhecer esse fato no seu segundo dia de trabalho, dia 15.

A Convenção Extraordinária que decidiu pelo fechamento de Movimento foi o último dos grandes debates que se tornariam uma de suas características como jornal democrático e "sem patrão".

Nesse último dia 14, os 37 convencionais que foram ao Bom Retiro em São Paulo para decidir o destino do jornal, como tantas outras vezes, só chegariam às suas constatações finais após quase 30 horas de discussões exaustivas — com o agravante de que desta vez era preciso um plano, mas para fechar o jornal.

Primeira tarefa: avaliar as causas da crise. Não podia haver dúvida de que as dificuldades eram muitas, e isso os convencionais já vinham observando há muito tempo. Desde os atentados fascistas às bancas, em meados do ano passado, as vendas vinham apontando persistentemente para baixo. Suspeitava-se que tinha grande peso adicional nessa tendência o agravamento da crise econômica, que roubava leitores e elevava as despesas do jornal.

Em abril desse ano, finalmente, o pessoal de Movimento havia tido uma demonstração clara dos efeitos dessa situação, quando se abriu uma crise que levou muitos a já então defenderem o fechamento do jornal.

No dia 14 pela manhã, a situação tal como analisada pela diretoria não podia ser mais clara. A despeito do grande sucesso da campanha para levantar fundos, imaginada como meio de tentar reequilibrar o jornal até o fim do ano, a operação após a campanha tornou-se ainda mais deficitária.

O jornal errou ao tentar avançar em abril, usando parte do resultado da campanha para melhorar sua qualidade? Apesar de sua aviação sombria da situação, a diretoria tinha preparado um projeto para levar o jornal até fevereiro e tentar reequilibrá-lo. Isso dependeria, no entanto, de grande disposição da equipe (que trabalharia muito reduzida). E também de uma avaliação política dos rumos do jornal.

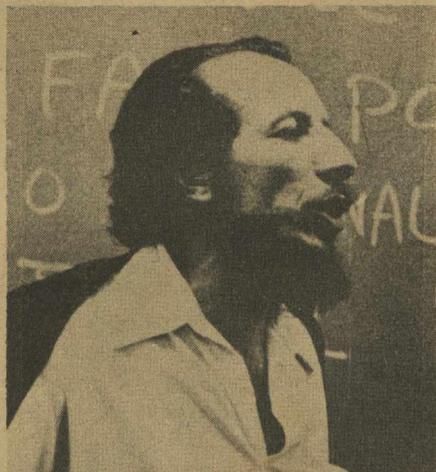
Já no debate promovido nas páginas do jornal, a partir de outubro passado, se evidenciava que essa avaliação não era consensual. Logo nas primeiras intervenções ficou claro que as divergências eram grandes.

Num debate muitas vezes áspero, onde as tensões da discussão se somavam

Falta de empenho de alguns

A última Convenção Nacional de Movimento agiu bem ao considerar que os atentados às bancas, a crise econômica, a conjuntura particular vivida pelo movimento oposicionista e a má alocação de recursos foram causas centrais do fechamento. Os sucessivos pronunciamentos finais indicaram, também com razão, que o fortalecimento relativo da ultra-direita no seio do regime foi a causa número 1. Faltou uma causa, porém; ela é secundária, é certo; mas teve peso, e não pode ser omitida: o fato de muitos companheiros terem passado a combater o programa político-editorial aprovado coletivamente e se posto a trabalhar política, jornalística e mesmo comercialmente contra a idéia de formação de uma ampla frente oposicionista. A Convenção aprovou, com justiça, que os integrantes de uma frente decidida coletivamente não po-

dem deixar de empenhar-se por levar adiante os compromissos assumidos coletivamente, nem alterá-los sem aviso. É valioso dizer isso; mas não basta. Era preciso ter afirmado que isso pesou no fechamento. É doloroso constatar que o programa básico que o jornal vinha defendendo há mais de seis anos, entre os 41 convencionais só tenha recebido 15 votos, tendo 8 contra, 4 abstenções e várias ausências significativas. (Raimundo Pereira)



Raimundo Pereira

à tensão gerada pela crise, estavam em pauta basicamente duas opiniões, embora houvesse outras: uma que defendia a manutenção do atual programa do jornal, bastante amplo; e outra que defendia um estreitamento desse programa, que deveria ser apenas antiimperialista, antimonopolista e antilatifundiário.

O defensor deste segundo ponto de vista foi principalmente Roberto Martins, colaborador do jornal no Rio. Embora a existência do jornal tenha sido um fator positivo na luta oposicionista, disse Martins, nos últimos tempos ele cometeu erros de indefinição do programa. Isto porque não acompanhou a divisão da oposição em dois campos: o operário e popular, ao lado do qual o jornal deveria se alinhar; e o liberal-burguês-conservador, que deveria ser excluído da frente de apoio do jornal porque, vendo seus privilégios ameaçados, tende a conciliar.

Análise da crise e manutenção do programa e da luta

Raimundo Pereira, editor de Movimento, defendeu a manutenção do programa por achar que as correntes liberais-burguesas ainda compõem a frente oposicionista, e por uma necessidade básica: no Estado brasileiro não predominam os mecanismos liberais-burgueses. A frente é uma necessidade devido ao caráter militar do Estado brasileiro. As posições que negam a frente atrapalham não só o jornal mas também as lutas populares.

A proposta final de avaliação do trabalho aprovada pela Convenção continua os seguintes pontos:

1) Movimento é uma conquista relevante do movimento democrático e popular brasileiro. E sua história é um exemplo de luta em defesa intransigente das liberdades democráticas, da independência nacional e da elevação do padrão de vida material e cultural dos trabalhadores.

2) Movimento reafirma seu programa editorial básico, atualizado na Convenção de julho de 80.

3) Esta Convenção considera que o método correto de trabalho entre as forças democráticas e populares é o de se empenhar para levar adiante os compromissos definidos em comum, e só alterar esses esforços após entendimento e debate democrático. Portanto critica os que procedem de modo diferente.

4) A Convenção considera que as enormes dificuldades atuais do jornal têm o seguinte conjunto de causas externas e internas básicas:

a) causas externas:

- o terror acobertado e a serviço do regime militar que destruiu boa parte de suas receitas;

- a crise econômica que tanto elevou os custos da empresa além do previsto, quanto deteriorou o poder aquisitivo dos leitores;

- a conjuntura particular de avanço do movimento popular e democrático que está exigindo, com justa razão, que as correntes democráticas e populares se empenhem no lançamento e consolidação dos jornais partidários;

b) causas internas:

- a não concentração de recursos, tanto de administração quanto editoriais, nas questões básicas. Tanto a redação perseguiu uma enorme gama de assuntos, quanto a administração não se concentrou na promoção e elevação das vendas bruscamente afetadas.

5) A despeito das grandes dificuldades que o projeto enfrenta no momento, a Convenção reafirma a necessidade de um jornal que tenha as características que a experiência de Movimento demonstrou serem válidas e que constam de seu programa hoje reafirmado.

6) Portanto, qualquer que seja o desfecho desta Convenção, reafirmamos nossa disposição de nos empenharmos e agregar nossos esforços a um projeto com estas características básicas.

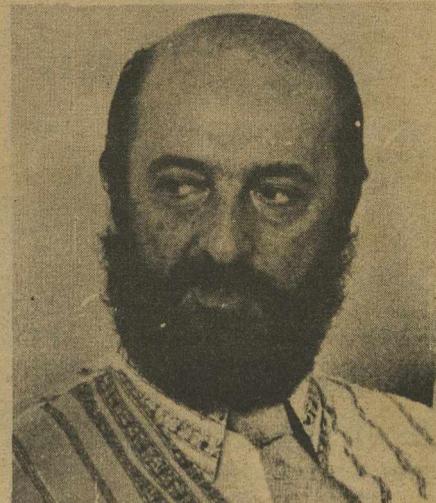
Desta proposta constava um outro item entre as causas internas que a Convenção não aprovou. O item alinha entre as causas das dificuldades do jornal a falta de empenho de muitos na aplicação do programa aprovado coletivamente. (Ver boxes das posições minoritárias, defendidas por Washington Oliveira, Roberto Martins e Raimundo Pereira).

Movimento e os parlamentares oposicionistas

O deputado Francisco Pinto ainda estava na prisão, em Brasília, no final de 1974, por causa do discurso que fizera condenando o golpe fascista do general Augusto Pinochet, quando começaram as primeiras conversações entre a equipe de jornalistas que fundaria o jornal Movimento e o grupo autêntico do MDB. Além de Chico Pinto, tiveram participação decisiva no empreendimento os deputados Alencar Furtado (líder do partido), Lysâneas Maciel, Fernando Lira, Airton Soares e Jorge Uequed. O aguerrido grupo de parlamentares, que voltou a falar das torturas, da censura, do pisoteamento, por parte da ditadura militar, dos mais elementares direitos dos trabalhadores — assuntos considerados tabu naquela época — comprometeu-se a contribuir com um quarto do capital necessário para que Movimento fosse lançado, ou seja, Cr\$ 250 mil. Na época quase cinquenta deputados subscreveram cotas de 5 mil cada um.

Chico Pinto saiu da cadeia em abril de 1975 e, logo depois, assumiu a chefia da sucursal de Movimento em Brasília, que estava sendo montada numa sala do décimo andar do edifício Márcia, no setor comercial Sul.

A partir de julho, quando saiu o primeiro número do jornal, Pinto passou a ser responsável pela coluna "A Semana em Brasília", através da qual veiculou vários furos jornalísticos, apesar da censura. Foi ele, por exemplo, quem primeiro informou que o Palácio do Planalto estava preparando a manobra da "distorção lenta,



Chico Pinto: chefia da sucursal

Só para ficar com dois exemplos, foi Movimento quem "descobriu", antes da imprensa comprometida com os monopólios, duas das mais expressivas lideranças oposicionistas atuais: o ex-deputado pernambucano Jarbas Vasconcelos e o líder do PMDB na Câmara, Odacir Klein.

Foi decisivo o papel jogado por Movimento — dando voz aos parlamentares do grupo autêntico que escaparam do AI-5 e aos do grupo neo-autêntico que continuou sua tradição — para que o MDB adotasse no seu programa a palavra de ordem da convocação de uma Assembléia Constituinte, livre e soberana. No dia em que o diretório nacional do partido se reuniu em Brasília para decidir esta questão, 400 exemplares de um caderno especial sobre a Constituinte, preparado pela equipe do jornal, foram vendidos entre os delegados do MDB.

No início de 1978, foi lançado outro caderno especial, contendo os principais discursos dos parlamentares do MDB no ano anterior. É interessante



Odacir Klein, Airton Soares, Alceu Collares, Antonio Mariz

gradual e segura", posteriormente transformada em "A abertura Política".

Por causa da intensa participação do parlamentar baiano na sua feitura, Movimento passou a ser conhecido em algumas rodas políticas como o jornal do Chico Pinto. Ainda hoje, o jornal é chamado desta maneira pelo presidente do Senado Federal, Jarbas Passarinho. Inteligente, Passarinho foi um dos raros e primeiros políticos do regime militar a assinar Movimento (recentemente ele renovou a assinatura), sem dúvida nenhuma para melhor conhecer seus inimigos.

O mútuo apoio entre os parlamentares de oposição e Movimento permaneceu estreito e duradouro durante todos esses seis anos e meio. Quando foi cassado em 1976, por ter criticado a cassação de Lysâneas Maciel, o deputado gaúcho Amaury Muller passou a fazer uma coluna de economia para Movimento. De cada cinco artigos que escrevia, apenas um era liberado pela censura, como ocorria com as demais matérias enviadas à Polícia Federal.

observar que dos 40 participantes da publicação, apenas três não conseguiram a reeleição no final daquele ano. Assim mesmo um deles, deputado Jarbas Vasconcelos, só não se elegeu senador por causa das sublegendas, que deram a vitória ao arenista Nilo Coelho.

Mesmo com a divisão do MDB e a criação de vários partidos de oposição, Movimento continuou merecendo o apoio e solidariedade da oposição parlamentar mais comprometida com os interesses populares. Em maio deste ano, quando foi decidida a continuação do jornal, apesar da gravidade da sua situação econômico-financeira, o jornalista Raimundo Pereira voltou a Brasília, para, mais uma vez, "passar o chapéu" entre os amigos. A reunião onde se discutiram os problemas enfrentados pelo jornal, realizada na residência do deputado Hélio Duque (PMDB-PR), foi convocada conjuntamente pelos deputados Odacir Klein (líder do PMDB), Airton Soares (líder do PT), Alceu Collares (líder do PDT) e Antonio Mariz (vice-líder do PP).



Movimento na LSN: Tônico Ferreira, editor, em julgamento



Samuel, ex-chefe do arquivo



Raimundo Rodrigues Pereira

Nos bastidores de Movimento

Histórias não contadas sobre o dia-a-dia da redação de um jornal perseguido e sob censura

Cada redator, cada colaborador de Movimento chegou ao jornal por seu caminho pessoal e na certa o vê como uma passagem. Não sendo como um castelo de pedra e argamassa, que se constrói para ser eterno, um jornal é talvez como uma viagem. Assim começava o editorial do número zero de Movimento, que circulou em junho de 1975, escrito pelo editor Raimundo Rodrigues Pereira. "Nasce um jornal", anunciava-se, e acrescentava-se: "um jornal de jornalistas". De fato, Movimento originou-se do núcleo de quarenta jornalistas que fizera, com o empresário Fernando Gasparian, o semanário Opinião. Antes mesmo de sair o número zero, a equipe já levantara 750 mil cruzeiros com 160 acionistas, dos quais cem trabalhavam em redações. Raimundo é que formava a equipe e batilhava o dinheiro: Comprou o mais barato paletó do Mappin e, para impressionar ainda mais os prováveis co-tistas, dizíamos que, tal qual Francisco Julião fazia para compadecer os camponeses, nosso editor tomava vinagre e empalidecia.

O que motivava o apoio, contudo, eram as propostas de um jornal democrático a ser feito em pleno regime terrorista. Um jornal político, que assumia sua parcialidade e ajudava a destruir o mito de que jornalista é um técnico, se não da neutralidade ao menos, da objetividade. Um jornal sem padrões, porém, era — e ainda é, —

uma experiência nova, difícil de ser praticada. O diretor de teatro Fernando Peixoto, um dos doze membros do Conselho de Redação* inicial, aproveitou uma viagem à Europa para informar-se da experiência do Le Monde, o primeiro jornal de jornalistas de que tínhamos notícia. Na organização interna, contudo, pouco teríamos a aplicar do Monde.

O núcleo que tocava a redação de São Paulo, por exemplo, renunciou a salários razoáveis nas grandes empresas e, para sobreviver com o minguado pagamento de Movimento, dependia dos salários das mulheres. A vida familiar era muito sacrificada porque trabalhava-se muito para alimentar a ferocidade da censura e contornar os problemas comuns a uma publicação política formada tão distintamente. Havia os que fugiam. Marcos Gomes, com a família no Rio e ainda traumatizado com as noites insones que atravessou em Opinião, resistiu a mudar-se para São Paulo: "Vamos que agora é pouco trabalho: Já não se vira a noite", dizia-se ao Marcos.

Ele veio e constatou que tudo era igual a Opinião. Sorrateiramente deixou um bilhete e voltou para o Rio: Sair do jornal era difícil. Algo como um comando persuasório ia atrás do fugitivo bombardeá-lo com argumentos para a volta. Raimundo era mestre nisso: Quem de fato queria sair não podia aceitar conversar com ele.



A equipe inicial da redação de Movimento, 1975



A Convenção de Movimento, em julho de 1980

Como em qualquer publicação que trabalha com poucos assalariados fixos e muitos colaboradores, Movimento sofreu o antigo problema dos canos, tão velho quanto o jornalismo: Reportagens sensacionais que se anunciavam nas reuniões de pauta não apareciam na hora de se imprimir o jornal. Criamos, na Editoria de Assuntos Nacionais, uma pasta de "Desculpas Esfarapadas" — engrossada semanalmente pela úlcera de um dos editores. Um correspondente em Recife não fez uma matéria prometida e, sem coragem de dizer, teve a pachorra de expedir o malote apenas com jornais. Horas depois telefonou: "Olha, esqueci a matéria em cima da mesa". O recorde ficou com um correspondente em Porto Alegre, que mandou um recado no lugar de um texto: "Não pude fazer a matéria porque choveu e a sola do meu sapato descolou na água".

Um jornal político no início do governo Geisel fatalmente atraía muitos colaboradores que não sabiam: — mas insistiam — em escrever. A estrutura democrática da redação mandava que se desse atenção a todos eles, não só ensinando-os a sintaxe jornalística como explicando, às vezes sem nenhuma paciência, porque tal artigo não fora publicado: Havia, ainda, os que relutavam em escrever, como o secretário Antonio Carlos Ferreira, Tônico, que preferia diagramar e elaborar (sérias) teorias sobre como "grampear laudas". Aos diagramadores novatos, Tônico adorava dizer que não deviam usar máquina e sim fazer todos os cálculos com o lápis. Não se sabe se por esse motivo as matérias sempre estouravam, isto é, ultrapassavam o espaço reservado a elas na página.

Movimento talvez tenha sido o jornal legal com mais pseudônimos. Muitíssimos jornalistas encaminhavam à reda-

ção artigos vetados em suas empresas e os assinavam com um nome qualquer. Os da redação, por motivos variados, também se protegiam. O caso mais engraçado foi o do editor Sérgio Buarque, que assinou algumas matérias como Roberto Suzedelo. Um dia o redator Flávio Dieguez sugeriu a Sérgio que convidasse Suzedelo para as reuniões de pauta.

As reuniões, em geral, eram longas. Algumas duraram até doze horas. As de pauta, mais curtas, serviam para se debater tudo — da reforma agrária à promessa das calcinhas Hope, conforme um anúncio de out-door, de valorizar ou não o corpo da mulher. Nessas horas se estabeleciam as "políticas", como os cortes de matérias, as formas de driblar a censura. Uma tarefa dos editores era ensinar a "escrever para passar na censura". Certa vez, um editor mandou um alentado bilhete com tal orientação para a sucursal de Brasília. Explicava que estávamos numa ditadura militar com faceta fascista, mas não podíamos dizer isso: Tínhamos que encontrar formas adequadas, ainda que não expressassem completamente a realidade, de passar informações. O malote chegou atrasado em Brasília e, sem saber do bilhete, a sucursal entregou-o à censura.

São histórias de um jornal que surgiu como uma passagem para os jornalistas que o fizeram. Em geral, não integram a crônica que se faz de Movimento, mas, em verdade, atestam que mesmo numa experiência perseguida e difamada há lugar para a alegria.

* Antônio Dantas, Elías Andreato, Antonio Carlos Ferreira, Raimundo Pereira, Agostinho Silva, Jean-Claude Bernardet, Flávio Carvalho, Bernardo Kuzinski, Chico de Oliveira, Chico Pinto, Marcos Gomes, Maurício André, Teodoro Ranga.

Nós e a "gang do Planalto"

Para surpresa oficial, Movimento tinha boas fontes e pôde revelar o dia-a-dia dos governantes

"Era bem pouco o que eu podia fazer. Mas sem mim os opressores se sentiam mais seguros". (Bertolt Brecht)

Certa vez, ao referir-se a **Movimento**, o general Ernesto Geisel afirmou que o jornal "não era uma imprensa sadia". "... Porque não faz bem para a saúde deles", replicou, tempos depois, o ex-chefe da Casa Militar da Presidência da República, general Hugo Abreu, que havia passado para a dissidência com o objetivo de combater o grupo palaciano que ele qualificava de "a Gang do Planalto". Abreu se tornou nossa principal fonte militar desde o início da candidatura alternativa do general Euler Bentes Monteiro.

A ironia do general Hugo Abreu pôde ser comprovada no começo deste ano, depois que **Movimento** publicou um perfil do capitão Heitor Aquino Ferreira, com revelações exclusivas sobre a carreira e o caráter do ex-todo-poderoso secretário particular do presidente da República. (**Movimento** nº 294).

Na semana em que saiu publicado o perfil, Aquino foi poucas vezes trabalhar no Palácio do Planalto e procurou manter-se afastado dos jornalistas. Um empresário paulista, ligado a uma revista semanal de informações, que estava com ele naqueles dias, o encontrou bastante abatido e com ganas de estrangular o repórter responsável pelo artigo. "Se estivéssemos na época da exceção, eu resolveria esse caso com facilidade", confessou Aquino, depois de admitir, parcialmente, as verdades contidas na matéria. O empresário chegou a censurá-lo pela falta de espírito esportivo: "Ora, Heitor, democracia é assim mesmo, é bom você ir se acostumando. A propósito, eu soube que esta é apenas a primeira parte da sua biografia, a outra parte ainda será publicada".

Segundo informações que **Movimento** obteve na época, temeroso de que a reportagem tivesse uma grande repercussão, o próprio Heitor Aquino tomou a iniciativa de entregar um cópia ao general João Baptista Figueiredo, "antes que a notícia chegue ao senhor por terceiros". A preocupação de Aquino se justificava ainda mais porque faltava apenas uma semana para a eleição de Nelson Macchêzean à Presidência da Câmara dos Deputados. Aquino, como se lembra, foi o seu principal articulador, através do clássico esquema de pressões e corrupção do Planalto.

Denunciar a ação desse esquema repressivo sobre a sociedade — que é da essência do Estado Militar no Brasil — foi uma das principais tarefas a que se propôs **Movimento** ao longo de sua existência. Para que isto fosse possível, foi necessário que cultivássemos fontes de informação que entendessem, não na teoria, mas sobretudo na prática, o funcionamento das engrenagens desse tipo de poder. Dentre essas fontes que privaram

a intimidade do "outro lado do poder" — e elas não foram poucas — duas eram do estrito círculo familiar do ex-presidente Geisel.

Foi assim que, embora contando com pouco recursos materiais, **Movimento** pôde revelar as facetas ocultas de alguns dos mais importantes personagens do regime militar.

Em novembro de 1978, por exemplo, publicamos a exemplar história política de Humberto Esmeraldo Barreto, o "predileto" de Geisel, hoje na diretoria da Transbrasil S/A, Linhas Aéreas (**Movimento** 175). Por incrível que pareça, o nome de Esmeraldo chegou a ser cogitado pela gang para ser o possível substituto civil do general Figueiredo.

Em março de 1979, foi a vez do general Geisel merecer um longo perfil de **Movimento** (nº 194), com o título "O retrato de um déspota". Num dos trechos dessa biografia, que obteve longa repercussão, lê-se: "Vermelho de raiva, dando murros na mesa e gritando palavras — essa era uma imagem típica do general Geisel em pleno exercício da Presidência da República. (...) O general Hugo Abreu conta que, em sua primeira audiência com Geisel, tomou um susto quando o presidente se referiu aos berros e palavras sobre o embaixador Delfim Netto: "Aquele (- -) do Delfim devia estar era preso".

Para infelicidade geral do país, Delfim, como se viu depois, não foi para a cadeia como o "Alemão" desejava, mas assumiu o Ministério da Agricultura e posteriormente a Secretaria do Planejamento do governo Figueiredo.

Em fevereiro de 1979, **Movimento** publicou, depois de ouvir algumas das raras pessoas que tiveram acesso ao famoso dossiê preparado pelo coronel Raimundo Saraiva contra o "Embassadeur Dix pour Cent", o "Nosso relatório Saraiva"



Nº 168, 18/9/78



com revelações exclusivas sobre as vantagens em dólar que Delfim obteve com as transações comerciais realizadas entre os governos do Brasil e da França através da embaixada brasileira em Paris (**Movimento** 188).

Justamente nesta ocasião o nosso diretor Antonio Carlos Ferreira teve que depor na Auditoria Militar de São Paulo, respondendo ao processo que nos moveu a Justiça Militar por causa de matérias consideradas "atentatórias à segurança nacional". Dos autos constavam até mesmo algumas charges publicadas na seção "Corta Essa", pouco antes das eleições de novembro de 1978, em número apreendido pela Polícia Federal, e que foram consideradas "insultuosas ao general Figueiredo" (**Movimento** 177).

O processo não nos intimidou. Um mês depois saímos com um dos maiores furos da imprensa brasileira nos últimos anos, revelando que o Brasil ia invadir o Uruguai se a frente de esquerdas uruguaias, liderada pelo general Arturo Liber Seregni, vencesse as eleições em 1971 (**Movimento** 195). O sinistro plano, elaborado pelo ex-comandante do III Exército, general Breno Borges Fortes, foi confirmado a **Movimento** pelo general Hugo Abreu e por um coronel, hoje na reserva, que servia no Rio Grande do Sul em 1971 e que se recusou a participar do plano.

As sucessivas pautas de assuntos militares garantiram a **Movimento** uma ampla audiência entre alguns setores das Forças Armadas. Durante a cobertura da candidatura do general Euler Bentes Monteiro, o reparte do jornal sempre se esgotava na banca de jornais da Super-Quadra Sul, 103, em Brasília, onde residem oficiais do Exército.

A "Gang do Planalto" era a nossa especialidade. No início de dezembro de 1980, publicamos a trama da queda e substituição do ministro da Educação e Cultura Eduardo Portella (**Movimento** 283). Por causa dessa reportagem os editores de uma revista semanal de informações, cuja pauta política não raras vezes era sugerida e discutida pelo capitão

Heitor Aquino Ferreira, chegaram a nos acusar de roubar a história, como se **Movimento** não tivesse suas próprias fontes no Palácio do Planalto. (Nesse mesmo número, por exemplo, previmos numa nota, com absoluta exatidão, a queda do ministro Said Farhat, da extinta SECOM, que se efetivou poucas semanas depois).

Outra de nossas previsões foi a ascensão do vice-presidente Aureliano Chaves à Presidência. Havíamos publicado um artigo mostrando até que ponto haviam chegado as desavenças de Aureliano com alguns membros da "Gang", inclusive tendo chegado às vias de fato com o ministro Delfim Netto, durante uma acalorada discussão sobre a performance econômico-financeira da Açominas (**Movimento** 289). No número seguinte (**Movimento** 290), publicamos um artigo, demonstrando que o movimento "Em Defesa da Nação Ameaçada", deflagrado pelo general Antônio Carlos de Andrada Serpa em dezembro de 1980, visava alertar o país para a possibilidade de um golpe militar da extrema-direita a partir de uma possível renúncia de Figueiredo.

O atentado frustrado do Riocentro, na véspera do 1º de maio, culminando uma longa série de ações da extrema-direita, viria confirmar as apreensões do general Serpa. A queda do general Golbery do Couto e Silva no começo de agosto, a crescente propaganda em torno da candidatura do general Octávio Medeiros à Presidência da República (**Movimento** 320) e a nebulosa situação política criada depois do enfarte do general Figueiredo as reconfirmariam.

Por causa do acompanhamento sistemático que **Movimento** fez das marchas e contra-marchas da "Gang do Planalto", provavelmente seus membros, que hoje se encontraram divididos — Golbery, Geisel e Aquino de um lado, Medeiros e Danilo Venturini do outro — seriam capazes de se reunir para juntos espocar uma garrafa de champanhe e brindar à última edição de nosso jornal.

PARTICIPE

**da prestação de contas,
esclarecimentos e debates
da experiência de
Movimento.**

Rio de Janeiro

Sindicato dos Jornalistas — Rua Evaristo da Veiga,
16, 17º andar 5ª feira, 26 de novembro, às 20 horas.

Campinas

Pontifícia Universidade Católica
5ª feira, 26 de novembro, às 20 horas.

Salvador

Instituto dos Arquitetos do Brasil
Ladeira da Praça, S/Nº — Edifício dos Arquitetos
5ª feira, dia 26 de novembro, às 20 horas

São Paulo

Sindicato dos Jornalistas, rua Rêgo Freitas,
530, Sobreloja.
Auditório Wladimir Herzog
Sábado, dia 28 de novembro, às 20 horas.

Comunicado aos assinantes de Movimento

Ao decretar o fechamento de Movimento, por absoluta impossibilidade financeira de manter o projeto, a Assembléia Geral de Trabalhadores de Edição S/A, assumiu a tarefa de saldar todos os seus compromissos, inclusive com os assinantes.

Apesar disso, faz um apelo aos assinantes que puderem abrir mão de sua assinatura — e inclusive os que puderem manter o pagamento das promissórias ainda por vencer — que o façam, pois estarão ajudando a saldar as dívidas de Movimento, provocadas principalmente pelos atentados terroristas às bancas, que fizeram baixar essas vendas de 9.500 jornais por semana, para 3.600.

Para qualquer contato, escreva para o endereço provisório de Edição S/A: rua Fernão Dias, 144, cep. 05427 Pinheiros-São Paulo, Capital

SINDICATOS

A condenação dos Treze do ABC

A anulação de Brasília não foi um recoo no processo

“Os movimentos dos trabalhadores vão acontecer milhares de vezes ainda por este país. Só vão parar de acontecer quando acabar a fome da classe trabalhadora, no dia em que eles tiverem emprego, estabilidade, casa para morar”. Luiz Inácio da Silva, o Lula, disse estas palavras ao deixar, chorando, a 2ª Auditoria Militar de São Paulo onde, juntamente com dirigentes sindicais metalúrgicos de São Bernardo e Santo André (SP), foram condenados a penas que variam de dois a três anos e seis meses de prisão. O motivo da condenação: a greve dos metalúrgicos do ABC, em 1980, na qual os dirigentes condenados tiveram papel destacado na liderança da categoria em luta na defesa dos seus direitos e por uma vida melhor.

O primeiro julgamento de Lula e seus companheiros ocorreu em março passado. Entretanto, devido às evidentes irregularidades com que esse julgamento foi conduzido, o Supremo Tribunal Federal anulou-o, determinando que a Justiça Militar de São Paulo procedesse a um outro — este onde a sentença anterior foi praticamente confirmada.

A anulação do primeiro julgamento foi interpretada por algumas pessoas como um recoo do governo; outros, entretanto, menos otimistas, acreditaram que o governo buscava apenas ganhar tempo na questão. Esta avaliação parece confirmada pela sentença emitida na quinta-feira passada.

A condenação dos metalúrgicos, por outro lado, é um indício também do fortalecimento dos setores duros do Exército no seio do governo — o general Coelho Neto, comandante do Estado Maior das Forças Armadas, nunca escondeu sua saudade do fascismo, e a posição de destaque que ocupa na hierarquia militar possibilita-lhe ampla margem de manobra para articulação dos duros. Esse fortalecimento da ultra-direita explica, inclusive, a indiferença com que os juizes militares ouviam as palavras dos advogados de defesa. Como num jogo onde as cartas estão marcadas, eles aparentemente conheciam previamente os resultados do julgamento que nenhum recurso de oratória, ou apelo às leis, poderia mudar.

A condenação, entretanto, não encerra o processo. Os condenados têm o prazo de 10 dias para recorrer das sentenças. São eles: Djalma de Souza Bom, três anos (no primeiro julgamento, dois anos e meio); Enilson Simões Moura, o “Alemão”, três anos e meio (a mesma no anterior); Gilson Correia de Menezes, dois anos e meio (a mesma); José Maria de Almeida, dois anos e meio (a mesma); Juraci Batista Magalhães, três anos (dois anos e meio no julgamento anterior); Luiz Inácio da Silva, três anos e meio (a mesma); Manoel Anísio Gomes, dois anos e meio (a mesma); Nelson Campagnolo, dois anos (a mesma); Osmar Mendonça, dois anos (dois anos e meio no julgamento anterior); Rubens Teodoro de Arruda, três anos (três anos e meio no

primeiro julgamento); Wagner Lino Alves, dois anos (a mesma).

Os condenados são todos trabalhadores, com passagem pelas maiores indústrias do ABC. Eles são:

Djalma de Souza Bom: mineiro de 42 anos, é sindicalista desde 1965. Hoje, é o presidente do PT em São Paulo.

Enilson Simões Moura: O “Alemão”, também mineiro, tem 31 anos, e está em São Paulo desde 1972. Embora não fosse diretor do sindicato, era um militante ativo, tendo sido um dos principais dirigentes da greve de 1980, depois da prisão de Luiz Inácio da Silva. É membro do PMDB.

Gilson Correia de Menezes: Baiano, Gilson veio para São Paulo em 1958, com 9 anos de idade. Trabalha desde os 12 anos, e desde 1973 é membro do Sindicato de São Bernardo. Em 1979, Gilson foi eleito presidente do Fundo de Greve. Faz parte da Comissão Municipal do PT.

José Maria de Almeida: é o mais jovem dos condenados, com apenas 23 anos de idade. Nascido no interior de São Paulo, veio para Santo André em 1970. Militante sindical desde 1976, foi preso e torturado em 1977 por distribuir convocações para o 1º de Maio. É membro da Comissão Municipal do PT.

Juraci Batista Magalhães: Em São Paulo desde 1969, Juraci é baiano, de 31 anos. Sindicalista desde 1976, em 1978 foi eleito diretor de base do sindicato. É membro do PT.

Luiz Inácio da Silva: o “Lula”, presidente nacional do PT, foi eleito para seu primeiro cargo sindical em 1972. Nas eleições seguintes (1975 e 1978) foi eleito presidente da entidade. Pernambucano, ele veio para S. Paulo aos 4 anos de idade. Casado, “Lula” tem três filhos.

Manoel Anísio Gomes: o “Mané”, um pernambucano que veio para São Paulo com 17 anos, é metalúrgico desde 1964. Sindicalizou-se em 1976, e foi membro da Comissão de Fábrica da Scania, tendo sido demitido em 1977 em virtude da sua atuação em defesa dos operários. Membro da Executiva Municipal do PT, “Mané” tem 36 anos.

Nelson Campagnolo: nascido no interior de São Paulo, aos seis anos já ajudava o pai na roça. Em 1963 veio para São Paulo e, em 1964, associou-se ao Sindicato. Seu primeiro mandato sindical veio em 1969. Em 1972, tornou-se diretor efetivo, até sua cassação, em 1980. Militante do PT, tem 39 anos.

Osmar dos Santos Mendonça: “Osmarzinho” é mineiro, e aos 8 anos já ajudava o pai numa criação de porcos. Veio para São Paulo com 21 anos, e em 1976 iniciou sua militância sindical. Embora não fosse diretor do Sindicato, era membro da Comissão de Salários, e foi um dos principais líderes da greve depois da intervenção e da prisão de “Lula”.

Rubens Teodoro de Arruda: O “Rubão” nasceu no interior de São Paulo, onde começou a trabalhar aos 10 anos de idade. Membro da diretoria do sindicato desde 1965, foi vice-presidente em 1972, 1975 e 1978. É militante do PT.

Wagner Lino Alves: nascido na capital paulista, há 33 anos. Em 1978 começou a trabalhar em São Bernardo, onde iniciou intensa militância sindical. Wagner é militante do PT.



Kissinger: conferencista



Leitão: acertado em cheio

ESTUDANTES

Kissinger e Leitão ovacionados na UnB

Ovos e tomates contra o emissário da Casa Branca

“Fora assassino, mais verba para o ensino”. “Um, dois, três, quatro, cinco mil, imperialista caia fora do Brasil”, “Kissinger é ladrão, mas sai de camburão”.

Estas três palavras de ordem foram as mais usadas na manifestação ocorrida na Universidade de Brasília, na quarta-feira da semana passada, contra a presença do ex-secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger. Durante a manifestação, revivendo uma antiga tradição popular antiimperialista, os estudantes literalmente enxotaram Kissinger do auditório onde ele proferia uma conferência sobre “as relações internacionais na década de 80”, pelo preço de 15 mil dólares, pagos pela UnB, pela Fundação Roberto Marinho e pelo Banco do Brasil.

Depois de realizar uma assembléia e uma passeata, onde não faltou a clássica queima da bandeira americana, quase mil estudantes cercaram o auditório 2-Candango. Animados com palavras de ordem, eles dispararam ovos, tomates e torrões de terra nos espectadores que se aventuraram a sair do auditório.

Para se retirar do local, Kissinger, acompanhado do reitor da UnB, o capitão de mar-e-guerra José Carlos de Azevedo, teve que passar pelo vexame de entrar no camburão da Polícia Militar e sair em alta velocidade. O ex-secretário de Estado americano escapou dos ovos, mas igual sorte não teve o chefe da Casa Civil da presidência da República, ministro Leitão de Abreu, que tentou escapar do cerco e foi alvo certo de dois ovos: um na nuca e outro nas costas.

Vários diplomatas que assistiram à conferência também foram atingidos por ovos e tomates podres. Eles só puderam ir embora depois da chegada de dois choques da PM que formaram um corredor polonês para protegê-los. Para seu maior azar, todos os carros no estacionamento estavam com os pneus furados, inclusive os do automóvel do correspondente da agência soviética de

notícias, Tass. O mesmo ocorreu inclusive com um camburão da polícia.

A manifestação dos estudantes foi preparada com antecedência e contou com o apoio da Associação dos Docentes da UnB, ADUnB. No dia anterior, o DCE-Livre e a ADUnB divulgaram uma nota de repúdio à presença de Kissinger, subscrita por dezenas de sindicatos e associações, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), a Comissão Pró-CUT, o PT, PMDB e Federação Nacional dos Jornalistas.

O presidente do PMDB, deputado Ulisses Guimarães, e as lideranças do PT e do PDT na Câmara deram seu apoio aos manifestantes.

Como era de se esperar, a manifestação na UnB teve grande repercussão internacional. O presidente Ronald Reagan, dos EUA, pediu confirmação ao capitão Azevedo, da notícia de que Kissinger havia sido seqüestrado, conforme diziam as primeiras informações das agências internacionais.

Na opinião do jornalista José Silveira da *Folha de S. Paulo*, a vinda de Kissinger ao Brasil não foi inocente. A conferência na UnB teria sido apenas um pretexto. O ex-secretário de Estado na verdade, segundo Silveira, teria vindo ao Brasil como portador de alguns recados de Reagan ao governo brasileiro, cuja política internacional, principalmente em relação a África, não tem agradado aos americanos.

O tema da palestra de Kissinger na UnB baseou-se na tese do ex-presidente Carter, de que “para onde pender o Brasil, penderá a América Latina”. O puxão de orelha no governo brasileiro Kissinger deve ter dado durante o encontro com o presidente Figueiredo antes de seguir para o Rio de Janeiro em direção a Lima. Como em Brasília, Kissinger foi recepcionado com uma vigorosa manifestação estudantil em Lima.

Ao final da semana, os estudantes da UnB estavam bastante preocupados com a ameaça de enquadramento na Lei de Segurança Nacional. O portavoz do Palácio do Planalto, Carlos Átila, havia anunciado que a Polícia Federal está identificando os manifestantes para preparar a abertura de processo criminal.

A solidariedade dos amigos de Movimento

O fechamento do jornal *Movimento*, — decidido no penúltimo fim de semana na convenção de seus trabalhadores, realizada em São Paulo — foi um dos acontecimentos políticos marcantes da semana.

Além dos inúmeros telefonemas e visitas de amigos e colaboradores, a redação de *Movimento* recebeu a solidariedade de parlamentares, sindicalistas e jornalistas. Mal foi divulgada a notícia, os deputados Fernando Moraes (PMDB/SP) e Eduardo Suplicy (PT/SP) ocuparam a tribuna da Assembléia Legislativa paulista para manifestar sua solidariedade ao jornal.

O deputado Fernando Moraes, além disso, publicou um artigo em 50 jornais do interior de São Paulo, relatando o acontecimento. Os trechos principais deste artigo estão publicados na página 6 desta edição.

Na Assembléia Legislativa de Pernambuco, no dia 17, o deputado Sérgio Longman lamentou que *Movimento* veja-se obrigado a deixar de circular “ante as sérias dificuldades enfrentadas durante os quase sete anos de sua existência, colocando-se sempre contra o regime autoritário e pregando ao longo desse período, a duras penas, os princípios democráticos e libertários. Mas, o fato é que os atentados terroristas às bancas dos jornais e revistas do país, comprometeu a vida de vários órgãos da imprensa alternativa, inclusive de *Movimento*, baixando de 9.500 para 3.800 exemplares a sua tiragem. Esta é a notícia que acabamos de ler na *Folha de S. Paulo*, deixando-nos tristes mas, ao mesmo tempo, confiantes em que o jornalista Raimundo Pereira, diretor de *Movimento* e que resistiu a todas as pressões políticas e econômicas, continuará com a sua luta contra a violência e procurando informar livremente a população brasileira, em defesa da democracia”.

As manifestações de solidariedade multiplicaram-se no decorrer desta última semana de vida de *Movimento*. A Associação Brasileira de Imprensa do Rio de Janeiro, os Sindicatos dos Jornalistas do Rio de Janeiro, Alagoas e Bahia; o jornal *Fala, Paraná*, de Londrina; a Executiva Estadual do Partido dos Trabalhadores, da Bahia; o médico e democrata David Lerer; o grupo de música Galo de Briga, da periferia de São Paulo — todas estas entidades enviaram declarações escritas de solidariedade a *Movimento*. Além dessas manifestações, houve um enorme número de pessoas — amigos e colaboradores do jornal — que telefonaram ou visitaram a redação na semana passada.

“O jornal pára; movimento jamais”, afirmou David Lerer em seu telegrama. “Esperamos que o importante noticioso das lutas populares e democráticas volte a circular em breve”, disse o telegrama do PT da Bahia.

“Lamentamos que o jornal *Movimento* deixe de circular e fazemos votos para que no futuro próximo resolva sua situação financeira. Com a suspensão da circulação do jornal *Movimento*, o país perde um dos seus mais consequentes meios de comunicação” — este é o texto de uma moção de solidariedade, sugerida pelo jornalista Othon Jambeiro (candidato a presidente do Sindicato dos Jornalistas da Bahia), aprovada em uma assembléia daquele sindicato.

O sindicato dos Eletricitários da Bahia enviou também uma moção de solidariedade, assinada por seu presidente, Lázaro Bilac de Souza: “Estamos abalados com a notícia de que o jornal *Movimento* deixará de circular. Entendemos que a crise financeira do jornal foi provocada pelos anos de censura, e mais recentemente, pelos atentados terroristas às bancas, até hoje não apurados pelo governo militar, responsável direto pelo fechamento de *Movimento*. Estamos solidários com a equipe do jornal e com seu editor-chefe, Raimundo Rodrigues Pereira, pelos relevantes serviços prestados na defesa dos interesses do povo brasileiro e contra a exploração e opressão da ditadura militar. Por isso temos certeza de que todos os trabalhadores e democratas do Brasil não pouparão esforços para garantir a sobrevivência e o relançamento de *Movimento*, um jornal independente, que despertou a consciência de milhares de brasileiros com sua informação honesta e que se tornou ao longo de sete anos, num dos maiores patrimônios dos que lutam pela democracia em nosso país”.

Finalmente, o deputado Eduardo Matarazzo Suplicy enviou a seguinte carta à redação de *Movimento*: “A luta de vocês não morre com a difícil situação que os levou a interromper a edição do *Movimento*. Estará sempre forte em nós a lembrança viva do exemplo de quem procurou dar tudo de si para construir um jornal independente de quaisquer pressões que não fossem a vontade de levar a informação verdadeira que o povo precisava e precisa saber”.

VENDEMOS COLEÇÕES COMPLETAS DE MOVIMENTO

Pedidos para: Edição S/A

— Rua Fernão Dias, 144

— CEP 05427 —

Pinheiros - São Paulo

Participaram desta edição

Adélia Borges, Alcy Linares, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Moura, Antonio Carlos Queiróz, Armando Sartori, Carlos Eduardo Carvalho, Carlos Machado, Dilair Aguiar, Eliza Pati, Ely Menna Barreto, Flávio Carvalho, Flávio Diegues, Ida Bismara, Igor Fuser, Itamar José de Oliveira, Jô Azevedo, José Carlos Ruy, Lais Oreb, Levi Mendes Jr., Lia

Furtado, Lia Strauss, Lúcia Helena Caetano, Márcio Bueno, Márcio Tavares de Albuquerque, Maria Leonor Viana, Maria Stella Magalhães Gomes, Mário Serápicos, Maristela Maffei, Marli Belloni, Maurício Antonio de Jesus, Murilo Carvalho, Otto Filgueiras, Paulo Araújo, Raimundo Rodrigues Pereira, Ranulfo Gomes, Roberto Martins, Roniwalter Jatobá, Sérgio Buarque de Gusmão, Sérgio Ferreira da Silva, Sérgio Lessa, Sílvio Barini, Sílvio Arruda Nascimento, Sônia Foianesi, Sônia Pinheiro de Souza, Tibério Canuto, Virginia Botelho, Washington Oliveira.

Por um jornal democrático e popular independente e pluralista

As pessoas se reuniram em torno de **Movimento** para produzir um jornal. Este é o objetivo que as reúne: servir ao movimento popular e democrático, divulgando informações, análises e opiniões. Portanto, o objetivo básico de **Movimento**, como dizia seu programa inicial, é “apresentar, analisar e comentar os principais acontecimentos políticos, econômicos e culturais” do país e do mundo e “descrever a cena brasileira, as condições de vida da gente brasileira”.

Fiel a esse compromisso, o jornal deve partir dos fatos tais como eles são, deve retratá-los na maneira mais fiel possível, não pode omitir nenhum fato relevante, não deve ter medo de enfrentar nenhum tema que seja colocado em relevância pelos processos econômico, político ou cultural. O jornal deve partir da realidade e não de seus desejos ou pontos de vista. Esta é a melhor maneira de ajudar o povo a compreender o mundo em que vive para que participe da vida cultural e da luta política e se empenhe na solução de seus problemas.

No entanto, para selecionar os assuntos a cobrir e as opiniões a publicar, para escolher os aspectos relevantes de cada cobertura, **Movimento** tem que partir, como qualquer outro jornal, de uma visão de conjunto dos acontecimentos e dos interesses de determinadas classes e camadas sociais. Conforme dizia seu programa de fundação, **Movimento** sempre se propôs, não só a descrever a realidade, mas também a “acompanhar as lutas dos cidadãos brasileiros pelas liberdades democráticas, pela melhoria da qualidade de vida da população, contra a exploração do país por interesses estrangeiros, pela defesa de nossos recursos naturais e por sua exploração planejada em benefício da coletividade, pela divulgação dos reais valores artísticos e culturais do povo”.

Reafirmamos esse programa político-editorial. Ao mesmo tempo, julgamos conveniente destacar também nosso compromisso de investigar, denunciar e combater as manifestações de corrupção administrativa que chegaram a nosso conhecimento.

Movimento tem pela frente quatro tarefas básicas: 1— A ditadura militar persiste e, portanto, persiste a necessidade de formar contra ela uma vigorosa frente democrática e popular; é preciso então que o jornal cubra com destaque as ações comuns contra a ditadura militar; 2— Ao mesmo tempo, forçada pela crise econômica, pelas pressões internacionais e sobretudo pelo avanço do movimento democrático e popular, a ditadura não se mantém como antes; ao contrário, vem realizando modificações em seus métodos de governo, faz concessões efetivas a determinados setores e com isso promove realinhamentos entre as diversas forças sociais e políticas e espalha ilusões em certos setores oposicionistas; é preciso então combinar a luta contra a ditadura militar com o combate a todas as tentativas de conciliar com ela e facilitar suas manobras; 3— Embora determinados setores da oposição conservadora e reformista, vacilem, as concessões feitas pelo regime militar não resolvem quaisquer dos graves problemas do país e do povo; e, por esse motivo, a tendência não é de o regime aproximar-se do povo e consolidar-se, mas sim de isolar-se dele e, por ter feito concessões, facilitar o avanço popular. Ora, se o movimento popular, especialmente o movimento operário, avança, é preciso dar mais atenção à sua cobertura, aprofundar seu conhecimento, debater seus impasses, difundir suas experiências positivas e inovadoras; 4— Quanto à situação internacional, persiste um quadro de crise. De um lado, os imperialistas americanos

manobram politicamente para recuperar-se de suas graves derrotas na década passada e a economia dos EUA, Europa Ocidental e Japão está atolada numa situação de crescimento lento, desemprego aberto e inflação elevada. Enquanto isso, o antigo campo socialista também enfrenta problemas sociais, dissidências profundas e guerras. Nesse contexto, é preciso que o jornal combata todas as agressões imperialistas e defenda com firmeza a autodeterminação de todos os povos; ao mesmo tempo, deve difundir informações e análises sobre todas as experiências ou tentativas de construção do socialismo, sem assumir uma posição precipitada ou apologética em relação a nenhuma delas.

Compreendemos que a luta por liberdades democráticas significa, hoje, a defesa da anistia ampla, geral e irrestrita; o fim de todos os atos, emendas e leis de exceção, a dissolução dos órgãos de repressão política; a exigência de uma efetiva liberdade de organização sindical e partidária; e a necessidade de uma Assembléia Nacional Constituinte soberana e livremente eleitas, convocada por um governo que garanta as mais amplas liberdades democráticas; uma Assembléia Constituinte com essas características jamais poderá ser convocada pelo governo ditatorial do general Figueiredo ou por qualquer outro semelhante.

A luta pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores expressa-se hoje no movimento contra a nova política salarial e contra a alta do custo de vida, pelo direito à terra para quem nela trabalha e pelo combate à idéia de qualquer “pacto social” ou qualquer trégua nos movimentos reivindicatórios que facilitassem ao regime descarregar o peso da crise econômica sobre os trabalhadores.

Em relação à independência do país, entendemos que são as massas trabalhadoras que mais sofrem com a espoliação imperialista; no entanto, o jornal deve assumir também a denúncia da situação das pequenas e médias empresas, que sofrem as consequências tanto da dependência do país como da monopolização do capital. Ainda quanto à independência nacional, o jornal deve combater qualquer atrelamento de uma nação a outra — grande, média ou pequena. Ora, o princípio que conta é o de que cada povo deve libertar-se por si

mesmo, longe de pressões, ameaças, boicotes e invasões.

Reafirmando e atualizando essa orientação político-editorial, deixamos claro que, para nós, **Movimento** deve continuar sendo, como sempre, um **jornal de frente**, sem vinculação partidária, que tem como aspecto principal o combate ao regime ditatorial-militar e a defesa de um programa democratizador de acordo com os interesses populares; mas que tem também, como aspecto subordinado, o debate das posições divergentes no seio do movimento democrático e popular com o sentido de contribuir para a superação de suas debilidades.

Não entendemos, portanto, que um **jornal de frente** deva tratar a apenas das questões consensuais. Lutamos por um jornal que: 1º) apresente, analise e comente os principais acontecimentos políticos, econômicos e culturais do país e do mundo; 2º) defenda as posições unitárias do movimento democrático e popular; e 3º) divulgue todas as opiniões democráticas e populares relevantes sobre os temas em debate. Assim deve ser, em nossa opinião, um jornal democrático-popular, independente e pluralista.